

Francineide Pereira Silva

A LAGOA É NOSSA MÃE: UM ESTUDO SOBRE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE MEIO AMBIENTE NAS COMUNIDADES RURAIS DO ENTORNO DA LAGOA DO PIATÓ ASSÚ/ RN.

Imagem da Lagoa do Piató / Assú-RN 2003



Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), em cumprimento aos requisitos necessários para a obtenção do grau de Mestre em Sociologia.

Orientadora: Doutora Elizabeth Christina de Andrade Lima

Área de Concentração: Sociologia
Campina Grande – PB/ 2003

Francineide Pereira Silva

A LAGOA É NOSSA MÃE: UM ESTUDO SOBRE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE MEIO AMBIENTE NAS COMUNIDADES RURAIS DO ENTORNO DA LAGOA DO PIATÓ ASSÚ/ RN.

Imagem da Lagoa do Piató / Assú-RN 2003

APROVADA em Setembro de 2003

COMISSÃO EXAMINADORA:

Doutora Elizabeth Chistina de Andrade Lima - *UFCG/PB (Orientadora)*

Doutora Benedita Edina S. L. Cabral - *UFCG/PB*

Doutor Ramiro Gustavo Valera Camacho - *UERN/PRODEMA/PB*

Campina Grande
Paraíba - BRASIL
2003

DIGITALIZAÇÃO:

SISTEMOTECA - UFCG



Manuel Pereira da Silva, 86 anos- ex-pescador, comunidade Piató-Assú-

Primeiro entrevistado na comunidade Porto Piató contou à vida dessa gente e da terra em verso.

"Piató terra boa,

Piató terra minha,

Tudo que aprendi Piató foi que me ensinou".

Manuel, hoje é saudade para o povo do Piató que continuara contando a história do Piató.

***Dedico este trabalho aos
comunitários do entorno da
Lagoa do Piató.***

***Em memorium ao Senhor
Manuel Pereira da Silva,
morador da Comunidade
Porto Piató. Primeiro
entrevistado.***

AGRADECIMENTOS

*"Agradeço à luz divina e à Sabedoria eterna
por conduzir meus passos nessa vida terrena".*

Por mais que um trabalho de dissertação exija momentos de solidão, ele jamais é solitário. Por isso, começo por agradecer a todos que de alguma forma contribuíram para a sua realização. Foi fundamental o apoio, os incentivos de amigos, mestres, doutores, entidades e instituições Governamentais e Não-Governamentais para que mais esta etapa do mestrado fosse concluída. Obrigada a todas as pessoas. Sem a participação de todos que estiveram comigo nessa etapa teria sido mais complicada a sua conclusão;

Agradeço ao professor Severino José de Lima (Xangai), meu orientador por muito tempo, grande amigo revelado na trajetória do curso.

Agradeço à professora Elizabeth Christina de Andrade Lima, por assumir a orientação do trabalho, dando importantes contribuições para que eu concluísse mais essa etapa do mestrado. Sempre compreensiva e atenciosa a cada encontro nas orientações que também se revelou uma grande amiga, que além de transmitir seus ensinamentos acadêmicos, contribuiu também com meu crescimento pessoal.

Agradeço aos professores do Programa de Pós-Graduação em Sociologia- PPGS da Universidade Federal de Campina Grande, que contribuíram para minha formação acadêmica na Pós-Graduação; Aos amigos e secretários Joazinho e Rinaldo, da Pós-Graduação de Sociologia da UFCG -;

As professoras Benedita Cabral e Marilda Aparecida de Menezes pelas contribuições dadas no momento da qualificação do mestrado;

Aos companheiros da turma do mestrado de 2001, pois as diferenças também foram o motivo para reflexões; as nossas inquietações nos levavam a novas formas de pensar ampliando assim nossos conhecimentos de vida, não só acadêmica;

As amigas Maria Aparecida Queiroz de Lima, que foi a primeira em me incentivar para fazer mestrado. À Silvana Eloisa que sempre que pude sentou para debatermos sobre nossos projetos acadêmicos; À Maria do Socorro de Sousa, sempre atenta e perseverante na busca de novos conhecimentos; À amiga Maria Zélia Araújo, obrigada por

tudo. Não medindo esforço para ler e tecer valiosos comentários sobre a redação da dissertação. Agradeço também pelo carinho que sua família sempre me recebeu;

As minhas irmãs, Paula Francinete Pereira Silva e Francinely Pereira Silva, amigas e companheiras que sempre estiveram do meu lado apoiado meu trabalho, criticando sempre que acharam que precisaram obrigada, vocês foram bases sólidas para muitas decisões que tomei. A minha irmãzinha Franciellen Pereira Silva, criança feliz que me inspira a cada sorriso. Ao cunhado e amigo, Alexandre José de Andrade obrigada por também ter participado desse momento tão importante para minha vida; agradeço a minha irmã Francicleide Pereira Silva por ter me ajudado quando preciseci; a minha querida mãe Iraci Santos Silva, agradeço por tudo, você é fundamental em minha vida;

Agradeço aos amigos Edimar Teixeira Diniz Filho e Carlos George Fernandes Nunes engenheiros do Serviço de Apoio aos Projetos Alternativos Comunitários- SEAPAC – Mossoró, entidade que financiou, a pesquisa de campo; Aos(as) amigos(as) Damião Dantas de Souza, chefe da Floresta Nacional de Açú IBAMA/RN, pelo apoio logístico dado a pesquisa de campo no ano 2002, Marta Geruza, Francisco Canidê e Francisco (Chiquinho); Ao amigo Aldo Cardoso, obrigado por sempre divulgar a pesquisa em seu programa "Sementes do Amanhã" na Rádio Princesa do Vale;

Agradeço ao amigo José Batista Sobrinho (Zé Role), que sempre estava disposto e pronto para ir às comunidades a qualquer hora.

A todos aqueles que não cito o nome nesse breve texto também os agradeço. Vocês, foram importantes personagens nesta caminhada e não estão e nem serão esquecidos. Pois, a História não é construída apenas com o que dizemos, mas também com que sentimos e existe muita gente que contribuiu para minha chegada e permanência em Assú e juntos construímos esta história. Estas pessoas estão presentes no palco das emoções, do silêncio, do encanto, do desejo, estes são elementos importantes para aguçar a vontade de seguir, pois existe a esperança do reencontro. É nesse silêncio que também estão resguardados estes personagens que entraram em cena nesse palco da vida e fazem parte desta História.

Mas, o meu maior obrigada fica para a POPULAÇÃO das comunidades do entorno da Lagoa do Piató, com quem trabalhei durante o período da pesquisa de campo. Obrigado, pela generosidade, o carinho com que dividiram comigo, os trechos de suas histórias de vida, contadas enquanto recordação foi elementos importantes para a construção de uma nova versão de suas histórias. Um abraço sincero a todos. Assú é hoje parte da minha história de vida.

LISTA DE QUADROS

- **Quadro I** - Número de famílias por Comunidade no entorno da Lagoa do Piató07
- **Quadro II** - Principais espécies de Peixes na ictiofauna da Lagoa do Piató.....70
- **Quadro III** - Principais produtos agrícola para subsistência dos comunitários e comercialização na região.75
- **Quadro IV**- Principais Cidades e Comunidades de Origem da População no entorno da Lagoa do Piató – Assú/ RN 78
- **Quadro V** - Principais Empresas Capitalistas: Área Irrigada, Sistema de Irrigação e Tipos de Cultura – Baixo –Açu, 1991.....115

LISTA DE TABELAS

- **Tabela 1** – Projeto Baixo-Açu, Área de Influência do Projeto.....96
- **Tabela 2** – Projeto Baixo-Açu áreas diretamente atingidas pelo Projeto..97

LISTA DE ABREVIATURAS

- **AGRO KNOLL** - Agropecuária Knoll Ltda.
- **AGROPECEARIA SERIDÓ** - Agropecuária Seridó.
- **AGROVALE** – Agropecuária do Vale.
- **CIANE** - Companhia Nacional de Estamparia.
- **DNOCS** - Departamento Nacional de Obras Contra as Secas.
- **FLONA** – Floresta Nacional.
- **FRUTINORTE** - Frutas do Nordeste LTDA
- **FUNDEF** - Fundação do Desenvolvimento do Ensino Fundamental.
- **GIOGI***- Giogi
- **IBAMA** – Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Hídricos Renováveis.
- **IFOCS** - Inspetoria de Obras Contra a Seca.
- **M. DANTAS*** – M. Dantas
- **SEAPAC** – Serviço de Apoio a Projetos Alternativos Comunitários.
- **SUDENE** - Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste.
- **VENEZA* AGROPECUÁRIA** – Veneza Agropecuária.

(*) Sobrenome do proprietário.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráficos- Onde nasci e para onde me desloquei. Representação da região, cidade e/ou comunidade de origem dos comunitário, dados de 2002, em locus.

- **GRÁFICO A** Comunidade Bangüê.....81
- **GRÁFICO B** - Comunidade Areia Branca Piató.....82
- **GRÁFICO C** - Comunidade Porto Piató.....82
- **GRÁFICO D-** Comunidade Bela Vista Piató82
- **GRÁFICO E** - Comunidade Olho d'água Piató83

RESUMO

A pesquisa intitulada: “**A LAGOA É NOSSA MÃE: um estudo sobre Representações Sociais de Meio Ambiente nas comunidades rurais do entorno da Lagoa do Piató Assu/RN**” visa contribuir com os estudos sobre a relação e a inter-relação do Homem versus Natureza, as quais necessitam ser identificadas e compreendidas no processo contínuo de modificações do Meio Ambiente.

O enfoque dado à ação antrópica de agentes internos e externos busca reconstituir a trajetória desses atores sociais com relação aos padrões de uso e manejo utilizados para explorarem a natureza, os quais têm provocado, sucessivamente, a exaustão do Meio Ambiente. Assim, este estudo procura destacar as dimensões cognitivas, afetivas e sociais dos sujeitos no universo empírico.

O objetivo do trabalho é analisar as Representações Sociais de Meio Ambiente da população de cinco Comunidades Rurais do entorno da Lagoa do Piató, no município de Assú, no Estado do Rio Grande do Norte.

Neste estudo é dada ênfase ao modo de pensar dos sujeitos sociais, como estes sujeitos se definem sobre o objeto e como são construídas as representações que lhes servem de guia prático no cotidiano de suas ações.

Palavras-Chaves: *Representações Sociais, Meio Ambiente e Comunidades.*

ABSTRACT

The entitled research: “**A LAGOA É NOSSA MÃE: um estudo sobre Representações Sociais de Meio Ambiente nas comunidades rurais do entorno da Lagoa do Piató Assu/RN**” intend to contribute with studies about the relation and the inter-relationship of Man *versus* Nature, which needs to be identified and understanding in a continuous process of modifications of the environment.

The approach used for the action anthropic of internal agents and external, search to reconstitute the path of these social actor's, concerned with the management and handling patterns, used to exploit the nature, which have been provoking, successively, the exhaustion of the environment. Thus, the study search marks the cognitive, affective and social dimensions of the subjects in the empirical universe.

The purpose of this work is to parse the Social Representations of environment for the five country populations of the neighborhood of Lagoa do Piató, in the county of Assú, in the Rio Grande do Norte state.

In this study, the thinking mode of the social subjects is emphasized, like these subjects define themselves about the object and in what manner are constructed the representations that serve of practical guide in your quotidian actions.

Keywords: *Social Representations, Environment and Communities.*

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	iv
RESUMO.....	vii
ABSTRACT.....	viii

INTRODUÇÃO

- Dos pressupostos Teóricos e Metodológicos	02
---	----

CAPÍTULO I –

1. O Contexto da Pesquisa – na travessia da vida nós contamos, ouvimos e (re)construímos a História.....	16
1.1. Descrição do Trabalho de Campo e as vivências do pesquisador.	17
1.2. A Metodologia: (re)construindo o Trabalho de Campo.	30
1.3. Os conceitos de Representação Social e de Meio Ambiente: um debate teórico	40

CAPÍTULO II

2. O mundo em que vivo – ocupação do território e a população do entorno da Lagoa do Piató	45
2.1. Localização e Caracterização da Área	46
2.2. Ocupação, atores sociais e modos de vida	53
2.2.1. Primeiro Tempo – Rendição ou morte	55
2.2.2. Segundo Tempo – Período das "Vacac Gordas"	71

CAPÍTULO III

3. As Transformações Agroindustriais que redesenham a vida nas Comunidades Rurais no entorno da Lagoa do Piató	87
3.1. O Terceiro Tempo no Baixo Açú: desenvolvimento, desigualdade e degradação na Natureza	90
3.2. A Modernidade Agroindustrial e suas conseqüências sobre o Meio Ambiente, o caso Piató	102
3.3. O que é o Meio Ambiente na visão dos atores sociais do Piató	127
3.3.1. A representação da Lagoa do Piató, como "Mãe" para os habitantes do entorno.	147
- CONSIDERAÇÕES FINAIS	154
- REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS	162
- ANEXOS	

INTRODUÇÃO

A reflexão que propõe, por ser autêntica, não é sobre este homem abstração nem sobre este mundo sem homens, mas sobre os homens em suas relações com o mundo. Relações em que consciência e mundo se dão simultaneamente. Não há uma consciência antes e um mundo depois e vice-versa.

[PAULO FREIRE]

INTRODUÇÃO

Dos pressupostos Teóricos e Metodológicos.

O Conhecimento Científico não é um normatizador da vida dos indivíduos, mas fornece ao cidadão crítico¹ elementos de esclarecimentos dos diferentes assuntos. Nesse sentido, propor uma discussão do tema Ambiental na perspectiva das Ciências Sociais, tendo como base a teoria das Representações Sociais, significa abordar a relação Sociedade *versus* Natureza na ótica dos fenômenos sociais. A perspectiva específica dessa visão é tomar essa relação como processual, não como interface de dois domínios, mas observar como a sociedade se articula dentro de sua lógica e dinâmica própria, para se apropriar e se submeter à natureza.

Na relação Homem *versus* Natureza se produz a Hominização do Mundo e na relação dos Homens entre si se produz a História e o fio condutor desse processo é a Práxis Social. Esse processo é o que Marx chamou de Dialética, ao contrário de Hegel que partiu da Razão Absoluta. Marx, em suas análises, parte dos homens concretos e reais, os quais produzem as condições materiais de sua existência, quer se trate daquelas que encontrou já elaboradas quando do seu aparecimento, quer das que ele próprio criou. Por esse aspecto, a história social se funde com a história pessoal dos homens. Dessa forma, é fortalecido o sentido do Ser Homem, porque ele

¹ Segundo Nerfin (1999, p.15) "O cidadão crítico e consciente é aquele que compreende, se interessa, reclama e exige seus direitos ambientais ao setor social correspondente e que, por sua vez, está disposto a exercer sua própria responsabilidade ambiental. Este cidadão, quando se organiza e participa na direção de sua própria vida, adquire poder político e uma capacidade de mudança coletiva".

tem uma forma de perceber o mundo e o transforma de acordo com as suas necessidades dentro de um processo de conjuntura histórica, social e cultural.

Assim, este trabalho tem como objeto de estudo a análise das Representações Sociais de Meio Ambiente da população das Comunidades Rurais do entorno da Lagoa do Piató, no município de Assú, no Estado do Rio Grande do Norte. Quando identifiquei estas comunidades para formar o campo empírico do estudo, estou me referindo, portanto, a um

[...] lugar determinado ou percebido, onde os elementos naturais e sociais estão em relações dinâmicas e em interação. Essas relações implicam processos de criação cultural e tecnológica e processos históricos e sociais de transformação do meio natural e construído².

De acordo com o citado autor, o Meio Ambiente é definido como um espaço determinado no tempo, no sentido de se procurar delimitar geoambientalmente as fronteiras e as especificidades histórico-culturais que possam permitir um conhecimento mais aprofundado da prática humana e da percepção que esses agentes sociais têm dos prejuízos causados à natureza, bem como as suas seqüelas sociais sobre a qualidade de vida. Em outras palavras, o lugar é compreendido como um espaço.

Assim, as questões ambientais ao implicarem na relação Homem versus Natureza conformam uma territorialidade, cujas fronteiras podem ser delimitadas pelos padrões de relações dinâmicas e interativas entre os grupos sociais e o Meio Ambiente, isto em decorrência dos diversos planejamentos sócio-ambientais estabelecidos por cada grupo social, os quais interagem num processo permanente de

² REIGOTA, Marcos – **Meio Ambiente e Representação Social**. 3ª. ed. – São Paulo: Cortez. (Questão de época; Vol. 4), 1998, p.14.

modificações no ambiente natural, podendo levar à exaustão, dado os padrões de uso e manejo da natureza. Tal fato encontra-se relacionado à forma com que cada grupo de atores sociais percebe e cria as significações sobre a natureza, sobre a forma de explorá-la e sobre as consequências advindas de tais práticas, por sua vez, orientadas por determinadas regras, valores e visões de mundo, se não, por determinados interesses.

Dessa forma, verifica-se que a questão ambiental aborda o modelo de tecido celular, entendido por Dias (1992, p.31), como as dimensões histórico-social, política, ambiental, ecológica, cultural, econômica, tecnológica e científica de cada País, região e comunidade, sob uma perspectiva histórica.

É nessa perspectiva que investigo como esse Meio Ambiente é percebido, já que cada pessoa o delimita em função de suas representações, saberes e experiências cotidianas. Nesse espaço, que é ao mesmo tempo natural e construído, os sinais das relações dinâmicas e interativas se manifestam na própria natureza, nas diversas atividades pelas quais se fazem o uso desta, nas tecnologias ou instrumentos de trabalho utilizados para transformá-la em bens materiais (moradia, mercadoria em geral, comida, agasalhos, etc.), simbólicos (significados da cultura) e no próprio uso e destino dos produtos do trabalho humano realizado sobre esta natureza (que podem induzir direta ou indiretamente a sua intensificação até a exaustão).

Por esse viés Neves (1998, p.14), fortalece o conceito de Meio Ambiente quando o compreende como

[...] tudo o que tem a ver com a vida de um ser (plantas, animais, pessoas) ou de um grupo de seres vivos. Tudo o que tem a ver com a vida, a sua manutenção e reprodução. Nesta definição estão: os elementos físicos (a terra, o ar, a água) o clima, os elementos vivos (as plantas, os animais, os homens), elementos culturais (os hábitos, os costumes, o saber, a história de cada grupo, de cada comunidade) e a maneira como estes elementos são tratados pela sociedade. Ou

seja, como as atividades humanas interferem com estes elementos. Compõem também o meio ambiente as interações destes elementos entre si, e entre eles e as atividades humanas.

Parece-me necessário destacar nesse estudo a distinção entre espaço e território. O espaço existe por si só, enquanto que o território apóia-se no espaço, mas é uma criação, uma produção cultural. Ademais a noção de território encontra-se relacionada não só com o espaço, mas também com outras dimensões do social. (RAFFESTIN 1980, apud VIEIRA, 1997, p.145) analisa que:

[...] a vida é tecida de relações e por isso a territorialidade pode ser definida como um conjunto de relações emergentes de um sistema tridimensional - sociedade, espaço, tempo - visando a maior autonomia possível, compatível com os recursos do sistema. Assim, a análise de territorialidade não será possível senão através do exame de relações reais reolocadas nos seus contextos sócio - históricos e espaço-temporal.

Os autores citados mostram em suas análises que ao se transformar o espaço, as suas dimensões natural e social também são modificadas e conseqüentemente, o ser humano também é transformado mediante essas modificações. Assim, outras trajetórias sociais devem ser planejadas, para que se possa visualizar e se manifestar quais são as necessidades dos atores sociais e as formas de exploração que o homem passará a utilizar e como será o acesso aos recursos naturais. Isso implica em conflitos e consensos em torno da problemática ambiental e na busca de diferentes alternativas, tendo em vista a própria sobrevivência dos indivíduos e dos grupos sociais numa determinada territorialidade, como espaço natural e social, simbolicamente (re)construídos e percebidos pelos sujeitos sociais.

Nesse sentido Silva (1989, p. 23-29) formula que:

[...] o espaço geográfico deve ser entendido como algo móvel, construído processualmente. O geográfico é sinônimo de dinamismo, movimento, não de inércia, amorfismo. Quer dizer que cada movimento espacial é o resultado das relações estabelecidas entre os indivíduos, tanto ao nível do social, como da natureza, ou seja, esse espaço não se limita apenas a região geográfica delimitada, fisicamente identificada e superficialmente observada e descrita.

Essa linha de análise desemboca no universo das Representações Sociais que devem ser entendidas como: “[...] um conjunto de princípios construídos interativamente e compartilhados por diferentes grupos que através delas compreendem e transformam a sua realidade [...]”³. Portanto, trata-se de analisar as Representações Sociais de Meio Ambiente construídas interativamente pelos indivíduos e grupos sociais que compõem o espaço social das Comunidades Rurais do entorno da Lagoa do Piató em Assú / RN. Quer dizer o locus da pesquisa é constituído pelas comunidades rurais, as quais também foram definidas para constituírem o universo empírico do Projeto Piató⁴, são elas: Areia Branca Piató, Bela Vista Piató, Bangüê, Olho d’água Piató e Porto Piató. O número total da população destas comunidades é de 434 famílias, correspondendo a 2.292 pessoas, como se pode observar mais detalhadamente no Quadro I abaixo.

³ Ver REIGOTA, op. cit. p.70.

⁴ Relatório da Província Eclesiástica de Natal. Diocese de Mossoró. Serviço de Apoio aos Projetos Alternativos Comunitários. **Projeto Piató: desenvolvimento local, gestão ambiental e segurança alimentar sustentável**. Resultado do Diagnóstico sócio-econômico, cultural, ambiental, político e religioso das comunidades rurais no entorno da Lagoa do Piató. Pesquisa de Severino José de Lima, Professor/UFCEG (Coordenador), Francineide Pereira Silva, Mestranda/UFCEG (Pesquisadora) e voluntários das comunidades rurais em estudo. 2002.

Quadro I - NÚMERO DE FAMILIAS POR COMUNIDADE

NÚMERO DE FAMILIAS POR COMUNIDADE		
<i>Areia Branca</i>	63 famílias	277 pessoas
<i>Bangüê</i>	49 famílias	245 pessoas
<i>Bela Vista Piató</i>	122 famílias	676 pessoas
<i>Olho d'água Piató</i>	97 famílias	434 pessoas
<i>Porto Piató</i>	103 famílias	660 pessoas
TOTAL	434 famílias	2292 pessoas

Fonte: Dados em locus, extraídos no trabalho de campo em 2002.

Estas famílias apresentadas no quadro acima, possuem como principal fonte de renda o pescado associado a outras atividades de subsistência realizadas às margens da Lagoa do Piató.

Entretanto, esse manancial com capacidade de acumular em torno de 96 milhões de m³ d'água, vem sofrendo os impactos ambientais decorrentes do represamento das águas do Rio Açu, pela Barragem Armando Ribeiro Gonçalves, associados à devastação da Caatinga⁵, vegetação predominante da região.

Nos estudos de Raimunda Almeida [et al.] (1993, p.17), a Lagoa do Piató, situada à margem esquerda do rio Açu e também abastecida pelo rio Cipó (cf. em anexo), tem em média, uma extensão de 8 Km de comprimento, por 3,5 a 4,0 Km de largura e 10 metros de profundidade, constituindo-se não só num potencial hídrico de enorme relevância paisagística. Essa também tem funcionado como um dos principais berçários da ictiofauna da bacia hidrográfica do rio Açu. Bem como é uma

⁵ Segundo MENDES (1997), a Caatinga "é a cobertura vegetal da região semi-árida do Nordeste brasileiro. É um tipo singular de vegetação Xerófica tropical [...]. É uma vegetação tortuosa,

das principais fontes hídricas que possibilita cerca de 560 famílias viverem de seu potencial pesqueiro.

Conforme a autora supracitada, a Lagoa do Piató, além de representar um sítio ecológico e paisagístico, se constitui também num referencial histórico do processo de ocupação do Baixo Açu e um marco histórico-geográfico da chamada "Guerra dos Bárbaros", já que nas suas margens habitavam o grupo indígena Tapuios liderados pelo rei Janduí, os quais foram os principais atores da "Confederação dos Cariris", resistindo aos colonizadores por meio de uma guerra que durou quase meio século.

Tendo como referência o espaço geográfico produzido e reproduzido por conflitos e contradições, é possível uma leitura do passado de um povo cuja identidade regional denomina-se de "varzeano do Açu". Essa identidade constitui-se em alusão à riqueza que representou toda a região do Baixo Açu, com suas águas piscosas, suas várzeas de solos aluviais e matas ciliares formadas predominantemente de carnaubais. Esse complexo e frágil ecossistema⁶ formando uma harmoniosa paisagem, apesar da ação antrópica ao longo dos anos, está intrinsecamente associada à cultura material e simbólica do povo assuense e principalmente, das comunidades rurais que se constituíram ao longo do rio e da Lagoa do Piató.

espinhenta, de folhas pequenas e caducas, constituídas por arbustos e árvores de pequeno porte sobre um extrato herbáceo, geralmente, não graminoso"

⁶ Ecossistema, conforme CARVALHO (1994, p.96) - "é a unidade básica da natureza. Um ecossistema é constituído pela interação complexa de seus próprios elementos (solo, água, flora e fauna) e de elementos externos (sol, temperatura e ar)".

O secamento da Lagoa do Piató no ano de 2000, e que já fora alhures previsto pelos construtores da Barragem Armando Ribeiro Gonçalves, não só desembocou em um problema social de monta, mas, sobretudo, se constituiu num alerta quanto aos problemas ambientais em consequência da degradação do ecossistema com a instalação de empresas e projetos de irrigação, entre outros empreendimentos incompatíveis com a preservação ambiental.

O fato é que o secamento da Lagoa do Piató e a luta da população lacustre e de suas lideranças pela construção de um canal para alimentação da Lagoa com água da Barragem Armando Ribeiro Gonçalves, desembocou numa problemática ambiental muito mais complexa, embora possa ser o ponto de partida para elevar ao crivo da opinião pública, uma situação que se aproxima do estado de estresse ambiental, envolvendo diferentes e complexos interesses como também atores sociais, porém exigentes de alternativas de gestão ambiental inclusiva de tal alteridade. Uma dessas iniciativas tem sido o “Projeto Piató: Ações de Educação Ambiental e Desenvolvimento Local Sustentável”, cuja construção envolveu diferentes atores sociais e diversos interesses, de forma que se constituiu num processo sinérgico e pactuado de construção de uma política de gestão sócio-ambiental e de desenvolvimento sustentável.

Tendo como principais atores as organizações comunitárias da Lagoa do Piató, esse Projeto incorpora uma racionalidade dialógica e processual traduzida na participação dos atores sociais, bem como um processo de empoderamento das população das comunidades rurais através de seus grupos organizados.

Estamos, portanto, diante de uma realidade que coloca diversos agentes sociais representantes de organismos públicos e privados em movimento, planejando

e implementando cenários sociais de futuros desejados e pactuados em um projeto que se pretende ser inclusivo dos diferentes interesses implicados com a preservação e conservação do Meio Ambiente, especificamente, a Lagoa do Piató, pois esta é o maior reservatório natural hídrico da região do Baixo-Açu.

Daí a pertinência de nosso trabalho em investigar as Representações Sociais de Meio Ambiente, que os diferentes atores sociais implicados com a problemática ambiental do complexo ecossistêmico da Lagoa do Piató tem construído em suas práticas cotidianas e em suas lutas pela preservação do Meio Ambiente em que estão inseridos.

Certamente tais representações resultam de um conjunto de princípios norteadores não só dessa luta sobre a questão ambiental, mas da (re)constituição de novos padrões de uso e manejo da natureza e, por extensão, de novos padrões relacionais entre os comunitários (agentes internos), diferentes representantes de instituições e entidades, que são os atores sociais que atuam na região (agentes externos) e a própria natureza. Dessa forma, categorias como território e espaço não podem ser deixados de fora da análise das Representações Sociais de Meio Ambiente.

A territorialidade, como Meio Ambiente, nesse estudo, constitui-se num universo peculiar, em que os elementos naturais e sociais estão em contínua interação traduzida num processo histórico e social de transformação do meio natural e social tendo como fulcro à preservação de um sítio histórico, paisagístico e, sobretudo, de um manancial aquático que tem sido ao longo dos tempos a principal fonte de sobrevivência de milhares de seres humanos.

A idéia básica que permeia o trabalho é que estamos diante de uma realidade complexa e múltipla. Assim à luz do pensamento de Lima (1999, p.73) deve-se aprender a ler a importância dos sentidos das relações sociais, as quais são concretizadas através das práticas cotidianas dos sujeitos sociais sobre a natureza. É nesse contexto que as várias Representações Sociais podem ser reconhecidas e reelaboradas, ou seja, as representações devem estar presentes na esfera do cotidiano das relações sociais e da natureza podendo-se assim, perceber sua dimensão cognitiva e simbólica. Essa análise é confirmada no pensamento de Rodrigues (1988, p.12) quando o autor mostra que sendo "de natureza prática ou teórica os sistemas de representações atuam como uma grade que se estende sobre o mundo, buscando classificá-lo, codificá-lo e transformar suas dimensões sensíveis em dimensões inteligíveis".

De acordo com essa teoria, a prática das organizações comunitárias em estudo depende das concepções de Meio Ambiente acionadas. E estas, por sua vez, podem ser vistas como pressupostos orientadores da ação comunitária, como prática social de preservação e gestão social e ambiental. Ao fazer menção a gestão social e ambiental, refiro-me a gestão das demandas e necessidades dos cidadãos, os quais se tornam prioridade quando são interesse do Estado e não mais apenas dos atores sociais que compõe os grupos organizados da sociedade civil.

Analisar as Representações Sociais de Meio Ambiente dos atores sociais envolvidos com a problemática sócio-ambiental tem, portanto, como pressuposto, o entendimento das formas como é estabelecido um objetivo comum para um plano de ação relacionado à preservação do Meio Ambiente do qual estes atores fazem parte.

Assim, a participação⁷ no debate sobre o Meio Ambiente, faz parte de um processo de elaboração de alternativas ambientalistas que exigem o aprendizado do diálogo entre interesses, valores e até hábitos diferentes. Noutras palavras, investigar as concepções de Meio Ambiente, das quais são portadores os diversos agentes sociais implicados na problemática sócio-ambiental da Lagoa do Piató, é levar em consideração que as Representações Sociais devem ser vistas enquanto um processo.

Ao conceber as Representações Sociais enquanto um processo, deve-se levar em consideração que os conteúdos do *senso comum*,⁸ que são essencialmente heterogêneos, encontram-se em movimento abertos à mudança e a novidade. Assim, a compreensão das diferentes Representações Sociais de Meio Ambiente tem como horizonte a busca de negociações e as possíveis soluções dos problemas ambientais entre os diferentes atores envolvidos no Projeto Piató.

A hipótese central nesse estudo é de que a partir das Representações Sociais de Meio Ambiente construído pelos diferentes atores sociais e pelas lideranças comunitárias envolvidas pelas problemáticas ambientais da Lagoa do Piató, seja possível a compreensão das lutas e das práticas cotidianas relacionadas à construção de alternativas de reprodução social as quais tanto dependem quanto contribuem para a preservação ambiental.

⁷ A este respeito ver TEXEIRA (2000, p.39), "a participação é entendida neste estudo como um processo que implica uma relação de poder, não só por intermédio do Estado, que a materializa, mas entre os próprios atores, o que exige determinados procedimentos e comportamentos racionais, como afirma o autor. Ou seja, participação significa "fazer parte", "tomar parte", "ser parte" de um ato ou processo de uma atividade pública, de ações coletivas. A referência "à parte" implica pensar o todo, a sociedade, o Estado, a relação das partes entre si e destas com o todo. Como esse todo não é homogêneo, as partes têm interesses, aspirações, valores e recursos de poder diferenciado.

⁸ Ver SILVA (1999, p.94) apud MOSCOVICI & HEWSTONE (1998), *Senso comum* é definido como "o corpo de conhecimentos baseados em tradições compartilhadas e enriquecidas por milhares de 'observações' de 'experiências', sancionadas pela prática".

Com este trabalho portanto, procuro destacar os aspectos: cognitivo (concepção sobre o meio ambiente, crenças, valores, práticas cotidianas, formas de apropriação, uso e manejo da natureza e suas conseqüências sociais e ambientais) e afetivo (sentimentos, ameaças e contradições) que compõem as Representações Sociais dos diferentes grupos e atores sociais, os quais poderão ser fatores estimuladores quanto contrários a um processo de compreensão e transformação de uma realidade social que pretende combinar desenvolvimento, conservação e preservação ambiental.

Dessa intencionalidade deriva-se a pertinência do trabalho, não só em relação a uma demonstração da importância e do valor heurístico da Teoria das Representações Sociais, na identificação e elucidação da concepção de mundo e das relações cotidianas de determinados atores e grupos sociais com o meio natural e construído, mas também de suas formas de manifestar idéias, conhecimentos sobre a natureza e sua relação com esta, as suas formas de acesso, internalização de informações e outros produtos culturais, as suas formas de dimensionar o tempo, as expectativas de vida, os seus níveis de consumo e as suas predisposições favoráveis à participação no estabelecimento de padrões normativos consensuados para a solução dos problemas ambientais comuns. Em outras palavras, a ênfase dada a este ponto é buscar compreender as Representações Sociais de Meio Ambiente, dos habitantes no entorno da Lagoa do Piató, para isto, é necessário trazer à tona alguns elementos do contexto sócio-histórico, ambiental e político que estão presentes na construção social deles. Não é de interesse na análise, identificar grupos explorados ou exploradores, pois o sistema capitalista em si traz esta divisão. Mas para o estudo das Representações Sociais é importante se entender os modos de pensar dos sujeitos

sociais, conseqüentemente, se saberá como esse sujeito se define sobre o objeto, e como os sujeitos constróem as representações que lhes servem de guia prático para a ação.

Diante destas observações preliminares, a dissertação encontra-se assim organizado, no primeiro capítulo intitulado "*O Contexto da Pesquisa - na travessia da vida nós contamos, ouvimos e (re)construímos a História*", busco apresentar a descrição do trabalho de campo e as vivências do pesquisador, a construção da metodologia utilizada na pesquisa e apresento ainda, o conceito de Representação Social e de Meio Ambiente, na visão de autores como, Durkheim, Moscovici, Jordelet, Reigota, Neves, dentre outros que embasaram cientificamente os resultados a que cheguei.

No segundo capítulo, intitulado "*O mundo em que vivo: ocupação do território e a população do entorno da Lagoa do Piató*", procuro reconstituir a história da ocupação da região do Baixo-Açu de forma articulada com o discurso dos comunitários, mostrando a trajetória de vida da população e as condições nas quais eles ocuparam o território e fixaram moradia na faixa de terra do entorno da Lagoa do Piató.

O terceiro capítulo, intitulado "*As Transformações Agroindustriais que redesenham a vida nas comunidades rurais no entorno da Lagoa do Piató*", da continuidade a análise desenvolvida no segundo capítulo, para tanto, apresento a situação do desenvolvimento da região seguindo os moldes dos investimentos capitalistas na agroindústria. Neste capítulo apresento ainda como as Representações Sociais de Meio Ambiente vão sendo redefinidas dentro do contexto das relações e inter-relações sociais, ou seja, das relações homem *versus* natureza.

Nas considerações finais retomo as principais análises desenvolvidas ao longo da dissertação, esperando que este trabalho venha contribuir com o tema sobre o Meio Ambiente, ajudando a elucidá-lo.

Capítulo I

1. O Contexto da pesquisa - na travessia da vida nós contamos, ouvimos e (re)construímos a História.

1.1. Descrição do Trabalho de Campo e as vivências do pesquisador.

1.2. A Metodologia: (re)construindo o Trabalho de Campo.

1.3. O Conceito de Representação Social e de Meio Ambiente: um debate teórico.

"A capacidade definitiva de um Homem não está nos momentos de confronto e conveniência, mas nos períodos de desafios e controversias"

[Marter Luther King]

Capítulo I

1. O Contexto da Pesquisa - na travessia da vida nós contamos, ouvimos e (re)construímos a História.

1.1. Descrição do Trabalho de Campo e as vivências do pesquisador.

Meu interesse pela problemática que originou essa dissertação teve início no ano de 2001, quando estive pela primeira vez visitando a cidade e as comunidades rurais de Assú/RN. Fui à convite do professor Dr. José Severino de Lima¹, naquele momento, ele prestava assessoria ao Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Hídricos Renováveis-IBAMA e a Prefeitura Municipal de Assú/RN.

O projeto de pesquisa já estava sendo delineado. No entanto, uma das minhas propostas para o mestrado era desenvolver um trabalho científico de forma participativa com a unidade empírica, para que relação intersubjetiva² fosse vivenciada durante o percurso da pesquisa. Ao conhecer o município de Assú, tive a certeza que havia encontrado o lugar certo para meu trabalho de campo. A partir

¹ Professor da Universidade Federal de Campina Grande – Paraíba.

² A relação intersubjetiva é entendida, neste estudo, como "uma comunicação simbólica que supõe e repõe processos básicos responsáveis pela criação de significados e de grupos. É neste encontro entre

daquele momento, aquela localidade se tornou real para mim. Nesse mesmo período fui convidada pelo chefe da Floresta Nacional de Assú – FLONA/Açu, Damião Dantas de Sousa, para ministrar o curso de “Formação de Educadores em Gestão Participativa – Associativismo”. Foi um momento único, porque o público alvo era os jovens das comunidades do entorno da Lagoa do Piató. Público este que eu tinha pretensões de conhecer e estudar.

Esse encontro com o desconhecido possibilitou que eu pensasse concretamente o meu objeto de estudo. As relações estabelecidas em campo, entre pesquisador e informantes foram sendo desvendadas, valorizadas, apreendidas na medida em que eu tomava conhecimento sobre os modos de operar com sistemas simbólicos como por exemplo, a forma como se encontra a produção pesqueira da comunidade. Durante o curso pude perceber através das conversas individuais e em grupo, como também na apresentação das atividades executadas em sala de aula, que a visão de mundo daqueles jovens estava ligada ao seu mundo vivido. Experiências como esta segundo os estudos de Cardoso (1986, p.102), é muito importante na pesquisa, pois como explica o autor:

[...] o objeto de conhecimento é aquilo que nenhum dos dois [pesquisador e pesquisado] conhece e que, por isso mesmo, pode surpreender. Logo, a novidade está na descoberta de alguma coisa que não foi compartilhada.

A colocação do autor traduz o que aconteceu no decorrer dos dias de minha permanência em Assú. As minhas descobertas com o grupo foram efetivadas através de um constante diálogo, que segundo Freire (1970, p.35), o diálogo deve ser compreendido como a palavra que deriva do encontro dos homens mediatizados pelo

peçoas que se estranham e que fazem um movimento de aproximação que se pode desvendar sentidos

mundo para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu. Como explicou Freire “a palavra é algo mais que um meio, porque nela há duas dimensões: a reflexão e a ação. Quando se enfatiza a reflexão, tem-se o verbalismo e no entanto quando se enfatiza a ação tem-se o ativismo”. Por isto, é importante que se valorize o diálogo e foi nesse sentido que a vivência de cada sujeito social, ali presente, era relatada e decodificada sempre que necessário, as apresentações de textos produzidos pelos jovens sempre traziam à tona as suas realidades no convívio em suas comunidades. Eram histórias que a cada narração revelavam as lutas, as dificuldades e as possíveis conquistas das lideranças comunitárias. Esboçavam também às suas visões de mundo, os seus desencantamentos e desejos. Os depoimentos dos representantes das comunidades por ocasião do encontro, chamavam a atenção um do outro. Assim, o que era virtual adquiria forma com o passar dos dias.

Busquei valorizar tanto a observação³ quanto a participação dos jovens durante o curso. Estes pontos são importantes para serem levados em consideração na pesquisa, porque como afirma Cardoso (1986, p.103) “se a participação é condição necessária para um contato onde afeto e razão se completa, a observação fornece a medida das coisas.”

Essa vivência não me remete a uma visão poética e romântica de comunidades simples, que se contentam com o que a natureza oferece em um paraíso intocado. A análise desse trabalho está embasada num olhar crítico do contexto de mudanças nas quais se encontram a localidade e a região. Isso porque, não existem relações sociais de igualdade, as disputas estão presentes no cotidiano, nos altos

ocultos e explicitar relações desconhecidas" (CARDOSO, 1986, p.103).

³ Segundo CARDOSO (1986, p.103), observar, "é contar descrever e situar os fatos únicos e os cotidianos, construindo cadeias de significação [...], é preciso ancorar as relações pessoais em seus

índices de analfabetismo, de pobreza, de desemprego, de falta de perspectiva, de degradação da natureza, dentre muitos outros fatores.

Ouvi muito a respeito da Lagoa do Piató, das relações estabelecidas entre os comunitários e às suas lideranças, das expectativas para o futuro, dos impactos ambientais na fauna e na flora e na ictiofauna da região, especificamente sobre o secamento e a falta de peixes na Lagoa, terras para a agricultura e muitos outros assuntos que afligem a população no seu dia-a-dia.

O trabalho de campo específico para esta pesquisa foi realizado no mês de Junho a Outubro do ano de 2002. Nesse período fui chamada pela Organização Não-Governamental Serviço de Apoio aos Projetos Alternativos Comunitários – SEAPAC, para fazer e coordenar o "Diagnóstico Sócio-Econômico, Cultural, Político e Ambiental" das cinco comunidades rurais, selecionadas pelo Projeto Piató no ano de 2001, que são as mesmas deste estudo. O SEAPAC é uma das entidades que trabalham com projetos de desenvolvimento sustentável nas comunidades rurais do Rio Grande do Norte, e em 2002 como parceira do citado Projeto, esta entidade responsável pelos encaminhamentos das ações educacionais propostas no mesmo.

O convite do SEAPAC foi a chave para minha pesquisa de campo, esta entidade disponibilizou todo o material de campo e a locomoção a cada unidade empírica. Enquanto a minha estadia em Assú foi no IBAMA/ FLONA-Açu, durante os quatro meses da pesquisa, esta instituição também foi parceira do Projeto Piató e disponibilizou este apoio logístico.

Foram visitadas durante o trabalho de campo às seguintes comunidades rurais: Areia Branca Piató; Bela Vista Piató; Bangüê, Olho d'água Piató e Porto Piató.

Desenvolver a pesquisa de campo paralela ao trabalho das entidades e instituições parceiras do Projeto Piató foi necessário, porque são os agentes desses órgãos que assistem diretamente os comunitários do entorno da Lagoa do Piató e existe uma cumplicidade e respeito por ambas as partes. Como eu estava em Assú, era importante participar das reuniões com os grupos sociais (Agentes Externos e Comunitários), dessa forma, conseguia ir às comunidades para divulgar e desenvolver o trabalho de pesquisa sem maiores problemas com aquelas populações.

No dia de visita às comunidades sem a presença dos técnicos, o líder comunitário era o cicerone e mediador nos meus contatos com a população local. Nas comunidades, o líder desempenha sempre um cargo representativo, seja ele de Presidente da Associação, ou Agente Comunitário de Saúde, e/ou assume as duas funções.

Outra peculiaridade que se encontra nos trabalhos em comunidades são os encontros com os informantes, esses raramente são feitos com uma só pessoa, no caso o entrevistado. Durante a pesquisa, essa prática de trabalho com a participação de duas ou mais pessoas foi uma constante, quando eu chegava algumas pessoas iam ao meu encontro; assim eu tive que fazer as entrevistas de forma que não desagradasse nem o entrevistado, que era o dono da casa, nem as pessoas que queriam ver o que eu estava perguntando ou fazendo. Havia também a preocupação de organizar nossas conversas, para não deixar que as informações prestadas pelas

pessoas não fossem registros aleatórios no final desta primeira etapa do trabalho, pois todo trabalho de pesquisa tem uma lógica a ser seguida.

No início sentia dificuldades para conversar com os meus informantes, mas fui, aos poucos, me familiarizando com a prática etnográfica e todos os dilemas apresentados pelo "ofício do pesquisador". Depois que estava mais familiarizada com o universo empírico fui aos poucos conseguindo fazer as entrevistas necessárias para o trabalho, assim a relação com os comunitários foi ficando mais próxima, as novas amizades se instituíam à medida que o tempo ia passando. Tive oportunidade de conhecer muita gente pois cada um tinha um pouco para acrescentar na história do povo do Piató. Dessa forma, observei que não adiantava ir à comunidade exclusivamente para fazer entrevistas com os moradores, a primeira providência que tomei, foi no lugar de ir a comunidade para entrevistar determinadas pessoas, as abordava como se eu fosse uma visita e deu certo, eu fui mais aceita pelos comunitários, na medida que não havia imposições do entrevistador nem do entrevistado, houve menos desconfiança por parte dos informantes quando as 'formalidades' da pesquisa acadêmica foram trabalhadas com mais flexibilidade.

O importante foi valorizar, o *feedback* no diálogo, pois essa é uma estratégia que possibilita as pessoas terem a oportunidade para falarem com mais facilidade sobre si mesmas e sobre os outros habitantes da comunidade. Além disso, possibilita o entendimento entre os atores sociais durante os encontros, as conversas. Isto é importante porque à medida em que há entendimento no diálogo, segundo Habermas apud Paulo Netto (1993, p.58) está havendo "um processo de recíproco convencimento, que coordena as ações dos vários participantes à base de uma

motivação por razões". Isto também viabiliza ao pesquisador descobrir o seu campo de pesquisa além do que projetou.

Cada dia na comunidade era único, por mais que planejassemos os encontros, mais eles se delineavam no passar do tempo e também surpreendiam, com alguma situação inesperada. Surgia aos poucos o interesse, por parte de alguns comunitários, em fazer uma nova amizade, em falar sobre sua comunidade, bem como queriam saber o que eu ia fazer com as histórias que eles contavam, alguns disseram que "as histórias da vida deles não servia para nada, iam interessar a quem?" Alguns comunitários responderam que não viam sentido em se fazer um trabalho como esse – a pesquisa. Esse olhar atento dos comunitários sobre o meu trabalho, facilitou a argüição sobre aquela realidade, como por exemplo, quando os perguntava, por quê eles não achavam interessante contar a história da comunidade, das pessoas que moram às margens da Lagoa do Piató, quase sempre a mesma resposta era dada como justificativa "porque todos daqui já sabe como é a vida na comunidade". Então explicava para eles que todo mundo ainda não conhecia a história da comunidade, eu era um exemplo disso e ninguém melhor que eles para contar. E assim as conversas fluíam, com espontaneidade. Ficavam contentes quando eu pedia explicações sobre a pesca, a festa da padroeira, e outros assuntos que surgissem. Aconteceram encontros que chegaram até dez horas por dia, não exclusivamente fazendo entrevistas, mas debatendo sobre assuntos que sempre os interessava em saber ou para me contarem. Passar o dia na comunidade era uma forma de captar o "não dizível", que é a parte que sempre não vem à tona no momento das entrevistas, como as brincadeiras das crianças, a chegada do pescador de seu trabalho com a produção do dia, os afazeres domésticos tanto do trabalho da casa, quanto na hora do descanso quando se reuniam

para tecer redes de pesca no terreiro da casa, pois sempre chegava alguma vizinha para trabalhar junto.

Além disso, sempre ia visitar e conversar com os idosos, que segundo alguns deles, diziam que tinham saudades de conversar com pessoas diferentes dos que moravam na comunidade. O agricultor Melo, com 86 anos de idade, morador da comunidade de Bangüê, em seu relato confirma essa falta de contato com outras pessoas. Segundo ele, sente muita falta de receber visitas, porque quando tinha menos idade podia ir a cidade ou visitar alguns vizinhos;

[...] é muito bom receber você aqui, pouca gente vem aqui, e quando vem é o povo pra fazer reunião ou dá curso, não visita a gente. De lá mesmo vão embora. Eu mesmo sinto falta de conversar com outras pessoas, sem ser da comunidade e às vezes nem mesmo o próprio povo daqui não quer escutar as conversas da gente. Eu fico aqui sentado no alpendre fumando meu cachimbo e só vendo o tempo passar, o povo indo e vindo, mas eu não reclamo só dou graças a Deus por tudo. Já fez tempo, não posso andar muito, tenho esse problema na vista. Na cidade mesmo faz uns dois ou três anos que fui. Só vou em caso de necessidade. Vou lhe pedir uma coisa fique visitando a gente se você puder. A gente gostou muito desse dia de conversa. Parece quando a gente fica velho, o povo não quer mais escutar, você fez diferente de muita gente que conheci que chegou aqui. Volte sempre.

As dificuldades apresentadas neste Trabalho de Campo aconteceram no início, quando eu chegava as comunidades sem a companhia dos técnicos, que trabalham junto com os comunitários. Quando eu propunha um contato mais próximo com alguns dos moradores alguns não concordavam em falar, às vezes nem mesmo contribuir em informar sobre sua vida na comunidade, para preencher os questionários. Mas lentamente, com minhas constantes visitas, eles começaram a me receber sem tanto receio. Alguns moradores continuaram silenciosamente a me observar, principalmente, as mulheres que são as pessoas que se afastam pouco do espaço da casa. Já as crianças, de algumas comunidades, faziam questão de ficar

comigo e perguntavam "o que você está fazendo?", "Grave minha voz também e deixe eu escutar", "O que você vai fazer com esse negócio?". Quando a conversa era com alguns homens, tudo ia bem desde que não se falasse das formas de pesca utilizadas por eles e da retirada de lenha da mata; nesse instante todos silenciavam, as palavras eram pensadas antes de serem ditas, muitos não quiseram tecer nenhum comentário sobre o assunto. Diziam: "você fala que não é do IBAMA, mas anda com o chefe de lá. Será que você não conta às coisas que vê aqui pra ele?". Pode-se perceber que os informantes ao optarem por ficarem calados, ou seja, não comentarem determinados atos ou fatos do grupo, é uma forma de garantir a coesão do grupo, de protegê-los de alguma punição por parte das agências fiscalizadoras.

Os comunitários tomavam precaução com as suas falas. Essa atitude é traduzida no pensamento de Geertz (1989, p.30), quando o autor mostra que o que se inscreve ou se tenta fazer na pesquisa de campo, não é estabelecer verdade, uma vez que a realidade não é estática, conseqüentemente,

[...] o discurso social bruto ao qual somos atores, não temos acesso direto a não ser marginalmente, ou muito especialmente, mas apenas aquela pequena parte dele que os nossos informantes nos podem levar a compreender [...]. Não é necessário conhecer tudo para poder entender uma coisa.

Assim por esse prima, o campo da pesquisa foi sendo desvendado.

Em outra entrevista com o informante senhor Manuel Pereira, morador do Porto Piató, indagou: "*esse seu radinho é muito perigoso, moça. Ele fica caladinho, agora escutando tudo, depois sai falando por aí, tudo do mesmo jeito, não é?*". Nesse momento o líder da comunidade vinha se aproximando para falar comigo, o entrevistado logo disse: "*Olha Cosme, essa moça é muito esperta, ela pensa que eu*

não sei das coisas. Sabe o que ela quer saber? Se o povo aqui bate-buíá⁴. Eu respondi que não, todo mundo respeita o IBAMA". Esta foi outra atitude e preocupação do antigo pescador de proteger os pescadores que estão na ativa, assim ao não revelar as práticas de pesca utilizadas por eles durante o trabalho era de fundamental importância. No mesmo instante em que o líder da comunidade se aproximava, o informante demonstrou para ele que ficou indignado com a minha pergunta, pois os pescadores, não desobedecem ao IBAMA, que é o órgão responsável pela fiscalização da pesca na Lagoa do Piató. É uma relação de forças, conflituosa, mas consensualizada entre eles. O pescador precisa sobreviver, o líder quer manter a organização do grupo social e o Estado, que está presente via instituições e entidades, disciplina os pescadores para não infringirem às leis estabelecidas como, por exemplo, não praticar a pesca predatória.

A reação do entrevistado diante daquela pergunta me chamou a atenção, pois demonstrava o receio que eles possuem com relação à fiscalização do IBAMA (Mossoró) nesta área. Essa unidade presta serviços na região, tanto nos mananciais, quanto em matas ciliares verificando se há pesca predatória e combatendo o desmatamento.

A princípio utilizei um roteiro de entrevistas semi-estruturadas e, posteriormente, como percebi uma certa resistência por parte dos informantes, optei em não conduzir em mãos papel algum. Dessa forma, optei por conversas informais e as histórias de vida, sempre atenta as longas falas sobre o assunto que conversávamos.

⁴ Buía – “é um instrumento de pesca fabricado artesanalmente com madeira, ferro ou pedras. Serve para os pescadores quando forem pescar, baterem com bastante força na superfície da água para o peixe nadar em direção a rede colocada aberta dentro da água”.

Outra situação que denotou a relação de poder entre os próprios comunitários veio sucintamente à tona. Um dia cheguei a comunidade de Bangüê, e estava na casa do morador João quando chegou um rapaz [pescador] que cumprimentou as pessoas que estavam no alpendre *"Bom dia. Moça seja bem vinda aqui"*. Entrou e sentou conosco e começou a conversar *"Eu lhe vi naquela reunião do SEAPAC, pensei que só ia fazer reunião lá na casa da presidente da Associação, como os outros fazem"*. Imediatamente, começou a me pedir informações sobre o projeto de beneficiamento de peixe, que estava sendo concluído em uma outra comunidade. Assim, no decorrer da conversa, em muitos detalhes sobre o relacionamento, a vida em grupo, na comunidade, a forma de organização deles e outros assuntos, o pescador fazia comentários. Eu escutei e observei a conversa do rapaz, pois ele comentou sobre aspectos importantes que nenhuma outra pessoa havia falado. Ele falou particularmente de divergências entre os comunitários, sobre os problemas do dia-a-dia na comunidade e demonstrou um certo inconformismo quanto à vida em comunidade e afirmou não ter muita esperança de mudança naquela localidade, que esperava um dia ter condição e ir embora. Esse depoimento é confirmado nos estudos da Representação Social de Wagner (1998, p.3), quando o autor explica que a *"Representação Social deve ser entendida, como processo, pois deve se entender que o discurso social que fundamenta a mesma, inclui a comunicação tanto do ponto de vista compartilhados, quanto divergentes sobre muitos assuntos"*.

Com base nessas experiências, um fato ficou evidente: a diferenciação social em termos de posição que cada sujeito ocupa no seu espaço social. Assim, as visões de mundo, as relações sociais, os papéis sociais e o espaço do trabalho, são fatores importantes que estão presentes no contexto social dos comunitários. Eles vão

fazendo a leitura deste espaço a partir das condições dadas da existência humana. É diante disto que os atores sociais constroem a vida cotidiana e a explicam de acordo com os seus conhecimentos, isto é parâmetro de (re)construção para as Representações Sociais, por isso deve-se levar em consideração no estudo que:

[...] As Representações Sociais não são necessariamente conscientes. Podem até ser elaboradas por ideólogos e filósofos de uma época, mas perpassam o conjunto da sociedade ou de determinado grupo social, como algo anterior e habitual, que se reproduz a partir das estruturas e das próprias categorias de pensamento do coletivo ou dos grupos⁵.

Esta evidência foi verificada pois os comunitários nem sempre possuem total clareza quando identificam as pessoas que chegam e/ou fazem parte da comunidade. Sempre estão tomando como parâmetro à posição ou vínculo social da pessoa da própria comunidade ou que esta chegando. E esse foi o parâmetro utilizado pelos comunitários para perceberem concretamente a minha presença entre eles. É uma forma de identificar a pessoa a partir do momento em que é legitimada a sua função, a qual possibilita ser rapidamente visualizada. Assim os comunitários buscaram ligar a minha imagem a alguns dos órgãos, Governamentais ou Não- Governamentais, que os assiste, ou seja a representação que eles faziam de mim, como forma de reconhecimento para as pessoas e para todo o grupo foi a seguinte: "*a moça do IBAMA, do SEAPAC, da Pastoral da Criança ou a moça de fora*". Eles não queriam consciente e/ou inconscientemente me verem como alguém que estivesse desvinculada desses órgãos.

⁵ MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O conceito de Representações Sociais dentro da Sociologia Clássica.**In: PEDRINHO A. Guareschi; JOVCHELOVITCH, Sandra. (Orgs). *Textos em Representações Sociais.* [prefácio Serge Moscovici] - 2. ed. - Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 1995, p.109.

A representação construída sobre a minha pessoa não estava desvinculada do contexto social vivenciado por eles, pois as instituições Governamentais e Não-Governamentais se encontram presentes no cotidiano dos comunitários. Nesse sentido, a leitura de mundo que é feita sempre está presente no jogo de correlação de forças, no qual são definidas e diferenciadas as posições, divergências e as diferenciações sociais no cenário das lutas diárias.

Como formula Schwartzberg (1978, p.2)

Um personagem simboliza a nação, o Estado ou o partido. Representa o poder do grupo que nele se encarna. Afirma-se desta maneira "o poder em face", o poder dotado de uma fisionomia – e por vezes de uma máscara - o poder representado por um detentor localizável e visível para todos.

Concordo com o autor porque é através da imagem que se conhece ou se reconhece alguém. Como estava sempre presente às reuniões, eventos e visitas à comunidade, com a equipe do IBAMA ou do SEAPAC, a maioria das pessoas que residem na comunidade não aprenderam o meu nome, mas me identificaram a algum desses órgãos, como forma de legitimar a presença do "estranho", cuja referência foi "a janela" da percepção à observação utilizada por essa população.

Essa foi a forma mais viável para os relacionamentos fluírem com os meus informantes, buscando superar a relação de exterioridade que está presente na pesquisa de campo.

Nessa perspectiva, Neves (1997, p.6) afirma que:

A diferenciação social não é um processo circunscrito à constituição do sistema capitalista ou não pode ser entendida como resultante de um processo unilinear que desemboca na constituição de proletários e empresários rurais. Pelo

contrário, tal perspectiva compreende a diferenciação como constitutiva da dinâmica social e das diversas posições sociais.

Como atenta à autora, a diferenciação social não perpassa unicamente por determinadas camadas sociais, mas por todas, pois no caso dos comunitários esse grupo social também tem suas diferenciações, as quais servem de elos para as relações sociais estabelecidas no espaço social, sejam essas relações de respeito, econômicas, políticas, religiosas ou outras.

Percorri diversas e diferentes estradas: asfaltadas, de barro, de areia e pedregulhos nos mais variados meios de transporte disponível para a ocasião e destino: carro, moto, ônibus dos estudantes, de canoa e a pé, mas sempre chegava aos encontros agendados nas comunidades, por isso, o convívio com o grupo também foi uma opção metodológica.

Assim, ancorei a proposta investigativa e construtivista, já que essas viabilizaram uma melhor compreensão e interpretação dos diferentes aspectos e múltiplos processos que concorrem para a elaboração de um sistema de pensamento que sustenta práticas sociais cotidianas.

1.2. A Metodologia: (re)construindo o Trabalho de Campo.

Os procedimentos metodológicos utilizados para esse estudo foram definidos a partir de dois parâmetros - o quadro conceitual do trabalho e a unidade empírica. O empírico não se limita a um fenômeno físico, ele é um fenômeno humano, histórico,

ou seja, é uma criação do homem, que é um ser significativo que age sobre o mundo e o interpreta, transformando-o ao mesmo tempo em que é por ele impregnado de objetividade, como afirma Abric (1998, p.31). Dessa forma, busquei uma adequação entre as técnicas de pesquisa e a análise que abrangesse ambos os objetivos a serem alcançados.

Foram realizadas 20 entrevistas abertas semi-estruturadas, orientadas por um roteiro de questões, sobre a temática central, "Representações Sociais de Meio Ambiente". Nesse roteiro estavam formuladas questões, tais como: O que é meio ambiente para você? Fale sobre como você e/ou o povo da comunidade trabalha com a natureza? E várias outras questões que na ocasião da entrevista fossem abordadas. As entrevistas foram registradas em um gravador portátil e transcritas em etapa posterior. Todas as entrevistas foram transcritas, conservando as expressões e a linguagem do entrevistado. As conversas informais também foram levadas em consideração, pois elas esclareceram muito sobre algumas das formas de relações estabelecidas entre os comunitários, alguns signos que são peculiares do grupo. Quer dizer eu priorizei todos os conteúdos, pois havia informantes com uma faixa etária que variou de 12 anos a 86 anos, foi a forma encontrada de entender as informações prestadas.

Paralelo às entrevistas foram aplicados 25 questionários em cada comunidade estudada, totalizando 125 questionários. Nestes foram formuladas questões abertas sobre a realidade social, econômica, política, cultural e ambiental da localidade, na qual 125 famílias puderam descrever as suas carências, necessidades, satisfações e esperanças, ou seja, foi uma forma de desvendar e conhecer as peculiaridades do cenário sócio- ambiental da população. Esses questionários foram aplicados com a

participação de jovens das comunidades envolvidas no estudo, Agentes Comunitários de Saúde e professores, os quais trabalharam com sua respectiva comunidade. As pessoas foram convidadas pelo o representante comunitário das respectivas comunidades para participarem de uma reunião. O objetivo deste encontro foi o de me apresentar para os moradores da localidade e ao mesmo tempo, expor o meu trabalho, mostrando do que se tratava ou qual a importância da participação da população no processo de levantamento dos dados da pesquisa. Desta forma, em cada comunidade um grupo de jovens se apresentou como voluntários para trabalharem no levantamento dos dados. Essa estratégia de trabalho abriu caminhos para me inserir dentro da comunidade, o contato direto com o comunitário revelou com mais clareza o cenário sócio-ambiental da população de cada comunidade em estudo, foi também o momento de me manter mais próxima e interagir diretamente com os grupos, pois sempre tinha que explicar alguma questão do questionário aplicado pelos voluntários.

Este convívio com a população deu-me a oportunidade de conhecer e ser conhecida. Assim, através dos contatos formais e informais, individuais ou grupais comecei a identificar como vivem as pessoas nas comunidades, quais são as suas condições materiais de existência, isso foi possível porque contei com a colaboração dos jovens para a realização do levantamento sócio-histórico das comunidades investigadas. Eu também participei diretamente das várias situações de coleta de informações no preenchimento dos questionários, principalmente visitando famílias que resistiam em não disponibilizar nenhuma informação, ou seja, que não responderam as perguntas do questionário, desse modo busquei assegurar, através da minha presença, a importância do trabalho de campo, bem como a valorizar as

relações e inter-relações sociais dos comunitários, na medida em que suas histórias e trajetórias de vida iam sendo desvendadas. A resistência para não responderem ao questionário era sempre a mesma: “que não servia de nada esse tipo de trabalho, pois não havia nenhuma mudança na comunidade. Tudo era a mesma coisa, quando terminava a comunidade continuava pobre e esquecida do mesmo jeito.” Expressão de um agente de serviço gerais, moradora de Bangüê. Mas estas dificuldades iam sendo superadas aos poucos, com os esclarecimentos, argüição e paciência que o pesquisador deve ter com o público investigado.

O trabalho de campo foi uma etapa de descoberta também para os jovens, nos momentos dos encontros de avaliação, eles mesmos refletiram sobre a situação atual da sua comunidade, outros, viam a realidade não só através de palavras, estavam descrevendo o lazer, as carências, as necessidades de sua gente, que às vezes surpreendiam alguns, isso foi importante porque os comunitários são os principais (co)gestores do processo de desenvolvimento de sua comunidade e na medida em que se tem mais conhecimento de onde vivem; do que vive, como se vive e como poderão viver, aumenta a oportunidade de planejar melhor seu ambiente social e natural, ou seja, ter-se-á a oportunidade de aumentar o leque de alternativas para a sobrevivência dos grupos sociais.

Levantei ainda, como complemento à coleta de dados, informações já existentes sobre os problemas e impacto ambiental do Baixo Açu, especificamente os referentes à área da Lagoa do Piató. As fontes utilizadas foram: documentos e relatórios de órgãos públicos e privados; literatura científica e tecnológica sobre a região; matérias veiculadas pela imprensa local e estadual, particularmente, a escrita; além dos depoimentos de pessoas que vivenciam os problemas ambientais. A

problemática ambiental e do cotidiano dessas pessoas foram sistematizadas na forma de um diagnóstico, levando também em consideração os problemas presentes no dia-a-dia a partir da perspectiva dos diferentes atores sociais das comunidades rurais da Lagoa do Piató.

Tive acesso à leitura de alguns projetos e ações de organismos Governamentais, Não-Governamentais e da sociedade civil, voltados para os problemas ambientais, a exemplo do Projeto Piató⁶, especificamente para aqueles vividos diretamente pelas comunidades rurais da Lagoa do Piató, como forma de esclarecimento da unidade empírica.

Para a realização da análise de conteúdo, tanto das entrevistas como dos documentos levantados, dirigi a minha atenção para os seus aspectos conceituais e normativos, os quais intencionam mudanças comportamentais com relação à natureza e entre aqueles diretamente implicados na vivência dos problemas ambientais.

Foram realizadas também entrevistas com as lideranças comunitárias e representantes de grupos sociais e de interesses, de forma a verificar as relações sociais nas quais se fundamentam as condições de produção das Representações Sociais. Essas entrevistas foram complementadas com a observação direta: através de minha participação nas reuniões comunitárias, nos círculos de conversas informais, momentos de negociação com organismos públicos e privados, etc. No âmbito do espaço doméstico pude participar com as mulheres da lavagem de louças, roupas, no preparo do fogo à lenha para fazer as refeições da família, das próprias

⁶ Projeto Piató – trata-se de um projeto interinstitucional voltado para a implantação de ações de Educação para a Gestão Ambiental e Desenvolvimento Sustentável Local. Foi em 2001, que as primeiras ações, propostas no projeto, começaram a ser executadas e tem como prazo para o término o ano de 2005. Esse projeto serviu de inspiração para a construção da Agenda 21 Local/ Assú.

refeições, da limpeza dos terreiros, na visita à casa da vizinha. No espaço do trabalho masculino, às vezes os acompanhava até às margens da Lagoa quando chegavam da pesca, podendo observar a movimentação para distribuir a produção de venda e consumo. Participei dos mais variados rituais no cotidianos daquelas pessoas, tais como: comícios, torneios de futebol, festas de padroeira, novenários, velórios e enterros, eram dias também de muito apreendido para o pesquisador.

No campo estava atenta para não reduzir a pesquisa ao preenchimento de questionários, aos relatórios das ações do Projeto Piató, coordenado pelo SEAPAC ou as entrevistas, ou seja, tomei cuidado para não fragmentar os dados, busquei valorizar as entrelinhas das falas. Tais cuidados são formulados nos estudos de Martins (1993, p.35), o autor enfatiza a importância de se valorizar o cotidiano dos agentes sociais que compõe o universo empírico da pesquisa. Afirma o autor que: "os gestos, os olhares, a linguagem poética, a linguagem do silêncio, que fala muito mais sobre o outro e eu, do que aquilo que o outro diz usando, na fala, a minha língua, não a língua dele". Fiquei atenta, portanto para o fato de que as faltas e falhas que ocorrem no decorrer da pesquisa, é também o lugar do possível.

Esses são dados de difícil mensuração, mas na medida em que o pesquisador vai além da comprovação da hipótese de trabalho, ele está valorizando o "outro". Nesse sentido (LÉVI-STRAUSS, apud DA MATTA, 1982, p.52), enfatiza a importância dessa valorização do "outro" na pesquisa, uma vez que "o sentimento e a emoção são os hóspedes não convidados da situação etnográfica".

Na pesquisa estive, a todo o momento, consciente de que cada um dos indivíduos, participantes do tecido social investigado, relataram as suas vivências de acordo com as suas emoções, necessidades, seus saberes e suas práticas, e que é

nesse conjunto que o homem produz a sua História. É seguindo esse pensamento que Pedro Demo (1999, p.43) atenta para a importância de valorizar o cotidiano dos sujeitos sociais pesquisados, mostra o autor que é de fundamental importância,

[...] explorar as vivências que aparecem no jogo, na brincadeira, na piada, do que na formulação discursiva cuidada. Compor a intimidade da vida cotidiana, naquilo que ela tem de simples e funcional, de bom senso, para além de manifestações já estereotipadas [...]. Levar ao depoimento tão espontâneo que a diferença entre teoria e prática se reduza ao mínimo possível, de tal sorte que aquilo que se diz é aquilo que se faz.

As observações do autor são importantes e a cada dia de campo as vivenciei. Devo dizer que é difícil ser colocado na prática, em decorrência do rigor científico, Mas não impossível. Tanto que quando cheguei a campo⁷ considerava assim: "meu" projeto, "meu" trabalho de campo. Com o convívio no grupo passei a perceber que era o "NOSSO" trabalho. Foram as múltiplas ajudas, informações e entrevistas com os comunitários que realmente deram forma ao presente trabalho. As experiências de vida que foram contadas desde o aprendizado do trabalho braçal até um sonho que para aquele povo ainda era aprendizado para a vida, pude presenciar nas suas falas e vivê-las em minha experiência etnográfica. Em conformidade com este pensamento Orlandi (1993, p.31) acredita que a fala deve ser vista como:

[...] um ato social com todas as suas implicações, conflitos, reconhecimentos, relações de poder, constituição de identidade etc., [...] admitindo as coisas ditas e ocultas, segundo quem fala, sua posição de poder, o contexto institucional em que se encontra; com o que comporta de deslocamentos e reutilizações de formas idênticas para objetivos opostos.

⁷ BOURDIEU (1983, p.19) denomina "campo" esse espaço onde as posições dos agentes se encontram a priori fixadas. "O campo se define como o locus onde se trava uma luta concorrencial entre os atores em torno de interesses específicos que caracterizam a área em questão. Por exemplo, o campo da ciência se evidencia pelo embate em torno da autoridade científica; o campo da arte, pela concorrência em torno da questão da legitimidade dos produtos artísticos. Dentro desta perspectiva resolve-se o problema da adequação entre ação subjetiva e objetividade da sociedade, uma vez que todo ator age no interior de um campo socialmente predeterminado".

Diante desta afirmação as entrevistas não são meras gravações, mas é um momento que se está se aprendendo algo e transmitindo uma nova informação. Na análise de conteúdo das entrevistas, privilegiei os discursos dos sujeitos. É por esta razão que registrei e transcrevi integralmente todas as entrevistas.

É importante ressaltar que todas as histórias dos comunitários rurais em torno da Lagoa Piató, foram descritas cuidadosamente, não só o texto verbalizado, como todos os gestos e expressões dos sujeitos foram registrados no caderno de campo. Nos discursos narrados pelos sujeitos, tive o cuidado de observar as negações, os lapsos, às ironias, às expressões poéticas – pois esses valorizam e complementam os discursos latentes sobre a realidade da comunidade, como também é uma forma de aproximar mais o informante de si mesmo e dos outros comunitários quando esse fala de seu mundo vivido. Segundo Bosi (1987, p.20), "o sujeito não se contenta em narrar como testemunha histórica neutra. Ele quer também, julgar, marcando bem o lado em que estava naquela altura da História, e reafirmando sua posição ou matizando-a".

Senti-me feliz e surpresa, porque, quando estava conversando com uma informante, e dizia que estava terminando o meu trabalho e tinha que voltar para a minha cidade. Ela olhou para mim e disse: "*a gente vai sentir muita falta de você, eu ti acho muito inteligente sabia. Só me diga uma coisa, você já terminou uma Universidade. Não já?*" Eu fiquei surpresa quando depois de três meses e meio, sempre alguém falava sobre o mestrado, e uma pessoa da comunidade não havia entendido o meu intento estar entre eles. O que para mim era prioridade, era secundário para a minha informante.

O espaço central para a pesquisa foi a Lagoa do Piató. Porque a maior parte dos habitantes que moram às margens da Lagoa são pescadores e agricultores e os mesmos tiram a subsistência dela enquanto que os demais desenvolvem outras atividades. Esse fato é registrado no relato de um pescador da Lagoa:

Nessa Lagoa, não só da gente que mora aqui perto dela, mas vem gente de todo Vale do Açu pra pescar. Porque vem gente do Assú [cidade], Nova Esperança [comunidade] Linda Flor [comunidade], Serra do Mel, Pataxó, Mendubim, Sítio Trapia e de muitos lugar.

A Lagoa do Piató, é a segurança real das comunidades, como assinalou o informante. Ela garante às pessoas comida certa todo o dia, é o amuleto da sorte, faz parte da história de vida dos comunitários, independente de etnia, gênero, idade, cor. Ela ainda abastece as residências com água, é o caminho fluvial que utilizam para se deslocar de uma comunidade a outra. É o espaço de lazer nos finais de semana, o local para namorar, pensar e principalmente, trabalhar, como foi sublinhado pelos os comunitários ao descreverem o espaço físico que habitam estes levam em consideração os valores e interesses que as pessoas podem despertar individualmente, quer dizer que os atores sociais que convivem no entorno deste manancial constroem suas Representações Sociais de Meio Ambiente para que lhes possam servir de orientação para a sua vida e suas práticas. Nesse sentido, os comunitários têm a Lagoa como o ponto de referência para quem ali mora como para quem está chegando. Como demonstram os depoimentos abaixo:

[...] todos aqueles que moram aqui por perto, não só o pessoal das comunidades, mas o pessoal das comunidades vizinhas, porque vem gente de todo canto por aqui por perto, vem pescar aqui, vem pegar o almoço aqui na Lagoa.

O lazer na comunidade, dos meninos é tomar banho na lagoa, tudo aqui é a Lagoa, porque é boa pra tomar banho, pra os homens trabalhar. Se não fosse ela [Lagoa] o que seria de nós.

O principal cenário ambiental de apresentação para quem esta além das instâncias do município de Assú é a Lagoa do Piató. Por isto esse manancial é referenciado como a "*Mãe*" dos comunitários. A Lagoa vista como o porto seguro, a fortaleza, o orgulho das pessoas que ali residem. Entretanto, as pessoas não dispõem de qualidade de vida, o nível de pobreza é diferenciado em cada comunidade, como foi registrado nos dados da pesquisa. Em algumas localidades as pessoas sempre esperam pelas ações do governo municipal, e poucas vezes são atendidas, ou seja, a relação de dependência ainda é predominante nas localidades em estudo, a maior parte dos habitantes não dispõe de terra para agricultura nem tão pouco tem o registro oficial da moradia, quer dizer a escritura da casa e/ou da terra onde fixa residência, outros não dispõe de utensílios de pesca. Assim, sempre estão nas margens da Lagoa e dali buscam em cooperação do grupo adquirir sua subsistência tomando emprestado o material de pesca e/ou indo pescar em equipe. Dessa forma há unanimidade sobre a questão do que representa a Lagoa para estas pessoas como a atual e principal fonte de sobrevivência.

Foi em decorrência desta forte representação que intitulei a minha dissertação com a frase: "*A Lagoa é Nossa Mãe*". Como já apontei anteriormente, em Assú os dias não são mais "meus" e sim "nossos". Hoje conto a história deles e eles contam sobre mim. E no vai e vem da história haverá o dia do reencontro, que com certeza será com menos desconfiança que desta primeira vez. Certamente quando outros pesquisadores chegarem naquele espaço, novamente a população despertará desconfiança com quem está vindo de fora. Como diz Hannan Arendt (1993, p.191)

"o ato humano primordial deve conter a resposta à pergunta que se faz a todo recém-chegado - quem és?".

1.3. Os conceitos de Representação Social e de Meio Ambiente: um debate teórico.

Émile Durkheim (1978)⁸ foi o primeiro teórico no século passado que propôs a expressão Representações Coletivas. Em seu entender elas são fatos sociais, porque são exteriores às consciências individuais. As Representações Coletivas para este autor são

[...] produtos de uma imensa cooperação que se estende não apenas no espaço como também no tempo; para fazê-las, uma multiplicidade de espíritos diversos associou-se, misturou-se e combinou suas idéias e seus sentimentos, sérias de gerações acumularam nelas suas experiências e seu saber. Uma intelectualidade muito particular, infinitamente mais rica e mais complexa do que a do indivíduo, como que se concentrou aí.⁹

Diante deste conceito, o autor observa que as Representações Sociais não provêm dos indivíduos tomados de forma isolada, mas em seu conjunto, no entanto, isso não indica que os sentimentos privados dos indivíduos adquiram o *status* de categoria social, enquanto não combinem sua ação com as forças *sui generis* que a associação desenvolve, ou seja, as Representações, ou modos de pensar, perpassa a sociedade exteriormente aos atores sociais e formam um complexo (a coletividade) de idéias e motivações que se apresentam a eles já consolidados. Quer dizer que as

⁸ DURKHEIM, Émile. *Os Pensadores* – Seleção de Textos de José Alberto Gionnot; Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura [et al] – São Paulo. Abril Cultural, 1978.

sociedades agem sobre os indivíduos independentemente da vontade destes. Assim segundo (REIGOTA, 1998) as representações individuais, segundo Durkheim, não podem ser ampliadas para a coletividade, mas sim ao contrário, o resultante está no conjunto na medida em que ele se processa. Com isso, DURKHEIM (1978) não pretende afirmar que as características individuais não sejam nada com relação ao resultado final (as representações). Ele expressa que as consciências individuais não são mais que condições imediatas e distantes em relação ao fato geral, pois o indivíduo visto isoladamente corresponde à instância simples e que a coletividade não pode ser deduzida a partir deste. Mas, assim como as relações humanas vão ficando mais complexas, pois estas estão inseridas no processo social, estudos sobre as Representações Sociais também vão sendo feitos por outros pesquisadores.

O primeiro cientista, contemporâneo, a abordar o conceito de Representações Sociais foi Serge Moscovici, em 1961, na França. Já no Brasil a obra do citado autor chega em 1978, com a publicação do livro intitulado "A Representação Social da Psicanálise". A partir de Moscovici as Representações Sociais são estudadas sem dissociar o indivíduo e o social, expressando a importância de considerar a participação dos atores sociais em sua construção, ou seja, o social e o indivíduo em si é considerado um elemento importante para os estudos de Moscovici, não é mais o coletivo como foi enfatizado por Durkheim.

Nesta perspectiva, as representações se tornam realidades parcialmente autônomas, com vida própria e capacidade de atrair-se, repelir-se, de formar entre si síntese de naturezas diversas, combinações determinadas por afinidades naturais e não pelo estado do meio no qual se desenvolvem"(ibidem, p.50).

⁹ QUINTANEIRO, Tania [et alii]. Um toque de clássicos: Durkheim, Marx e Weber. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000 / 3ª. edição.

Como se sabe, na opinião do autor as representações novas, produtos da síntese têm por causas próximas outras representações coletivas e não as características da estrutura social. Moscovici (1978, p.42) ao abordar o conceito de Representação Social expressa que Durkheim não explicou a pluralidade de modos de organização do pensamento, portanto esta perspectiva não se adequava as suas pretensões de transitar pelos caminhos da Psicologia e da Sociologia ao mesmo tempo, buscando os seus nexos para conceituar as representações. Ele acreditava que a perspectiva durkheimiana atribui aos fenômenos sócio-simbólicos um determinismo sociológico, o que colocava limites à clareza do conceito de Representações Coletivas. Por essa razão, Moscovici enfoca a indissociação entre o individual e o social, expressando a importância de considerar a sua relação neste contexto.

Nesse sentido, Moscovici ao refutar a palavra coletiva foi em busca de focar as Representações Sociais, tomando como parâmetro a existência de pluralidade e de diversidade no interior de um grupo social. A sua intenção foi utilizar o conceito Representações Sociais, enfocando-as "a partir de processos criativos na geração de conteúdos novos e significativos que surgem durante a transformação das configurações mentais e sociais". Por essa razão, ele não a compreende como homogênea e compartilhada como tal por e na sociedade, bem como não a percebe a partir da dicotomia que opõe indivíduo e coletivo, mas no contexto de inter-relações.

Neste sentido, os atores sociais, em suas relações sociais, não reproduzem simplesmente os conteúdos, sejam estes apreendidos com agentes externos ou agentes internos, mas os (re)constroem, os modificam de acordo com o meio através

do qual se reproduzem a cultura, a sociedade e a personalidade. Disso decorre que a nova existência dos objetos representados leva a marca de sua passagem pelo psiquismo individual e pelo contexto social no qual se encontram inseridos.

A afirmativa da importância desse suporte teórico se apóia na argumentação de Moscovici (1978, p.26) quando expõe o papel das Representações Sociais na modelação dos dados externos, que por não serem acabados, nem unívocos, possibilitam a liberdade de jogo à atividade mental que se empenha em apreendê-lo.

Dessa forma, a Representação Social deve ser encarada de modo ativo, pois ela, como explica Moscovici (1976) citado por Reigota (1998, p.12) "é o senso comum que se tem sobre um determinado tema, onde se incluem também os preconceitos, ideologias e características específicas das atividades cotidianas (sociais e profissionais) das pessoas". Por isso, optei em compreender as Representações Sociais de Meio Ambiente, em cada temporalidade descrita pelos próprios atores sociais que residem no entorno da Lagoa do Piató, pois o Meio Ambiente esta em constante mutação e transformando o espaço, os meios natural e social nos quais o homem também é transformado. Este pensamento esta em conformidade a definição de Meio Ambiente definida por Reigota (1998, p.14), segundo este autor meio ambiente é o

[...] lugar determinado ou percebido, onde os elementos naturais e sociais estão em relações dinâmicas e em interação. Essas relações implicam processos de criação cultural e tecnológica e processos históricos e sociais de transformação do meio natural construído.

Reigota, nessa definição sobre Meio Ambiente, enfatiza três pontos básicos quando mostra o Meio Ambiente como sendo um espaço determinado no tempo; percebido, quando cada ator social o delimita de acordo com suas representações e

como sendo relações dinâmicas e interativas. Tal afirmação confirma a idéia de que as relações homem versus natureza não são desenvolvidas no vazio.

Capítulo II

2. O mundo em que vivo: ocupação do território e a população do entorno da Lagoa do Piató.

2.1. Localização e caracterização da área de estudo.

2.2. Ocupação, atores sociais e modos de vida.

2.2.1. Primeiro Tempo - rendição ou morte.

2.2.2. Segundo Tempo - período das "Vacac Gordas"

"Piató Terra Boa,
Piató Terra Fina,
Quando eu não sei das coisas
Piató é quem me ensina".

(Manuel Pereira da Silva/86 anos -
Comunidade Porto Piató/Assú)

Capítulo II

2. O mundo em que vivo: ocupação do território e a população do entorno da Lagoa do Piató.

2.1. Localização e caracterização da área de estudo.

O Município de Assú está localizado em pleno interior do Nordeste Semi-Árido¹, também conhecido por região do Polígono das Secas, definição antiga que vigorou até a criação do Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste (FNE). Objeto de intervenção estatal, esta área sofreu redefinições geopolíticas, a região semi-árida do FNE passou de 900.485km² (54,1% do espaço de atuação da SUDENE) para 974.731, 40km² (56,11% da nova área de atuação da SUDENE, que abrange áreas do Noroeste do Espírito Santo e áreas mineiras do Vale do Jequitinhonha e a antiga região do Norte de Minas Gerais).

¹ Segundo MENDES (1997, p.25-35) a "Região Semi-Árida é aquela que possibilita o desenvolvimento de uma cobertura vegetal mais ou menos contínua, como a caatinga, a savana ou a estepe, mas que não permite o cultivo de plantas anuais, como o milho, de maneira regular e com boa produtividade, em virtude da baixa pluviosidade e da má distribuição das chuvas. Necessita uma irrigação complementar para assegurar o total desenvolvimento das culturas anuais.[...] a cobertura vegetal destas regiões é xerófila, raquítica. Os solos são caracteristicamente pobres em matéria orgânica, geralmente ricos em cálcio e potássio e apresentam numerosas e extensas manchas salinizadas.[...] Ecologicamente, é uma área muito devastada, devido à luta secular que o homem regional enfrenta com a natureza na tentativa de sobrevivência. [...] as principais fontes de riqueza do Semi-Árido eram a agropecuária, o extrativismo vegetal, a coleta de animais e a pesca. Ver *mapa I(anexo)*, representando a localização da região Semi-Árida do Nordeste, o chamado Polígono das Secas.

O Rio Grande do Norte tem uma superfície de 53.306,80km²; dos quais 48.343,60km² estão inseridos na Região semi-árida do FNE. Em termos relativos o semi-árido norte-riograndense corresponde a 98,69% do território estadual, tratando-se, ao lado da Paraíba e do Ceará, de uma das unidades federadas do País e do Nordeste com maior percentual de seu território incluído no Semi-Árido Nordestino. Ao lado destes dois Estados, o Rio Grande do Norte tem sido considerado um dos territórios mais vulneráveis as secas recorrentes, uma vez que, para os demais estados nordestinos, ocorre uma seca quando as chuvas são insignificantes ou irregulares demais para permitir que a produção agropecuária assegure a subsistência das famílias do semi-árido. Em média há uma seca parcial em alguma área específica a cada 04 (quatro) anos e uma seca geral (abrangendo toda a região) a cada 16 anos. Assim, é normal a existência da "seca verde" nessa região, isso ocorre devido às chuvas escassas, que têm um período relativamente curto. Essas chuvas são suficientes para o desenvolvimento da vegetação nativa, porém, insuficientes para garantir a produção agrícola e para encher os reservatórios d'água. Nos meses de março e abril, a Caatinga² sustenta a alimentação de caprinos e ovinos. Já o rebanho bovino é bastante reduzido. Dessa forma, a criação e manejo da pecuária da região se encontra em condição precária. A agricultura de sequeiro (ou de inverno como é

² De acordo com MENDES.(1997, p.39-49), a **Caatinga** é uma "cobertura vegetal da região semi-árida do Nordeste brasileiro, é um tipo singular de vegetação xerófila tropical, somente encontrada nesta Região. Em Tupi-guarani, caatinga quer dizer mata rala. É um vegetação tortuosa, espinhenta, de folhas pequenas e caducas constituída por arbustos e árvores pequenas de pequeno porte sobre um estrato herbáceo geralmente, não grandioso. Vegetação rica em cactáceas, bromeliáceas, euforbiáceas e leguminosas, porém rica gramíneas. O corte de plantas da caatinga para fins energéticos (lenha e carvão), tanto para o consumo familiar como industrial, continua indiscriminado no Semi-Árido. É elevadíssimo o número de famílias de baixa renda, nas periferias das cidades e zona rural, que utilizam lenha e carvão. A produção desses produtos é a segunda forma mais importante de exploração da vegetação nativa na Região, depois de sua utilização para a forrageira. [...] Atualmente, as indústrias sertanejas mais prejudiciais à preservação da biodiversidade do Semi-Árido são as cerâmicas, calcárias, indústrias de óleos vegetais e de sabão, e as padarias. As indústrias de cerâmica vermelha localizam-se nos vales dos rios intermitentes, o que contribui para a eliminação da mata

conhecida na região) diminui consideravelmente e um dos fatores para isso acontecer, são os invernos irregulares na região.

O município de Assú faz parte da Zona Homogênea Mossoroense que compreende toda porção Noroeste do Estado, abrangendo 22 municípios, contando com 28,15% da área territorial e 19,46% da população do Rio Grande do Norte.

A população total do município, segundo as últimas estatísticas do FIBGE, era, em 2000, cerca de 47.857 habitantes, em 1996, era de 45.054 habitantes, representando uma taxa de crescimento anual de 1,52%, ligeiramente abaixo da taxa do Nordeste (1,59%), bem abaixo em relação ao Rio Grande do Norte (2,01%) e do Brasil (1,93%).

A densidade demográfica é de 29,68 hab/km². Entretanto, as áreas de várzeas ao longo da margem esquerda do Rio Açu, são as mais densamente povoadas. Do total desta população, cerca de 49% são homens e 51% são mulheres. Cerca de 34.602 pessoas ou 72,3% moram na área urbana de Assú e 13.255 na zona rural ou 27,7%.

A Zona Mossoroense está dividida em 3 subzonas: a Subzona do Mossoró (10 municípios); a Subzona de Açu (com 08 municípios), e a Subzona Salineira (com quatro municípios). Assú faz parte da Subzona de Açu, formada também por outros sete municípios: Alto dos Rodrigues, Carnaúbas, Ipanguaçu, Paraú, Pendências, São Rafael e Serra do Mel. Entretanto, quando se faz menção popularmente em região do Baixo Açu, fala-se de em toda a porção Nordeste da bacia hidrográfica do rio Piranhas-Açu e com cerca de 44.000km². Essa bacia nasce em terras do Estado da Paraíba e prolonga-se até encontrar as águas oceânicas do delta da cidade salineira no

ciliar destes cursos de água. E utilizam como matéria-prima os solos aluviais das margens dos rios, os mais ricos do Nordeste".

município de Macau, no Rio Grande de Norte. Particularmente, fala-se da região dessa bacia hidrográfica à jusante da Barragem Armando Ribeiro Gonçalves.

O Rio Piranhas-Açu nasce em Bonito de Santa Fé (PB), percorre 28 municípios paraibanos e oito do Rio Grande do Norte. Nas mediações de São Rafael e Jucurutu recebe o nome de rio Açu. Localizado, segundo a regionalização oficial, na subzona de Açu (ver posteriormente em anexo os mapas II, III e IV), Assú tem as seguintes coordenadas geográficas: latitude (s) 5° 34' 36'' e longitude de 36°54'3''. Está a uma altitude de 27m e a uma distância de 206km da cidade capital Natal.

A precipitação pluviométrica é considerada baixa, variando de 591,4 a 719,4 mm (1997). Com 1.297,5km² de extensão, o território de Assú é coberto pelo bioma caatinga, banhada pelas áreas de várzeas do rio Açu e seus afluentes e lagoas.

O rio Açú começa a banhar o município de Assú no lugar denominado de Saquinho e divide-se em dois braços: um à esquerda, chamado Córrego, e o outro, que deságua na Lagoa do Piató, passando antes pelas localidades de Cipó e Linda Flor.

A Lagoa do Piató é um dos maiores reservatórios naturais de água do Estado do Rio Grande do Norte. Tem capacidade de acumular em torno de 96 milhões de m³ d'água. Situada à margem esquerda do Rio Piranhas-Açu, tem em média uma extensão de 08 km de comprimento por 2,5 de largura e 10 metros de profundidade e localiza-se há cinco quilômetro do centro da cidade de Assú. É um potencial hídrico de grande relevância na paisagem da região e para cerca de quase 5.000 pessoas que vivem às suas margens e proximidades.

Ao redor da Lagoa do Piató, situa-se os quatro maiores portos de desembarque do pescado da região em estudo: Porto Piató; Porto de Olho D'água

Piató; Porto Bela Vista Piató e Porto Areia Branca Piató. A nomenclatura de referência das localidades em torno da Lagoa não apresenta nenhuma padronização. A dispersão entre nome de pessoas, de acidentes geográficos, ou ainda outros nomes que indicam uma história ou outra origem linguística, pode ilustrar a diversidade e a riqueza cultural das populações que habitam no entorno da Lagoa do Piató.

Atualmente, esse manancial corre sérios riscos, em decorrência dos problemas ocasionados pela ação antrópica sobre o Meio Ambiente. Conforme os estudos, sobre a história do Rio Grande do Norte da pesquisadora (MOURA, 1993), a Lagoa do Piató é a principal fonte de sobrevivência dos habitantes do Piató. De acordo com Moura (1993, p.78-79) ao estudar o sistema produtivo existente na localidade do Piató, ela identifica que

[...] o sistema produtivo dos atuais habitantes do Piató está ancorado sobre o eixo de três atividades: a agricultura, a pesca e o assalariamento. A produção agrícola é a grande responsável por uma equilibrada receita das famílias que moram no entorno da Lagoa. [...] a perda progressiva da terra para o plantio de alimentos tem transformado o agricultor/pescador profissional dependente de uma única fonte de renda, o que leva a uma intensificação do processo de pesca, que desequilibra o sistema natural [...]. O principal fator que acentuou o estado de desequilíbrio no meio ambiente em Assú foi o ciclo de entrada de capitais no Vale do Assú versus compra de terra na área sendo o responsável maior pela desarticulação do somatório de atividades (pesca, artesanato entre outros). [...] A implantação do Projeto Baixo-Assú e em particular, com o início da construção da Barragem Armando Ribeiro Gonçalves, no final dos anos 70. A expectativa da obra gerou todo o processo de especulação fundiária que, em conjunto com as desapropriações, resultou na liberação de grandes massas de trabalhadores rurais do Vale. [...] parte das terras próximas à Lagoa Piató não ficou imune a esse processo e é hoje área de exploração em moldes empresariais.

É importante a análise de Moura, sobre o sistema produtivo, pois ela ao descrever a economia dos habitantes do Piató, identifica alguns elementos da natureza que estão no convívio deles. Neste contexto, pode-se observar esta relação homem versus natureza, principalmente porque mostra os atores sociais que residem

e dependem da natureza para retirarem o seu sustento. Neste estudo de Moura, também é possível observar que a relação homem *versus* natureza se modifica na medida que há um intensivo investimento no setor tecnológico para o campo, gerando, em consequência um fator de desequilíbrio para o meio ambiente. Em outras palavras, o impacto ambiental na região, tem sido acentuado pela derrubada da vegetação nas margens dos rios (como o Baixo-Açu). De acordo com os estudos da citada autora, esse fator levou ao desequilíbrio dos elementos da natureza tanto os bióticos com os abióticos e o empobrecimento do sistema fluvial da localidade.

Através desta pesquisa foi possível constatar que o quadro de desgaste do Meio Ambiente está mais ampliado do que registrado no estudo anterior. Atualmente, conforme os dados sobre as condições do solo e do setor hídrico da região, verifica-se um sério impacto ambiental, assim as atividades na agricultura e a pesca nas localidades são produzidas em escalas bem menores. Com relação à agricultura, o maior entrave para uma produção de qualidade e em quantidade suficiente para a venda e o consumo do produtor é que o solo encontra-se desgastado pela intensiva cultura de sequeiro, na qual os agricultores não utilizam o sistema de consórcio da terra, isto fez com que o solo se tornasse cansado, conseqüentemente sem produtividade de qualidade. Outro fator identificado pelos informantes foi à questão da implementação da agroindústria na região, como o sistema de manejo e o uso foi feito a base de irrigação, agrotóxicos e fertilizantes, isso acelera o processo de enfraquecimento do solo. Esta prática também era utilizada pelos pequenos produtores, os quais poucos recebiam orientação técnica. A realidade concreta nas comunidades é um grande empobrecimento material dos habitantes que residem no entorno da Lagoa, pois estes no seu habitat não disponibilizam de outro meio de

produção, a não ser a terra e os mananciais para pesca. A mão-de-obra existente não atende as exigências do mercado, o qual estabelece técnicas e tecnologias mais sofisticadas, isto inviabiliza qualquer retorno às condições de baixa produtividade, como se tinha no passado. Em todas as comunidades estudadas foram encontrados propriedades com o solo muito comprometido pela erosão, isso foi consequência, segundo os moradores, do contínuo desmatamento na região e nas proximidades da Lagoa. Conseqüentemente, nos períodos de chuva a água arrasta para dentro dos mananciais, os quais muitos desapareceram, grande quantidade de terra, no caso os agrotóxicos que contaminam a água. E esta água poluída, contaminada também é para o consumo humano. Quer dizer se tem uma cadeia de problemas ambientais que são gerados pelas ações inadequadas estabelecidas entre o homem e a natureza. O que se pode constatar diante dos dados é que as grandes valas formadas no solo dificulta a agricultura local, além de favorecer o processo de assoreamento da Lagoa do Piató, que atualmente é de onde a população retira parte do seu sustento. Estes fatos são confirmados nos depoimentos dos informantes, quando se pergunta qual a situação da Lagoa hoje e como está a produção na agricultura e na pesca. No depoimento do informante Antônio ele assevera que

[...] o pescado é muito pouco hoje, com relação há anos passados, quando era criança e ia pescar com o meu pai era diferente. Tinha muita qualidade de peixe o que tem mais agora é o Tilapio e é pequeno.

Já outro informante, o pescador Francisco informou que

[...] em 84 ganhei muito dinheiro na pescaria agente sai aqui rapidinho dava um arrasto pegava 100kg, 80kg de peixes chegava só era entregar o comprador, era ele quem ia botar pra frente, ora hoje tem pouco peixe e bem miúdo, ele não está crescendo e a gente atribui isso, vamos voltar o assunto das empresas americanas.

Em face às citações dos informantes pode-se perceber que a degradação ambiental nas proximidades e dentro da Lagoa do Piató tem se elevado além do esperado, após 1993, como mostrou a pesquisadora Moura (1993), pois as principais atividades dos comunitários, passo a passo vêm sofrendo serias restrições devido à natureza ser o principal espaço físico para desenvolverem suas atividades. Além das três principais atividades de subsistência identificadas (pesca/agricultura e assalariamento) hoje a aposentadoria é outra fonte de sobrevivência para as famílias rurais.

2.2. Ocupação, atores sociais e modos de vida.

Discutir Representações Sociais de Meio Ambiente é passar necessariamente para debater a história das relações e inter-relações dos atores sociais com a progressiva apropriação da superfície terrestre, uma vez que, as formas espaciais criadas pelos homens expressam muito das relações sociais vigentes na época em que foram produzidas, e esse é um dos caminhos no processo do conhecimento que ajudam a identificar os sujeitos sociais no seu tempo e espaço, a partir de sua trajetória e de sua ação. Ação compreendida enquanto condição humana³ que proporciona a integração e interação intensa entre o homem e a Natureza. Estas teorizações podem auxiliar no debate acerca das Representações Sociais de Meio Ambiente, uma vez que são formuladas de acordo com os grupos sociais, o espaço físico que ocupam, o tempo em que estão vivendo, ou seja, é o sentido pessoal que

³ Segundo Arendt (1989) citada por Critelli (1993, p.120), a ação faz parte da condição humana, " é uma das condições nas quais a vida foi entregue ao homem para que ele dê conta da vida através desta condição. Ela pode ser abafada, desvirtuada, ressignificada, mas jamais aniquilada ou suprimida. A ação, enquanto condição humana, permanece como possibilidade humana em aberto para o homem.

atribuímos aos significados elaborados socialmente, estas Representações Sociais são definidas pela ação do homem no seu contexto social e com a natureza, desta forma se pode afirmar que a ação desdobra-se em História e conseqüentemente, promove a evolução tanto do espaço social quanto da natureza.

Assim, a história da ocupação da região do Vale Açu remete à chegada dos colonizadores⁴, da posse, da domesticação, expulsão, expropriação dos homens nativos e exploração de um espaço natural. Como analisa Moraes (1997, p.37) a ocupação do território norte riograndense não está dissociado da história da ocupação do território brasileiro em seu período colonial, pois este foi visto como um espaço de se ganhar, a submissão "civilizatória" de uma natureza bruta que engloba as populações autóctones". Diante disto, se pode afirmar que esta era a forma de gestão dos recursos naturais utilizados pelos colonizadores, que a partir das relações estabelecidas com a população deste "Novo Mundo" difundiram esse processo econômico europeu, ou seja, da natureza a prioridade será o lucro.

Diante deste fato, a história oficial, do Vale Açu foi registrada em pesquisas anteriores, em três temporalidades, onde as peculiaridades são documentadas durante o processo histórico de ocupação do território do Vale. Esta é uma das formas de contextualizar os períodos históricos da região.

Esta história também é contada por moradores da região, como foi verificado no período da pesquisa de campo em 2002. Nessas temporalidades nas quais são lidas a história do Vale, é possível averiguar também a história da ocupação do

sempre, em qualquer lugar e tempo, permaneça em realização, mesmo que não seja mais, publicamente, tida como relevante".

⁴ Sobre o "sentido da Colonização" no caso brasileiro, ver: PRADO Jr. Caio. *Formação do Brasil contemporâneo*. Ed. Brasiliense, São Paulo, 13. Ed. 1972; FAORO, Raymundo. *Os Donos do Poder: formação do patronato político brasileiro*. Rio de Janeiro: Globo, vol. 1- 8ª edição. 1987; GUIMARÃES, Alberto Passos. *Quatro Séculos de Latifúndio* [apresentação de Antonio Houaiss] 4. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

território as margens da Lagoa do Piató, bem como se identificar as Representações Sociais de Meio Ambiente em cada um destes tempos, como será analisado nos sub-capítulos a seguir.

2.2.1. Primeiro Tempo – rendição ou morte.

O primeiro período compreende os primórdios da ocupação da região, por volta do Século XVIII, quando os portugueses invadiram os sertões do Rio Grande do Norte, Ceará e Maranhão. Nesta conjuntura, foram travadas lutas com a nação indígena dos Tapuias, que eram comandados pelos reis Janduí e Caracará, também chamados Taraityov. Essa nação era considerada a maior tribo da região e reconhecida pela "sua vontade e resistência na defesa de um modo de vida próprio", segundo os estudos de Fernandes (1992, p.12)⁵.

De acordo com a historiografia oficial, as primeiras hostilidades entre os nativos e os colonizadores começam no ano de 1663 e o conflito é chamado pelos pesquisadores de "Guerra dos Barbáros". Baseado nos documentos da época, os Tapuias resistiram aos ataques dos colonizadores até 1726, quando foram aprisionados os reis Janduí e Canindé⁶. Destes índios vem o nome Piató.

⁵ FERNANDES, Ana Amélia. *Autoritarismo e resistência no Baixo-Açu*. Natal. CCHLA, 1992.

⁶ Ver MOURA, M. da C. A. & Teixeira, W. F. P. *Lagoa Piató: Fragmentos de uma História*. Natal: CCHLA, 1993. (Coleção Humanas Letras, N. 8).

Segundo Câmara Cascudo (1984, p.36)⁷ no idioma Tupi seria ipiá-a-tó, Lagoa da Casa, ou Lagoa da Morada, alusão à velha residência tradicional na fazenda de gado, uma das mais antiga às margens da Lagoa do Piató. Conforme o autor, o Piató, a morada primitiva, lhe deu o nome e era fazenda de gado.

Para o mesmo autor o nome Piató lembra os indígenas Tapuias, liderados pelo Rei Janduí, a habitação desta liderança indígena era ao longo do Rio Açu. Um dos seus acampamentos ficava próximo à Lagoa Bavatagh, localizada ao poente do rio e abundante em peixes, no lado nascente do rio ficava outro lago chamado pelos nativos de Igtug (Lagoa Ponta Grande, infestada de piranhas). O Rio Açu era chamado Otschunog. Os Tapuias Janduí, foram considerados pelos colonizadores como os mais temíveis. Foram os povos que mais resistiram aos colonizadores, entre outros que formavam a Confederação dos Cariris.

Como documentou a antropóloga Nazira Vargas (1987, p.33)⁸ sobre a história do Rio Grande do Norte, esta mostra que a cobiça do conquistador⁹, massacra esses primeiros habitantes até a última força de resistência. Esse fato foi confirmado em minha pesquisa e com base no depoimento de um dos últimos descendentes da história da nação indígena Tapuia, o senhor João (80 anos), ele é atualmente morador da comunidade de Bangüê. Nessa localidade, pode-se encontrar mais pessoas com filiação indígena do que nas outras comunidades, segundo informou alguns moradores no entorno da Lagoa do Piató. O senhor João, no depoimento relata passagens de sua história de vida

⁷ CASCUDO, Câmara. Apud Lúcia, Nestor dos S. **Classificação alfabética dos municípios do RN**. Natal: Imprensa Oficial, 1929. citado por Moura, M. da C. de A. & Teixeira, W. F. op.cit. p.36-145.

⁸ VARGAS, Nazira Abib Oliveira. **Beiradeiros do Baixo Açu: canto e lamento de Rafael Arcanjo da Costa**. Rio de Janeiro: FUNARTE, Instituto Nacional do Folclore. 1987, 33.

⁹ A respeito da figura do conquistador no universo do período colonial, ver (FAORO, 1989, p.158).

[...] sou bisneto de uma família de índios Tapuios [...], meu nome é João Melo, vulgo João Bravo, um homem esse, que com esta braveza toda nunca brigou. Eu nasci em 1921, num local chamado Fogo Apagado [Assú]. O apelido de Bravo vem da família, porque minha bisavó foi pegada a casco de cavalo e a dente de cachorro, ela era filha de índios, era os Tapuio[Tapuais], índios brabos. O que aconteceu é que ela foi pega por uma gente que chegou aqui, aí foi amansada e depois casou e construiu a família, mas até hoje a família ficou conhecida como a família dos brabos.

Essa fala confirma a historiografia oficial, sobre a colonização da região do Vale Açu, e serve como um dado importante na pesquisa, pois é o depoimento atual de um dos últimos representantes e conhecedores da história desta nação indígena Tapuia. Encontra-se também no relato do informante, resquício sobre a cruel e impiedosa forma de dominação desses povos. Segundo analisa Sodré (1989, p.3-21)¹⁰, confirmando o pensamento de (DARCY RIBEIRO, 1987), ao afirmar que:

[...] a diziminação da nação indígena foi feita pelos colonizadores visando transplantar no país a cultura européia, os colonizadores tiveram como prioridade incorporar o novo território ao mercado mundial. Assim nesse período, como não existia o mercantilismo, eles buscaram criar riqueza, as quais os mantiveram no rol do comércio mundial [...]. A contribuição da nova árca é apenas a terra - abundante e inculta. A colônia torna-se objeto porque, para a produção, só pode proporcionar o objeto. Numa produção transplantada, e montada em grande escala, para atender exigências externas, surge naturalmente uma cultura também transplantada..

Retomando a análise do relato do senhor João, observa-se que ele abre também espaço para reflexão sobre a temporalidade do homem. A temporalidade é um fator importante para ser levado em consideração, uma vez que o homem não é um ser isolado, mas que sua própria condição humana de refletir sobre seus atos, lança-o no domínio da história e da cultura. Tal reflexão o enraíza e lhe dá

¹⁰ SODRÉ, Nelson Werneck. *Síntese de História da Cultura Brasileira*. 16.ed. Editora Bertrand Brasil S.A. Rio de Janeiro, RJ - 1989, 3-21.

consciência de sua temporalidade, isso é importante para se compreender as Representações Sociais correspondente aos diversos contextos históricos que os sujeitos sociais (re)constróem ao longo da vida, tem-se assim a confirmação de que as relações sociedade *versus* natureza não são desenvolvidas no vazio. Dessa forma, as Representações Sociais vão sendo (re)construídas de acordo com as experiências e conhecimentos dos atores sociais em seu cotidiano isto deve ser sempre levado em consideração no estudo.

Outros moradores das comunidades vizinhas a Bangüê, foram entrevistados para contar um pouco da origem do Piató, entantanto grande parte dos informantes não conhecem a história daquela localidade, outros recordam vagamente as histórias sobre as nações indígenas que ali fizeram morada na Lagoa do Piató. Os depoimentos foram de pessoas adultas e mesmo assim, diziam: "*eu ouvi dizer*"; "*os mais velhos contam*"; "*quando eu era menino, meu pai contava*"; observa-se que este saber oral, com relação à história de origem do Piató que foi repassado a população atual, guarda apenas fragmentos de uma memória que parece se esvaír ao longo das gerações. Assim, hábitos, costumes, linguagem, que são heranças das nações indígenas não são compreendidas pelas atuais gerações, sendo praticadas, mas não decodificadas como se originou no grupo, a exemplo da pesca, do hábito de se plantar raízes nas vazantes do tipo batata, mandioca. Os moradores atualmente não conseguem fazer claramente esta interligação entre o passado e o presente. Principalmente entre os jovens das comunidades esse fato foi registrado nos relatos dos informantes. Eles afirmaram que:

[...] os mais antigos dizem que aqui não era Lagoa, era uma baixa verde, no tempo dos índios. O que eu sei é que a Lagoa nasce de uma história, e é essa história que eu não sei contar.

[...] a história, que apreendi na infância. Eu era menino ainda ouvi falar que esse nome Piató, era indígena. Foi um nome dado pelos índios que morava do outro lado da Lagoa, numa região que é chama de Tapuia, dizem que lá existiu índios, eu não tenho conhecimento certo, que essa é a verdade. Mas quando começou a chegar gente pra morar aqui, ficou o mesmo nome Piató, mas o significado dela mesmo, eu não sei

[...] eu não sei de onde vem esse nome Piató. Também nunca tive curiosidade de saber.

No entanto, vale salientar que toda memória é seletiva. Se existe uma situação de esquecimento, por parte principalmente dos moradores de Bangüê, quanto a sua origem étnica, tal fato pode se dar num campo de estratégia e de manipulação étnica, pois os informantes só buscam nos registros da memória fatos ou acontecimentos que possuam significados no presente. A memória é uma criação. À exemplo disso, o entrevistado João, de descendência indígena, com 86 anos, antigo agricultor, hoje aposentado, contou que gostava muito de trabalhar com a terra, não quis ser pescador. Então pedi para falar sobre o que ele entendia por Meio Ambiente e sua resposta foi que não sabia nada. Para ele o Meio Ambiente

[...] não é do meu tempo. Há gente, há coisas, com que as pessoas trabalham. Agora a natureza sempre existiu e ela representava tudo para mim e para os que moravam aqui. No meu tempo a natureza era muito respeitada. A gente tirava tudo dela o material para se construir as casas, que era feitas de barro e madeira, a terra que boa pra plantar, tudo que eu plantava colhia. Todo ano eu butava um roçado grande e garantia a comida da família. A gente só tirava as coisas da mata quando se precisava. Eu achava que era um crime uma pessoa pegar um machado e derrubar uma árvore enorme, bonita e deixar ela no chão, isso é um crime grande e destruir a natureza é destruir o que Deus fez. É hoje só é o que mais vejo. Ai de frente da minha casa depois desses carnaubais ai isso era uma mata que fazia gosto. Tinha todo tipo de árvore como o Juazeiro, a Quichabeira. Outro dia eu sai por aqui andando devagar fui lá olhar aquele terreno, quando vi, ai me deu uma tristeza tão grande, só você vendo, tudo distorrido, por terra mesmo. Eu acho isso uma coisa disconforme para a natureza. Tudo isso só para tirar lenha pra vender. Esse carnaubau é o seguinte, quando eu cheguei aqui, o proprietário cercou até lá na frente mandou brocar, eu fui um dos trabalhadores.

Como pode ser lido no relato acima o informante não sabe falar sobre o Meio Ambiente, para ele é algo que não existia em seu tempo, que ao se pronunciar a palavra Meio Ambiente, ela não representa nada, pois ele não tem familiaridade com este assunto, desse modo não sabe explicar, ou dizer o que venha ser Meio Ambiente. No entanto, quando faço referência a natureza, a sensação é que falei de algo próximo que esta em contato direto com a sua vida e a sua experiência . Pois é deste espaço físico que ele pode retirar alguns elementos naturais, como o barro e a madeira para construir suas habitações. É da terra que ele retira o sustento para a família e é na propriedade do patrão que o informante tinha seu trabalho certo, o qual garantia o sustento da família. Fica claro também como o informante não tem a prática, ou como profissão, ser pescador, não se encontra no seu relato uma preocupação direta com a Lagoa do Piató, a sua atenção é dirigida para as questões correlacionadas com a agricultura. Neste relato também se verificam as questões afetivas na relação homem versus natureza, quando o senhor João argüiu sobre o desmatamento, como ele diz, "*quando vi, ai me deu uma tristeza tão grande, só você vendo, tudo distorrido, por terra mesmo*". Esse período vivenciado pelos informantes é traduzido na década de 20. Nesse período se verifica que a natureza é vista pelos atores sociais das comunidades, pela vertente do "Preservacionismo" que surgiu, desde o Século XIX. Os preservacionistas cultuam a natureza da forma como ela é, sem a ação humana interferir. Mas sabendo-se que isto é utópico, admitiam que o homem a consumisse, estabelecendo que retirassem apenas o necessário para a sobrevivência, quer dizer sem fins lucrativos. Mas vale ressaltar que essa visão de mundo não é dos agentes externos que exploram a natureza para fins lucrativos.

Segundo Vargas (1987, p.128), outras atividades econômicas foram incorporadas e muito significativas para a economia tanto da região como para a sobrevivência da população, à exemplo do extrativismo vegetal e o trabalho das salinas, que começaram a liderar e movimentar a economia no começo da década de 30, pois o produto é matéria-prima para produtos industrializados.

A atividade extrativista com a extração da cera de Carnaúba¹¹, na região do Vale Açu, atinge seu apogeu na década de 40, período entre as duas "Grandes Guerras", quando o mercado internacional definiu um alto preço pelo produto. Isso favoreceu a abertura para a oferta de trabalho e fez com que no Vale Açu houvesse um grande investimento de latifundiários, tanto visando o setor econômico como o político da região. Com isso, acelera-se o desaparecimento de pequenos proprietários e a expulsão de posseiros de suas terras. Assim, as atividades desenvolvidas pelas pessoas que habitavam nessa região são orientadas pelos donos das terras, que visam atender o mercado, é uma produção orientada para determinados fins. A natureza em mais em uma das etapas de produção de capital, representa lucro. Como se pode observar, não existe a preocupação com o meio ambiente, preservar, conservar são conceitos quase que não utilizados pelos gestores deste espaço físico, fosse esse o trabalhador, o qual tinha a preocupação de ter como e onde trabalhar para sobreviver; o proprietário da terra, que visava ter o produto para abastecer o mercado garantindo o seu lucro e o Estado, que estaria com o produto para negociar no mercado externo.

¹¹ Carnaúba (*Copernicia Prunifera*) – também conhecida como "árvore da vida", porque dela tudo se aproveita. Ela atinge a idade de 200 anos e uma altura de 20 a 30 metros, sobrevive na seca e na água. Na safra que vai de junho a dezembro, empregava certa de 300 mil trabalhadores, durante esse período, isso devido a região ter o extrativismo com fonte de renda. Na entre safra esse trabalhadores vivem da agricultura de subsistência, pesca e outras atividades. A carnaúba serve para fabricação de polidores, cosméticos, batom, isolantes de chips de computadores, folha de carbono. No setor de artesanato (chapéu, abano, vassoura, esteira, vela, bolsa, covo de pesca), cobertura de casa e diversos outros produtos tem a carnaúba como matéria-prima. (Informações Programa Globo Rural – Reprisado 09/Fevereiro/2003).

Este foi o período de domínio dos coronéis e das famílias influentes da região, enquanto que a maioria dos habitantes eram transformados em meeiros e trabalhadores diaristas.

Já o trabalho nas salinas, desenvolvido nos municípios de Areia Branca, Mossoró e Macau, situado próximos ao Vale Açu, também são áreas de grandes investimentos e exploração da mão-de-obra na região.

Sobre o trabalho nas salinas explica o senhor João:

[...] o trabalho nas salinas é trabalho de escravo. Trabalhei 21 anos nas salinas em Mossoró. Mas trabalhei em todas elas até em Areia Branca. Não sou homem de lamentar, nas lhe digo nunca juntei nada, com tanto trabalho, não tenho riqueza, a única riqueza na minha vida era os braços, no tempo que trabalhava.

Outro morador destaca a importância da carnaubeira e que ela é uma árvore com inúmeras utilidades:

[...] a carnaúba, era a maior fonte de renda do município. Aqui tudo era plantado de carnaúba, todo mundo trabalhava, no plantio, e no corte. Ela, era exportada toda. Olhe essa cera de carnaúba, ela dá tudo. Antigamente, era muito valorizada, quando não existia petróleo, suficiente. Existe muita coisa feita com a carnaúba, a cera, é feita da palha, o óleo, feito do carroço e antigamente as casas das comunidades era coberta com a palha, dela. A madeira se aproveita pra cercar os currais. Depois dela tirada o pó, aquele pau que sobra serve de adubo. Aqui tem gente que ainda faz chapéu, esteira, vassoura, tudo, tudo é feito com essas árvores.

As vantagens da carnaúba também são destacadas nos estudos sobre a economia da região pela pesquisadora Vargas (1987, p.128), quando afirma que:

[...] a partir do início da década de 40, a cera de carnaúba começou a ser procurada no mercado internacional. E as belas palmeiras habitadas por cantos de rouxinóis, juritis, sabiás, graúnas, corrupis, passaram a ser olhadas como preciosas fontes de uma mercadoria, a cera de carnaúba.

Este fato também foi registrado nos depoimentos de outros trabalhadores que vivem o período de apogeu da economia extrativista. Como afirmou um antigo agricultor, João: *"foi um tempo de fartura para os homens com recursos financeiros. Para o trabalhador se garantia apenas um trabalho, nada mais"*. E acrescenta o informante:

Na década de quarenta o poder de um proprietário aqui na comunidade era grande. Quando eu era jovem trabalhei muito pra ele, homem dono de muita terra. Trabalhei muito e na agricultura principalmente. Conheço bem a carnaúba do plantio ao corte. Esse carnaubal é o seguinte: o Capitão comprou essas terras todas ai na frente, a maioria do povo trabalhava pra ele. Eu era responsável por uma parte das terras das carnaúbas eu broquei as terras, plantei e tomei conta de toda essa parte, as carnaubeiras era muito bem cuidada. Quando chegava o inverno eu ia fazer meu roçado, era aqui perto, plantava milho, feijão. E todo ano o proprietário mandava limpar as árvores [...]. A gente no meu tempo respeitava muito a natureza, era ensinamento de pai para filho. Se alguém da comunidade, visse derrubando alguma árvore, ia avisar ao proprietário, ai ele tomava as providências na justiça. Ele não aceitava cortar um galho de uma árvore sem a permissão dele..

Analisando este depoimento, verifica-se que paralelo a principal atividade de produção o extrativismo do Vale Açu é parte da história do povo e da região, mas a agricultura de subsistência ainda é cultivada. Assim, uma vez que buscam descrever suas história através das bases materiais em que se construíram as formas de relação com a natureza. No depoimento do agricultor se pode observar ainda que os trabalhadores mesmo vinculados à extração da carnaúba, não abandonam suas fontes de sobrevivência: a agricultura de sequeiro, como disse o informante: *"a lavoura quando o inverno chega, é certa"*. Essas atividades influenciam nas relações pessoais, no trabalho e no contato com a natureza. É interessante observar ainda que os comunitários têm conhecimento de seu ambiente, os ensinamentos que são transmitidos de geração para geração permitem que as novas gerações tomem

conhecimento do seu mundo, interpretem e atuem nesse mundo vivido, construindo o ambiente mais adequado para a reprodução do grupo.

Outro registro importante retirado dos dados da pesquisa, foi o depoimento de dona Zélia, professora da comunidade de Bangüê ela explica que antes da carnaúba ser a "menina dos olhos" dos capitalistas, essa árvore inspirou canções, poemas, até mesmo o próprio hino de duas comunidades no entorno da Lagoa do Piató: Bangüê e Porto Piató, apenas estas duas comunidades possuem hinos, as outras três não. Como demonstrado abaixo:

Hino de Bangüê.

*Cantado durante a entrevista pela professora Zélia –
Letra de Joana Leia de Oliveira [professora da comunidade 1949]*

*Bangüê terra bendita
De verdes algodoads
Onde os canários gorjeiam
Dentro dos carnaúbas
Terra linda hospitaleira
Terra nobre, rica e boa
Tens o reino da fortuna dentro da tua lagoa
Terra encantada
Berço de Amor
Engalonado, cheirando a flor
Nessas estrofes vou descrever toda beleza do Bangüê.
Terra assim tão dadivosa
Só se encontra no Brasil
Terras de matas formosas
É um céu de puro anil
No Sertão, não há tão boa
Nem mais rica outra não há.
Flores perfume e grandeza. Tudo se encontra por cá.*

Hino do Porto Piató

*Cantado durante a entrevista pela moradora Maria Alves da Costa, dona Lusa
Letra de Lica [antiga professora da escola da comunidade]*

*Piató terra querida, de verde algodoads
A onde os canários gorgeia
Dentro dos carnaubaus
Terra nobre, hospitaleira*

*Terra nobre, rica e boa
Trago o reino da fartura,
Dentro de sua Lagoa,
Terra encantada, berço de amor,
Toda magia cheirando a flor
Nessa estória eu canto só toda beleza é do Piató.*

Assim as Representações Sociais de Meio Ambiente são (re)construídas a partir da relação que os comunitários têm com a natureza, ou seja, boa parte da trama da vida diária, dos sujeitos sociais do entorno da Lagoa do Piató é representada em consonância com o ambiente em que vivem. A natureza, (re)apresentada através da poesia, pelos e para os próprios atores sociais das comunidades, instituem uma das formas de conhecimento, socialmente elaboradas e partilhadas no seu mundo vivido. Desta forma, fica evidente que os sujeitos sociais ao materializarem as idéias que constroem a respeito de seu mundo vivido, o registram de forma que o percebem. Assim, pode-se afirmar que a poesia é uma das formas de apresentar as Representações Sociais de Meio Ambiente, dos atores sociais que vivem no entorno da Lagoa do Piató.

Ainda sobre a carnaúba, segundo o informante Lucas em seu depoimento, a carnaúba representou para os habitantes do entorno da Lagoa do Piató a beleza natural, gerou muita riqueza e inspirou também que os poetas da localidade escrevessem sobre ela e a região, à exemplo do Cordel escrito, em 1988, por Elói Justo da Fé, intitulado "História e Potência da Lagoa Piató". O informante disse que "*escrever sobre as coisas do Piató é uma forma de manter viva a história do povo*". A carnaúba também está presente na poesia escrita por Ivete Medeiros, moradora na localidade. Segundo alguns informantes, Ivete foi a primeira defensora ambientalista da região por morar nas proximidades da Lagoa do Piató, conhecia de perto o

cotidiano de seus habitantes, assim impunha a bandeira em defesa do meio ambiente como pode ser visto abaixo, no poema intitulado "Árvore da Providência".

Árvore da Providência

De caule agressivo
A madeira de lei
É telhado, é morada.
Suas fronteiras são rendas
São leques ruidosos aos ventos
Da palha, do olho
É trabalho nas mãos do artesão
É adubo da terra sofrida
Do fruto maduro
É semente, é alimento
São barreiras das águas
Barrentas do rio
Nas enchentes – é defesa da terra
Garantia de vida do meio ambiente
Vegetal cobertura
É carnaubeira do Vale
Promissão de fartura
Celciro – alimento do povo
No clima ameno
Correntes nordestes
Da brisa da tarde

Soprando a terra
Redemoinhos levanta
Protesta calado
Carnaubais desta terra
Frondosos e esquecidos
Do Vale riqueza
Progresso consagua
Nos quadros pintados
Passado lembrado
Belezas das terras salgadas
Debatem os homens
Do mundo futuro
Das terras promessas
Cada árvore caída
A vida que morre
Os filhos que choram
Árvore atencira
Renasce no solo
A semente caída.

Autora: Ivete Medeiros/Octubre de
1987.

Como pode ser observado no poema de Medeiros, há uma descrição da importância que a carnaúba teve para a região e para as populações das localidades no entorno da Lagoa, tanto gerando riqueza como viabilizando trabalho para os moradores. Mostra também que os carnaubais garantiam que a natureza não fosse explorada em uma ação de degradação pelos os homens, ou seja, garantiam à vida biótica e abiótica que existia neste ambiente pois o trabalho nos carnaubais era onde se gerava renda para as despesas da família.. Através deste poema também se tem a descrição da importância da carnaúba para as pessoas que as utiliza, no caso dos moradores da Lagoa esta árvore foi bastante utilizada para a construção de casas. Quando no poema ela diz "a madeira é de lei", isso representa que este material retirado da natureza é forte, resistente e que ninguém duvida que a construção fica

bem segura com ele. Já ao afirmar que "é Telhado" isso representa as palhas da carnaúba que servem para a cobertura das casas dos moradores. A expressão "suas fontes são rendas" representa o artesanato produzido na região com a palha da carnaúba, o conhecido "olho da carnaúba" que é aproveitado para a produção de vassoura e muitas outras utilidades que esta árvore possui e torna-se fonte de renda para os comunitários.

Outra comunidade no entorno da Lagoa do Piató, que tem ligação com a História do Brasil, no período da escravidão é a de Bela Vista Piató. A população que ocupou este espaço físico, segundo o depoimento dos moradores, é descendente de negros, que ao serem alforriados alguns receberam terras dos proprietários que trabalhavam para eles, assim fixaram moradia nessa localidade, também trabalhavam na agricultura, que era a principal fonte de recursos das famílias. Esta história é de conhecimento dos moradores das comunidades. Este fato é confirmado com o depoimento do morador da comunidade vizinha, senhor Francisco, ele afirmou que

[...] quando os negros foram libertados, alguns receberam e outros ocuparam terras, no entorno da Lagoa do Piató, para continuarem trabalhando. Havia nessa região, contava meu avó, 17 casas de farinha, um engenho de rapadura e a plantação de cana-de-açúcar tudo isso era trabalho desse povo. Até que essas terras foram tomadas por uma família, poderosa, que expulsaram o negros de lá. Ai acabaram com tudo, eles queria as terras pra criar boi, por que eram terras boas, cheias de olheiros.

Como se pode ler no relato acima, a terra para o grupo negro servia para trabalhar, não se tem o jogo ou a pretensão da acumulação. Enquanto que o outro grupo que chega e os desapropria tem novos planos para investir em outra atividade.

A comunidade Bela Vista Piató é hoje formada pelos descendentes destas famílias negras, são atualmente cento e vinte e duas famílias. Conforme verificado

em campo, do total dessa população 53,73% são mulheres, em números absolutos 355 pessoas. Os homens representam 46,27% da população, isto é, 305 pessoas. Bela Vista Piató é a maior comunidade no entorno da Lagoa e seus habitantes em épocas passadas trabalhavam com agricultura e pesca, a prática com este tipo de trabalho foi ensinada de geração a geração. No depoimento de uma comunitária, ela relatou que os habitantes desta comunidade têm dificuldade de encontrar trabalho fora. Assim, os moradores desenvolvem qualquer atividade para ter o sustento da família, seja esta na extração da madeira da caatinga, para produzirem carvão, o qual serve para o consumo e a venda, seja para vender a lenha para os donos das cerâmicas e panificadoras da cidade, vale salientar que atualmente não existe nas imediações, desta comunidade, mais terra coberta com a vegetação da caatinga ou qualquer outro tipo de árvore, ou seja, toda vegetação foi retirada. Nas palavras de uma outra informante, sobre a questão como a população entende o que é o meio ambiente, ela respondeu:

[...] No meu tempo de criança havia muitas árvores aqui, hoje não existe mais, tiram tudo, não tinha muita carnaubeira era o Pereiro, Juazeiro, Cajueiro, Umbuzeiro, Marmeleiro, dava sombra para os animais era bom. Mas a comunidade devastou, eu vejo que é mais a necessidade que é grande, eles não têm do que sobreviver, tiravam a lenha. A comunidade sabe o que é Meio Ambiente não. Eles não sabem, eles só vê no que trabalhar pra dá sustento a família. Eu acho que eles destróem as árvores, lavam roupa na Lagoa por falta de orientação. E quando a gente chama para conversar eles não acreditam na palavra da gente. Porque já somos daqui mesmo e santo da terra não obra milagre.

Neste depoimento, a informante mostra que o próprio grupo planeja as atividades de trabalho a partir de suas necessidades, pois estas são prioritárias para eles. Diante deste quadro, entender ou definir o que venha ser Meio Ambiente não é

de fundamental importância para estes atores sociais, a natureza representa a fonte certa de adquirir os recursos para a sua sobrevivência.

Para Moura (1987, p.20) a vida econômica e conseqüentemente o trabalho no Baixo-Açu, estiveram fortemente ligados à produção de alimentos, particularmente à lavoura de subsistência, essa tinha como base o feijão de corda, milho, vários legumes, abóboras, bananas e batata-doce.

A outra atividade econômica significativa, sobretudo para a população ribeirinha, é a pesca artesanal¹². Segundo depoimentos dos pescadores da comunidade de Porto Piató a pesca é o principal trabalho das pessoas que moram nessa comunidade desde os seus primeiros habitantes. E este saber sobre a pesca passa de geração em geração, por isso a principal fonte de subsistência e de comercialização é o pescado, todas as atividades de renda da população giram em torno da pesca. Assim informou um antigo pescador:

[...] tinha diversos peixes, tacunaré, curimatã, não conheci a tilapia. Faz pouco tempo que a tilapia apareceu, todo mundo falava da Lagoa em termo de peixe bom a curimatã, o tacunaré, côro, sardinha e muitos outros peixes.

Dentre as espécies de peixes na Lagoa do Piató, Almeida (1993, p.76), em estudo sobre a ictiofauna do manancial, apresenta três categorias básicas. Ver o Quadro II, abaixo:

¹² DIEGUES (1998, p.4), considera " pesca artesanal aquela em que os pescadores autônomos, sozinhos ou em parcerias, participam diretamente da captura, usando instrumentos relativamente simples. A remuneração é feita pelo sistema tradicional de divisão da produção em "partes", sendo o produto destinado preponderantemente ao mercado. Da pesca retiram a maior parte de sua renda, ainda que sazonalmente possam exercer atividades complementares [...]. Uma outra característica importante do pescador artesanal é a sua dependência dos comerciantes ou "atravessadores", para os quais muitas vezes entregam toda a produção, pois deles dependem para compra de material para pesca [...].

Quadro II - Principais espécies de Peixes na ictiofauna da Lagoa do Piató.

Principais espécies de peixes na ictiofauna da Lagoa do Piató		
<i>Nativas</i>	<i>Introduzidas</i>	<i>Temporária</i>
Piaba (<i>Astyanax bimaculatus lacustris</i>)	Tucunaré (<i>cichla ocellaris</i>)	Camurupim (<i>megalopsis atlanticus</i>)
Piau (<i>Leporinus friderici</i>)	Tilápia (<i>Oreochromis niloticus</i>)	-
Traira (<i>Hoplias malabaricus</i>)	Pescada (<i>Plagioscion squamosissimus</i>)	-
Curimatã (<i>Prochilodus cearensis</i>)	-	-
Branquinha (<i>Curumatã ciliata</i>)	-	-
Sardinha (<i>Triporthicus angulatus</i>)	-	-
Piranha (<i>Serrasalmus nattereri</i>)	-	-
Cangati (<i>Parauchenipterus galeatus</i>)	-	-
Aniquim (<i>Pimelodella gracilis</i>)	-	-
Cascudo (<i>Hypostomus sp</i>)	-	-
Jacundá (<i>crenicichala lepidota</i>)	-	-

Fonte: Ver ALMEIDA, Raimundo Gonçalves de. Lagoa do Piató: Peixes e Pesca (1998)

Moura (1987) mostra que durante a década de 20, toda esta produção de pescado era possível porque o curso das águas do rio Açu ainda não havia sido modificado, a pesca era praticada de forma artesanal, os pescadores que desenvolviam suas atividades neste manancial eram da própria localidade, ou seja, os moradores tinham o conhecimento para com a natureza sem a interferência de agentes externos. A partir de seu próprio conhecimento, ou seja, das condições disponíveis em seu mundo vivido, eles criavam alternativas para manejarem e usufruírem a natureza, quer dizer a natureza era a fonte que fornecia os recursos naturais para a sobrevivência do grupo e esta por si só renova-se; observa-se que não há referência dos informantes de que os recursos naturais estão sendo repostos.

Desta forma, a história do Rio Grande do Norte, não está dissociada da lógica do processo sócio-político e econômico do País e conseqüentemente da lógica do capital. Para tanto, basta observar que foram sucessivas as mudanças na região em decorrência do papel desempenhado pelos colonizadores e ocupantes da região. É neste interim que entra em cena, o segundo período, identificado como o tempo das "vacas gordas" na história do Vale Açu.

2.2.2. Segundo Tempo: período das "vacas gordas"

A economia da região norte riograndense foi uma das pioneiras na produção da pecuária extensiva do Estado, e ocupou grandes áreas de terras. Essa atividade foi estabelecida pelos novos habitantes, que associaram solos férteis e os mananciais para terem água durante todo o ano. Esta atividade também foi viabilizada devido à proximidade das salinas, uma vez que a pecuária era para a produção da carne seca, a charque. Outro fator positivo do desenvolvimento desta atividade era a proximidade do porto, para escoar a produção, fato que contribuiu para a sua expansão.

Essa história foi registrada não apenas nos documentos e pesquisas dos historiadores e antropólogos, mas também na memória de moradores das comunidades no entorno da Lagoa do Piató. O período de bonança é descrito no depoimento de seu Francisco, pescador e agricultor, morador da localidade:

[...] as terras aqui foram boas. Meu avô contava que tinha muita fartura. Tinha gente de dinheiro que tomava terra dos pobres e dizia que era deles, só pra criar boi que é o caso dessa propriedade vizinha. Contam que essa terra foi

tomada de uns negros, que tinha sido libertado, uns escravos, e aqui existia um quilombo, ainda hoje tem uma tapera de uma casa de farinha que era deles. Essas terras deles era a melhor, porque existia olheiro, fontes d'água que jorra do solo. Ai quando eles foram expulsos daí, ai dizem que esses negros espraguejaram quem tomou a terra deles, que quem ficasse com essas terras nunca ia prosperar, isso foi depois da libertação dos escravos [...]. Ai os novos donos chegaram à criar umas 1200 réis. Outros, aqui perto criaram 800 réis. O meu avô mesmo era agricultor, mas criou 150 a 200 cabeças de boi. Tudo isso era riqueza pra região da gente. Nessa época era mais liberal porque tinha a parte da propriedade que só criava as reises, a outra o dono liberava para os trabalhadores plantarem e criarem.

Com base no citado depoimento, observa-se a reestruturação social, econômica e política vigente nesse período, os donos de propriedade seguiam a demanda do mercado, mas também o pequeno proprietário adotava este novo sistema de produção, se o mercado era próspero para o investimento na pecuária extensiva, todos buscavam lucros, assim esse trecho traduz, com precisão contundente, o processo de desenvolvimento do Vale Açu.

O desenvolvimento da região também foi impulsionado pela atividade da cotnocultura, isto é a produção algodoeira para exportação. Essa atividade ocupou as médias e pequenas extensões de terra da região, pois encontrou o seu apogeu junto ao mercado externo, principalmente no setor têxtil inglês, que comprava toda a produção da região, na década de 50. Disse o agricultor, Francisco, em seu depoimento que viveu o apogeu da agricultura do algodão, o conhecido "Ouro Branco" do Nordeste. Segundo o informante *"foi um tempo de muita fartura para os moradores das comunidades, nos periodos de seca se faltasse o peixe, havia a agricultura do algodão, que era feita nas vazantes dos rios. Assim, todos tinham como sustentar a familia, plantando por conta própria ou trabalhando alugado"*. E continua o informante:

A década de 50 foi toda seca, né, mas aqui pra os proprietários e os moradores que tinham vazante na Lagoa foi uma riqueza, por que foi como eu terminei de falar, naquela época a Lagoa era toda enraizada de algodão, não tinha a praga do bicudo, o trabalho que a gente tinha era só no mês de maio, roçar o algodão, aquele mato que criava dentro do algodão. Era uma boa sofrá de algodão, todo ano, todo ano. O algodão, não precisa de muita chuva não. Ai tinha a terra fresca dos olheiros que dava muito feijão, tá entendendo, quer dizer a gente produzia o feijão, produzia o milho, produzia trigo, enfim tudo e o algodão era certo.

A década de 70 não foi diferente, a produção agrícola do algodão ainda liderava o mercado interno e externo da região como descreve o informante Cosme, no seu depoimento:

A história da Lagoa do Piató é importante se saber, a Lagoa em 1970, foi o primeiro ano que eu vi ela seca, ela dava de tudo que a gente queria, só não peixe que ela estava seca. Secava e não fazia falta a gente, fazia falta sim o peixe ai se pegava noutra canto, mas ela tinha toda riqueza; melão, melancia, feijão, milho, tudo se tinha muito, era tudo plantado nas vazantes quando ela secava, o algodão era excelente. Em 70 a Lagoa tava seca, muita gente saiu pelo mundo, ia pescar em outro local. Eu fui pra o Ceará, a família ficou. A gente tinha plantado algodão e não deu tempo eu colher a família foi quem tomou conta. Eu voltei logo, mas fiquei assombrado com tanto algodão que eles colheram, a colheita foi grande nessa época, todo mundo lucrava.

Outro agricultor da localidade, o senhor Francisco, confirmou o período de fartura às margens da Lagoa:

Meu pai era agricultor. então o meio que tinha justamente era explorar a nossa mão-de-obra, né. Que a gente trabalhava no inverno, a gente plantava o milho, o feijão e algodão, e na época da colheita era todo mundo trabalhando, prá colher o milho, o feijão, quando terminava a colheita, essa colheita, a gente ia colher o algodão, quando terminava a colheita do algodão, que nessa época as cercas era tudo de madeira, né. Tinha isso também. Ai a gente ia cortar madeira pra remontar as cercas, pra no próximo ano, as cercas tá, é, tá nova, terminava o trabalho das cercas, ai agente ia podar o algodão né. Aquele algodão, que hoje não existe mais, que se trabalhava com algodão verdão e o algodão mocó, né. A gente fazia uma raiz de algodão, se trabalhava nela dez, doze anos. Hoje, eu não vejo mais isso, a gente não pode mais trabalhar em algodão, ai a situação tornou-se difícil por conta disso. Não pode porquê? Não tem terra para plantar, não. A gente tem as terras tá entendendo. Agora só que tem a praga, o bicudo né. [...] Aqui ao redor dessa Lagoa já houve produção de

algodão, trigo, melancia, melão, tudo. Enfim, era antigamente é, essas terras tem uma parte que tem uns olheiros Essas terras fresca de olheiro era sitio de cana, banana, feijão, milho. Tudo que você plantava dava, macaxeira , tudo enfim. Então quando não tinha a pesca, tinha a agricultura. Agricultura e muita.

Os depoimentos descritos acima mostram que o homem surge como explorador e gerenciador do equilíbrio da natureza. A natureza representa, para o homem ribeirinho, riqueza e fartura. Nessa época as atividades eram desenvolvidas sem que o homem despertasse para a questão da degradação ambiental. Também indicam claramente a posição dos atores sociais em relação com esse meio natural, ou seja, o homem nessa situação se encontra despreocupado com a natureza, pois ela é fonte de riqueza, que por meio da ação antrópica, gera os recursos naturais suficientes para o abastecimento dos grupos sociais, bem como para a comercialização, no caso do algodão, garantindo assim a existência e a reprodução dos grupos sociais.

Ainda argüindo sobre a vida econômica da população das comunidades apresento o Quadro III com os produtos agrícolas, divididos em dois grupos: o de subsistência e outro o produto que era comercializado em grande escala tanto no mercado interno como no externo.

Quadro III - Principais produtos agrícolas para subsistência dos comunitários e comercialização na região.

Principais produtos agrícolas para subsistência e comercialização	
<i>Produtos para subsistência</i>	<i>Produtos para comercialização</i>
Feijão * (Phaseolus Vulgaris, Vigna Unguiculata)	Algodão Moco (Gossypium Barbardense)
Milho* (Zea Mays)	Algodão Herbáceo (Gossypium Herbaceum)
Jerimum* (Curcubita Pepo)	-
Abóbora* (Cucurbita Maxima)	-
Gergelim*	-
Batata -doce*	-
Melão	-
Melancia*	-
Outros	-

Observação (*) - São os produtos até hoje cultivados pelos agricultores das localidades no entorno da Lagoa do Piató. Dados, informados pelos próprios moradores.

Como pode ser visto no quadro III, quase todos os produtos cultivados para a subsistência das famílias, hoje quase não são mais cultivados, devido o solo estar muito fraco, dessa forma, diante dos dados dos agricultores estes informaram que a produção desses produtos não compensa devido a existência das pragas, chuvas escassa, falta d'água, falta de sementes, tudo isto desestimula e dificulta o pequeno produtor em continuar desenvolvendo suas atividades no campo. Este fato foi confirmado no trabalho de campo e no depoimento do agricultor Justo: "*na Lagoa dava de tudo hoje é muito fraco a agricultura, o melão não presta né pra comer, hoje ele é bem pequenininho e salgado porque a água da Lagoa salgou. Antigamente esse melão daqui era bem doce*". No entanto o principal produto para a comercialização é o algodão, isto a partir da década de 50, o qual possibilitava a

integração regional. Esse produto perdeu a liderança do mercado, durante a década de 80 devido à praga do bicudo. Este fato representou uma baixa significativa na renda familiar dos agricultores destas comunidades, pois não havendo mais um produto que estivesse sendo líder no mercado externo, os trabalhadores tinham a renda reduzida à pesca e/ou agricultura de sequeiro, como demonstra o depoimento abaixo:

[...] a situação tornou-se difícil de trabalhar com o algodão depois da praga do bicudo, porque não tem terra para plantar, quer dizer a terra tá muito fraca, a gente tem terra mais é assim da produção de algodão só restou a praga nada mais. Você pra produzir algodão no tempo de hoje com a praga que existe, é pra você combater primeiro a praga não tem condição. E a gente não tem como investir, não. É um negócio arriscado.

Pela informação do agricultor, ele deixa claro que é inviável a produção do algodão, pois a terra não tem mais as suas substâncias próprias para se auto-fertilizar. Ainda segundo o informante, o próprio agricultor não tem recursos financeiros para investir na terra e para lutar contra a praga do bicudo com isso a produção aos poucos não vai sendo mais executada.

Como se pode ler no conjunto dos depoimentos acima descrito, a fertilidade da terra representava a certeza de boa lavoura, garantindo recursos para o consumo da família (feijão, milho, melão, gerimum etc.) e para a venda (algodão). Como a terra em que se trabalhava nesse período era fértil, fator contribuiu, expressivamente, para se definir uma nova opção econômica na região, que resultou em mudanças no quadro econômico, o qual promoveu um dinamismo interno bem como, ampliou às fronteiras de mercado. Observa-se igualmente, neste momento, a expansão do povoamento, e das estruturas políticas que são redefinidas para atender às novas

expectativas econômicas e sociais bem como das representações sociais de Meio Ambiente, que também são redefinidas pelos sujeitos sociais.

Este fato é também confirmado no relato de um antigo morador da comunidade de Areia Branca:

[...] papai dizia que havia 17 casas de farinha em torno da Lagoa do Piató. Tinha um engenho de fazer rapadura, ali do outro lado do porto ali, uma casa velha que tinha ali, tinha um engenho de fazer rapadura, o meu avô tinha um também. E plantação de cana-de-açúcar, também próxima. Isso tudo era produção feita pelos negros e pelos índios, essas casas de farinha era do tempo deles existia tudo isso né. Ai os proprietários, que se apossaram dessas terras, justamente uns tocaram que eu ainda alcancei, meu avô fazia a rapadura, fazia o mel e outros plantava só capim pra boi e pra criar boi e deixaram de plantar mandioca, contanto que isso tudo foi desativado, hoje não existe mais. A nova geração de hoje, não sabe o que é um engenho de rapadura, não sabe o que é uma caldeira, não sabe o que é uma casa de farinha, não sabe como é o processamento. Quando eu tinha a idade deles, eu tinha o conhecimento disso, conheço tudo isso, ainda cheguei a ponto de ver.

Esse relato acima é um dos registros históricos dos povoados no entorno da Lagoa do Piató, que contado pelo próprio morador da localidade, proporciona a visibilidade de como a população se organizou ao longo dos tempos nessas terras, desde os primórdios de sua ocupação. Assim, pode-se dizer que as representações sociais dos moradores do entorno da Lagoa, vão sendo redefinidas ainda de acordo com o conhecimento do grupo social. A terra e a água representam o meio para a produção, os costumes, comportamentos, crenças e mitos são remanescentes dos ancestrais. Nesse sentido, é importante se entender a participação e ação dos índios, os grupos que foram domesticados em uma determinada fase, os colonizadores, em sua maioria, portugueses, os negros forros, posseiros, meeiros e pequenos proprietários que ocuparam e deixaram sementes para a continuação do povoamento

da região, foi essa gente, os principais atores sociais da história do Baixo-Açu e do entorno da Lagoa do Piató.

Na pesquisa de campo, constatei que núcleos humanos permanentes que habitam atualmente no entorno da Lagoa do Piató, foram formados por pessoas que rumaram para essa região desde a década de vinte. Basicamente são pessoas de localidades e regiões vizinhas da Lagoa do Piató e do Vale Açu. Como pode ser observado no quadro abaixo:

Quadro IV- Principais cidades e comunidades de origem da população no entorno da Lagoa do Piató – Assú/ RN

Principais cidades e comunidades de origem da população no entorno da Lagoa do Piató – Assú/ RN		
ESTADO	CIDADES	COMUNIDADES
Ceará	Angicos	Talhado
-	Assú	Sítio Pocinhos
-	Ceará	Fogo Apagado
-	Florânia	Trapia
-	Ipanguaçu	Juazeiro Fechado
-	Jurucuru	Linda Flor
-	Lages	Cruzeiro
-	Mossoró	-
-	Paraú	-
-	Pedro Avelino	-
-	Pendência	-
-	São Boa Aventura	-
-	São Rafael	-
-	São Tomé	-
-	Serra do Mel	-
-	Upanema	-
-	Várzas	-

Fonte: Pesquisa de Campo - realizada em 2002, nas cinco comunidades rurais no entorno da Lagoa Piató. Localidades de onde migraram os atuais moradores dessas comunidades. Início da década de 1920.

Nesse período, havia na região muitas terras devolutas e relativamente férteis, que poderiam ser ocupadas, assim, famílias foram chegando para trabalhar na agricultura, com a criação de animais e os donos sediam casas para morarem na

propriedade, segundo eles: "o tempo foi passando, as novas gerações cresceram, casaram e construíram outras casas a comunidade foi crescendo" e este processo vai se repetindo. Este fato é constatado no relato do pescador e morador Raimundo, ao explicar a trajetória da família até chegar às margens da Lagoa do Piató:

Meu pai era do Seridó e veio para essa região nas eras de 32 prá Ponta Grande, ali perto, que era conhecida como Lagoa do Major, ai de lá veio para o Porto Piató, casou, criou os filhos e viveu até morrerem. Papai morreu com 86 anos. Ele ensinou eu e meu irmão [Antônio] a pescar. No meu tempo de menino a canoa caverna, como se chamava era feita toda de pedaço de pau, era feita de imburana, de cantanduba. As cavernas era feita de pereiro aqui mesmo pelo velho João Carlos, João Pereira do outro lado da Lagoa era os feitores de canoa. Era uma canoa pesada demais, canoa a 10, 12 pessoa com feita, com tudo despreocupado, não fazia medo de enfrentar um vento. As canoas hoje é feito com a madeira de fora, são 4 prancha inteiro, um pra cada lateral e dois pro lastro e feita pra duas pessoas que são mais maneiras. Hoje a maneira vem da Amazônia. As casas da comunidade também são construídas de barro, toda vida foi assim. Antigamente tinha as de palha, todo material é retirado daqui mesmo. Em 66, aqui talvez não tivesse 20 casas ou mais um pouco, mas quando entrou a década de 70, é que cada morador, que cada um tinha 4 ou 5 filhos e outros mais, ai foram crescendo, casando e haja aumentar a quantidade de casas. Ai precisou mais furquilha, mais caibro, mais barro, quer dizer que no decorrer do tempo tudo foi só mais aumentando, tudo é retirado ao redor da Lagoa. Agora de uns 4 ou 5 anos pra cá é que a gente encontrou dificuldade e vê que é melhor comprar o material do que mesmo ir tirar, é muito pesado e mais difícil ter material fraco. Antigamente, como era uma casa aqui e outra ali, a gente pegava o material no caso o barro no próprio local que ia fazer a casa, hoje tem que cavar distante um barro melhor é mais fácil de ser cavado, a madeira é difícil. Assim é melhor comprar duas carradas de barro que dá pra tapar uma casa como essas nossas aqui com 2 salas, 1 quarto, 1 cozinha e 1 banheiro.

Como pode ser observado no depoimento acima há uma descrição da relação do homem versus natureza, na qual os atores sociais têm como prioridade planejar a vida para o grupo social, em detrimento da proteção à natureza. Neste período, não há um planejamento para repor os elementos retirados da natureza. Os comunitários com o passar do tempo estreitam os laços de amizade, unindo-se por relações de parentesco, assim as Representações Sociais de Meio Ambiente também vão sendo

compartilhas de geração a geração. Como afirmou o depoente, mesmo disse retira-se a vegetação e o barro para construção de casas e canoas, pois ela se renova. Pelo lado dos proprietários devastam os campos para a criação de bovinos. Como o informante mesmo reconheceu a natureza chegou à exaustão pela intensa ação antrópica, e hoje os comunitários redefinem outras representações sobre a natureza devido as próprias condições que esta se encontra atualmente. Como os recursos naturais estão ficando escassos e os grupos sociais aumentaram, o informante em seu relato assevera ainda que o homem encontra dificuldade de encontrar a matéria-prima para construir as casas, por exemplo, eles precisam sobreviver mas não encontram outra solução a não ser através da natureza. Além disso, as necessidades, interesses e valores das gerações mais novas são outros, mesmo que tenha aprendido com as gerações anteriores, houve uma redefinição nas relações sociais, assim as Representações Sociais também se modificaram.

Outro morador informa porque escolheu morar na comunidade do Porto,

E eu garoto novo, 15, 16 anos, naquela época que o rapaz não tava quieto, sempre tava andando pelo meio do mundo, eu vim aqui e gostei, já que eu nunca me dei por onde eu nasci e me criei. Porque lá era uma terra privada, eu nunca me dei em morar em privação, porque época de cativo acabou-se. Ela, pra gente pescar, tinha que fazer a vez do ladrão, roubar o peixe pra poder comer, aí eu me desgostei daquilo e vim embora pra cá. Aí vi que aqui era um canto mais solto e liberdade que a gente tinha e vim embora pra cá.

O informante descreve, em breves palavras, o caminho que percorreu para chegar até a comunidade que hoje atualmente mora. E verifica-se que a natureza para os informantes representa a liberdade. As terras, segundo os informantes, continuam nas mãos de seus ocupantes, mas estes não possuem juridicamente a posse da terra, detendo apenas os direitos por ocupação. Nos gráficos a seguir "*onde nasci e para*

onde me desloquei", encontram-se descritos, em síntese, os processos emigratórios da população atual para a ocupação das comunidades no entorno da Lagoa do Piató. Esses dados foram coletados em pesquisa de campo no ano de 2002. Nos gráficos abaixo pode se ter a identificação das regiões nas quais as pessoas emigraram para ocupar o espaço físico das cinco comunidades rurais, no entorno da Lagoa do Piató.

Gráficos- Onde nasci e para onde me desloquei.

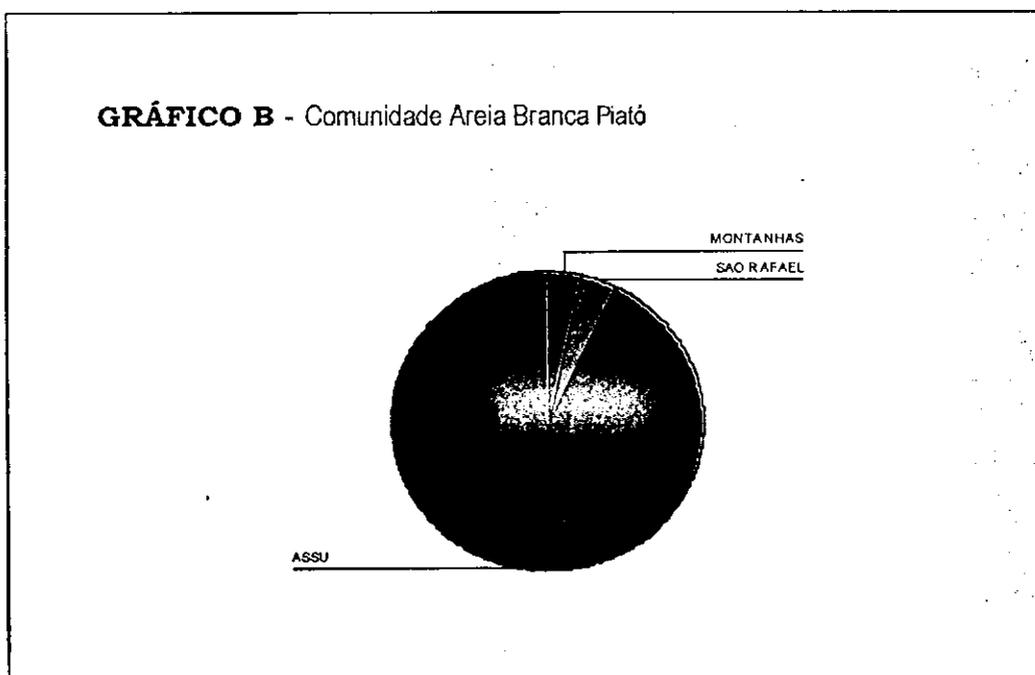
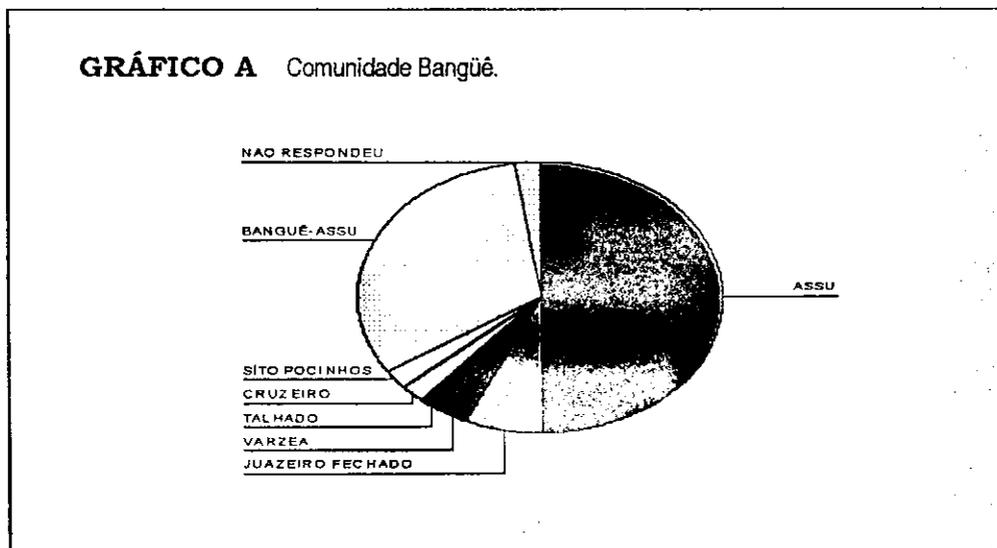


GRÁFICO C - Comunidade Porto Piató

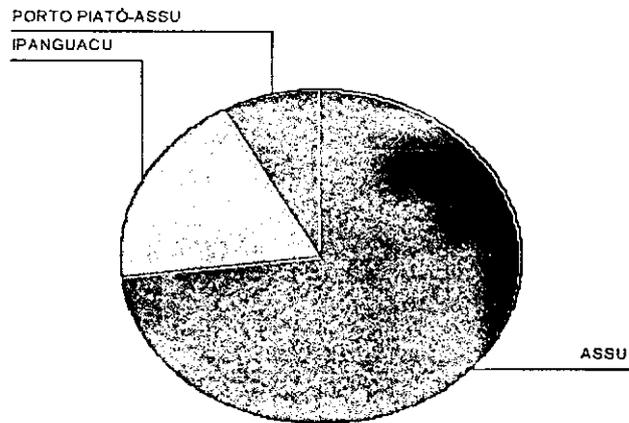
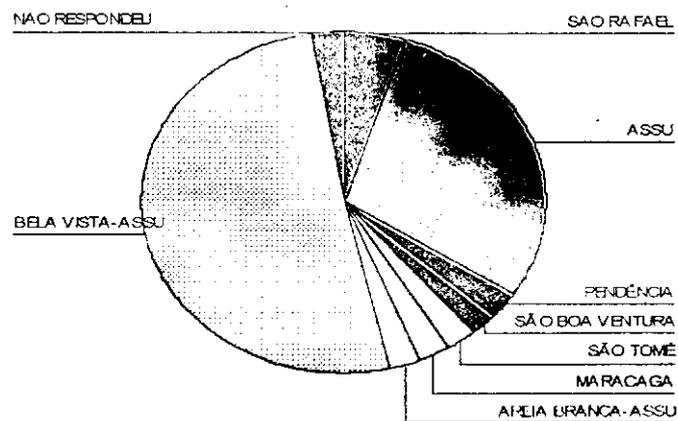
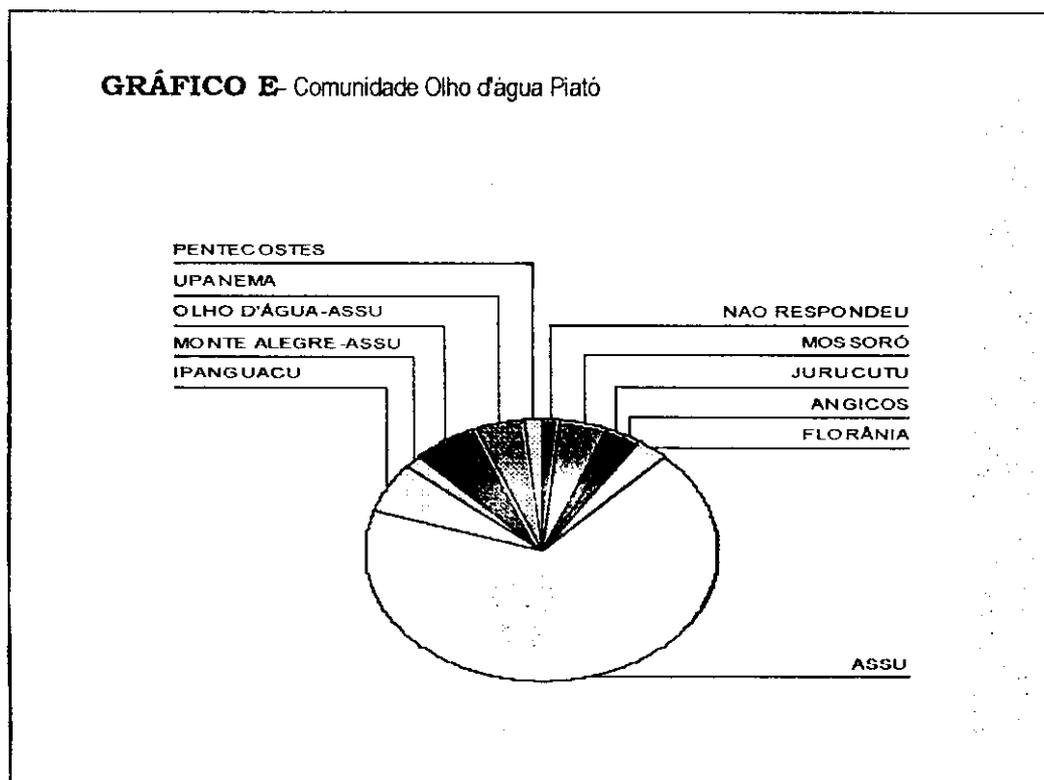


GRÁFICO D - Comunidade Bela Vista Piató





Estes gráficos foram produzidos a partir do resultado da análise dos dados de campo¹³, eles indicam as localidades, por comunidade, de onde emigraram os atuais moradores que ocupam o espaço físico às margens da Lagoa do Piató. Os gráficos mostram que não há homogeneidade na formação do contexto social, ou seja, pelas as comunidades terem sido constituídas por diferentes indivíduos, os núcleos de

¹³ Ver o Relatório da Província Eclesiástica de Natal. Diocese de Mossoró. Serviço de Apoio aos Projetos Alternativos Comunitários. **Projeto Piató: desenvolvimento local, gestão ambiental e segurança alimentar sustentável**. Resultado do Diagnóstico sócio, econômico, cultural, ambiental, político e religioso das comunidades rurais no entorno da Lagoa Piató. Pesquisa de: Severino José de Lima – Professor/UFCG (Coordenador). Francineide Pereira Silva, Mestranda/UFCG (Pesquisadora/Assessora) e Voluntários das comunidades rurais em estudo. 2002.

moradia também são diferenciados, isso também traz consequência para o sério impacto ambiental observado nas localidades. Segundo os pioneiros que ocuparam estas localidades, esta era uma área quase que totalmente coberta por uma vegetação densa e que abrigava uma fauna abundante (gavião, veado, muitas espécies de pássaro, tartaruga, tejo, preá, raposa, dentre outros animais), que desapareceu devido à ação antrópica dos comunitários e acelerou com a chegada das grandes empresas no Vale do Baixo-Açu, quer dizer ocorre o acelerado processo de devastação da natureza e por outro lado um incentivo para a emigração no campo. São pessoas em busca de melhoria de vida. Este fato é confirmado no depoimento do senhor Paulino, morador nascido e criado na comunidade de Porto Piató:

Em 66 aqui talvez não tivesse 20 casas ou mais um pouco, mas quando entrou a década de 70, é que cada morador, que cada um tinha 4 ou 5 filhos e outros mais aí foram crescendo, casando e haja aumentar a quantidade de casa. Aí também chegando mais gente de fora pra morar aqui, outras famílias voltaram. Aí precisou mais furquilha, mais caibro, mais barro, quer dizer que no decorrer do tempo tudo foi só aumentando, tudo é retirado ao redor da Lagoa. Agora de uns 4 ou 5 anos pra cá é que a gente encontra dificuldade e vê que é melhor comprar o material do que mesmo ir tirar, é muito pesado e mais difícil ter material fraco. Antigamente, como era uma casa aqui e outra ali, a gente pegava o material no caso o barro no próprio local que ia fazer a casa, hoje tem que cavar distante um barro melhor é mais fácil de ser cavado, a madeira é difícil.

Ficou claro no depoimento do morador que predomina no homem prioritariamente a perspectiva de vida, de sobrevivência, e é na natureza que se retiram os recursos necessários para a manutenção do grupo. O espaço físico da Lagoa era abundante, como recursos naturais existiam a água, a terra, a ictiofauna, a fauna e a flora. Os grupos transformaram estes elementos naturais, materiais brutos oferecidos pela natureza, em elementos para a sua manutenção, mas não perceberam claramente que os recursos naturais também diminuem ou acabam. Pode se afirma

diante deste fato que a Representação Social de Meio Ambiente para estes atores sociais estava correlacionado com uma natureza permanente, que nunca se acabaria e se renovaria sem necessitar da ajuda da homem.

Todos estes fatos analisados foram verificados nos estudos de (SILVA, 1992) e (SANTANA,1997), a situação na região do Baixo Açu, começa a receber grandes investimentos particularmente no setor hídrico para a agricultura. Tais preocupações por parte do Estado, é caminho para o planejamento do desenvolvimento da região, buscando possíveis soluções para a seca, ou seja, segundo as autoras citadas, a questão ambiental estava sendo pensada amplamente, envolvendo grandes investidores financeiros nas três esferas públicas do poder: o federal, estadual e municipal. Uma nova fase inicia-se no Rio Grande do Norte, principalmente no Vale Açu, é o que pesquisadores e moradores consideram como terceiro tempo, que será analisado no capítulo a seguir, juntamente com a realidade das comunidades, a qual pode-se denominar de quarto tempo da história do Piató. Esta análise será aprofundada no próximo capítulo onde serão sublinhadas as principais, mudanças que ocorreram, na região do Baixo-Açu e nas comunidades do entorno da Lagoa do Piató com a entrada das grandes empresas multinacionais que investiram diretamente no setor agroindustrial.

Capítulo III

3. AS TRANSFORMAÇÕES AGROINDUSTRIAIS QUE REDESENHAM A VIDA NAS COMUNIDADES RURAIS NO ENTORNO DA LAGOA DO PIATÓ

- 3.1. O Terceiro Tempo no Baixo-Açu:** desenvolvimento, desigualdade e degradação na Natureza.
- 3.2.** A Modernização Agroindustrial e suas conseqüências sobre o Meio Ambiente.
- 3.3.** O que é o Meio Ambiente na visão dos atores sociais do Piató.
 - 3.3.1.** A Representação da Lagoa do Piató como "Mãe" para os habitantes do entorno.

" Os riscos que se apresentam a humanidade, criados pela civilização, restituem ao homem a aventura de retomar seu destino e controlá-lo. O que ele antes fazia temendo aos deuses aos quais já não teme, com medo das pragas, que já controla, submetido ao desconhecido, que já conhece, agora o homem terá que fazer diante dos riscos que criou. Terá que enfrentar um deus maluco chamado **HOMEM**, uma praga chamada poder científico e tecnológico e tentar desvendar um desconhecido chamado ele mesmo, seu sistema econômico, sua relação com a natureza, à essência de seu processo civilizatório" (Buarque, 1990).

Capítulo III

3. AS TRANSFORMAÇÕES AGROINDUSTRIAIS QUE REDESENHAM A VIDA NAS COMUNIDADES RURAIS NO ENTORNO DA LAGOA DO PIATÓ

Neste terceiro capítulo, sublinho determinadas mudanças já ocorridas na região e outras em curso que estão se desenvolvendo para situar, no contexto histórico, mudanças que estão mais diretamente ligadas com a Lagoa do Piató, conseqüentemente, com a construção das Representações Sociais de Meio Ambiente da população que habita no entorno desse manancial.

Assim, para se compreender como as Representações Sociais de Meio Ambiente são cotidianamente construídas, é necessário investigar como as relações capitalistas foram estabelecidas nos períodos anteriores, uma vez que a Lagoa do Piató na atualidade é cenário do que se construiu no passado. Neste sentido, continuo descrevendo a história do desenvolvimento do Vale, sob a perspectiva interpretativa dos pesquisadores e dos depoimentos de meus informantes.

Analisar as transformações agroindustriais que ocorreram no Vale Açu é de extrema relevância, uma vez que o papel das Políticas Públicas¹, estão sempre

¹ Segundo MORAES (1997, p.29), as "Políticas Públicas podem ser agrupadas em três grandes campos: Políticas Econômicas (cambiais, financeiras, tributária, dentre outras), Políticas Sociais

presentes nas definições e planejamento da sociedade. As políticas públicas serão aqui analisadas sob a ótica das relações e inter-relações da sociedade *versus* natureza, pois é importante saber as formas como estas políticas governamentais foram planejadas para o território, uma vez que deve-se compreender como o governo incorpora os sujeitos sociais, a flora, a fauna e os recursos hídricos da região, dentro das políticas que guiam a sociedade capitalista. Pois, conforme o processo histórico de desenvolvimento ambiental, verifica-se que o planejamento social é mais direcionado à esfera econômica, e que a Natureza é vista como fonte de recursos.

De acordo com Vieira (1998, p.45-98), "as várias dimensões da problemática ambiental são reduzidas nas políticas ambientais das sociedades contemporâneas a espaço físico, natural, de onde vêm os recursos e para onde vão os dejetos". Em conformidade com o pensamento de Vieira, percebe-se que os diversos níveis das relações existentes na sociedade não levam em consideração o Meio Ambiente. Relações estas que estão para além dos aspectos puramente materiais e econômicos, tais como as relações afetivas e cognitivas, que perpassam todas as formas de convivência com o mundo vivido, ou seja, não se tem levado em consideração a interdependência e a intersubjetividade dos homens entre si, do mundo vivido, do mundo objetivo e do mundo subjetivo e desses mundos com o homem, o processo é dialético, por isso não se deve simplesmente polarizar a sociedade em dois sentidos, sujeito-objeto versus objeto-sujeito. Nesta mesma linha de pensamento Castro [et. al.] (2000, p.158) formula que:

(educação, saúde, previdência, ambiental, etc.) e Políticas Territoriais (urbanização, regionalização, transportes, dentre outras)".

A experiência ambiental da modernidade é marcada pelo pensamento racional cartesiano, cuja principal característica é a exacerbação do uso da ciência e da razão para orientar a ação humana frente aos fenômenos da natureza e da vida em sociedade. O pensamento moderno prima pela capacidade de utilizar e criar racionalmente os instrumentos para dominar o ambiente natural e social. Essa perspectiva levou à crença de um poder ilimitado do homem sobre a natureza e sobre os outros homens.

Esta constatação permite, então, mostrar que o conflito sócio-ambiental é um elemento fundamental na análise das Representações Sociais de Meio Ambiente, pois viabiliza o entendimento da questão ambiental não apenas unidimensionalmente, pela questão ecológica, mas como já foi enfatizado se requer uma amplitude para a análise possibilitando um melhor entendimento e compreensão, no caso em estudo, das Representações Sociais de Meio Ambiente.

3.1. O Terceiro Tempo no Baixo-Açu: desenvolvimento, desigualdade e degradação na Natureza.

A modernização do setor agroindustrial está intimamente ligada ao processo de industrialização brasileiro, o qual se move de acordo com o desenvolvimento das forças produtivas no Modo de Produção Capitalista. Logo, a modificação vivenciada no mundo contemporâneo, em todos os seus setores, é resultado de relações sociais determinadas no capitalismo, o qual segundo (SANTANA, 1997) "experimenta mudanças principalmente a partir da década de 40 e durante todos esses anos, particularmente pós 65, quando a industrialização da agricultura mecaniza e tecnifica

o processo produtivo agrário". Dessa maneira, as mudanças ocorridas no setor produtivo da região riograndense, não esta dissociada a deste processo geral.

Desde a década de 30 foram realizadas pesquisas, por empresas especializadas para combater a seca no Rio Grande do Norte, principalmente estudos correlacionados ao setor hidrico. Desta forma, pesquisadores como (SILVA,1992) e (FERNANDES, 1992) entre outros, mostram que a construção da Barragem Armando Ribeiro Gonçalves, em 1979, foi fruto dessas pesquisas e encomendadas por empresas especializadas; ela representa ainda, o marco das grandes modificações sócio-econômica, política, cultural e ambiental da região.

Segundo Fernandes (1992, p.43), no final da década de trinta (1937-1939), o Vale Açu se tornou objeto de estudo e de sondagens de campo realizado pela antiga IFOCS (Inspetoria de Obras Contra a Seca)², essa tinha como objetivo procurar soluções para a regularização das águas do rio Açu, no período de cheias, uma vez que povoados eram inundados. Tal fato pode ser observado no depoimento do agricultor João, morador da comunidade de Bangüê, que relata a situação da comunidade nesse período:

Olhe essa Lagoa quando transborda dá um mundo d'água. Meus pais diziam que em 1924 ela transbordou fez medo, nesse tempo eu não vi. Agora em 1974 e 75, nesse tempo eu vi, faz medo mesmo, e foi com a água da chuva, sem interferência do governo. A comunidade aqui mora pouca gente e o povo era tudo espalhado, morava gente ali perto daqueles montes, não era como é hoje. Bem, tanto essa Lagoa como aquela ali a de Bangüê sangrou, emendou tudo, era tudo água, a estrada sumiu desse lado, a do outro lado também ninguém podia passar. A água começou a subi que ficou aqui hem perto do terraço da casa. A gente não tinha canoa, não podia mandar pedir ajuda pra ninguém, ficou tudo ilhado. Foi que depois meu compadre Chandü [Dom Alexandre] mandou um helicóptero, que baixou ai nesse campo na frente de casa. Era o povo do exército, que trouxe comida, roupa, remédio, enfermeiro pra o povo daqui, esse avião veio umas duas vezes. A gente tava passando fome tinha o

² A IFOCS foi transformada em Departamento Nacional de Obras Contra as Secas - DNOCS, em 1945.

dinheiro pra comprar e não tinha aonde. Ninguém podia sair da comunidade com tanta água.

O fato relatado é um caso isolado da Comunidade de Bangüê, mas, também, uma realidade vivenciada por outras comunidades nas proximidades da Lagoa do Piató. Por isso, fez-se necessário encontrar uma solução para o problema, porque quando passava o inverno a seca castigava a população. Estudava-se como encontrar um local adequado para acumulação d'água e que essas pudessem ser utilizadas para a irrigação na região durante o período de seca.

Por volta de (1967 e 1971), Fernandes (1992), ressalta que os estudos do Projeto Baixo-Açu são intensificados. Sob a encomenda da SUDENE (Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste) e posteriormente do DNOCS (Departamento Nacional de Obras Contra as Secas), é contratada a empresa HIDROSERVICE para desenvolver completos estudos de reconhecimento da bacia do Rio Piranhas. O relatório deveria, entre outras coisas, indicar os possíveis locais de aproveitamento hidráulico, no Baixo-Açu. Segundo a pesquisadora, um dos resultados da análise foi a empresa indicar como de suma importância para a captação de água, os canais dos rios (Paraíba e Piranhas) que formam o rio Açu, bem como reconheceram a preciosidade dos mananciais naturais do Vale, tais como: Lagoa do Piató e Açude Pataxó, e, ainda, outras fontes hídricas que foram selecionadas.

O Projeto Baixo-Açu, foi financiado pelo Estado, que pretendia "beneficiar" a população dessa região, visto que a mesma não dispunha de recursos hídricos para a irrigação, além de promover o assentamento de colonos. De acordo com o projeto, a barragem tinha por especificação a altura de 40m, a capacidade de acumulação de água estimada em 2,4 milhões de m³ e com prazo de execução de 3 anos.(SILVA,

1992). Esse projeto foi um dos grandes investimentos do poder público, para o desenvolvimento da região. O Projeto foi elaborado num conjunto de três fases distintas, porém, imbricadas e simultâneas, distribuídas da seguinte forma:

1) Construção da Barragem³ Armando Ribeiro Gonçalves, no leito do rio Piranhas-Açu; 2) à montante da barragem, na bacia de inundação, o assentamento da população remanescente da ação desapropriatória das terras inundadas que, como forma de sobrevivência, seriam beneficiadas com a implantação de um Pólo Pesqueiro; 3) e a última fase constaria da instalação, na bacia de irrigação, a jusante da barragem, do projeto de assentamento de irrigantes numa área de 22.000 hectares, em áreas aluvianas.

Como pode se observar, a proposta desse Projeto é bastante ampla e segundo Silva (1972), foram definidas as áreas de influência do projeto, que seriam as terras dos Municípios que foram afetadas direta ou indiretamente com a construção da barragem. Os Municípios que tiveram as terras diretamente atingidas foram: São Rafael, Açu e Ipanguaçu e indiretamente foram: Santana do Matos, Paraú, Augusto Severo, Afonso Bezerra, Pendência, Carnaubais e Alto do Rodrigues. As localidades que não foram atingidas pela Bacia de Irrigação sofreram influência pela proximidade das obras, ou seja, ficavam no perímetro de irrigação. São Rafael, por exemplo, destaca-se por ter sido a cidade mais atingida de todas. Ela ficou totalmente submersa, tanto a área urbana como a rural que se encontrava próxima a cidade. Mostra ainda a autora, que nos estudos da HIDROSERVICE, São Rafael contava em 1979, com 644 famílias, totalizando 3.023 pessoas (Relatório 1979, p.1162). Mas que no início de 1983, um montante de 300 famílias rurais foram alojadas em 13 núcleos

³ Segundo dados da equipe do Banco do Nordeste que elaborou o Manual de Impactos Ambientais: orientações básicas sobre aspectos ambientais de atividades produtivas (1999, p.281), O objetivo principal das barragens é garantir um determinado nível regulado de água para cumprir sua finalidade, seja assegurando uma profundidade mínima para a navegação, o fluxo necessário para a geração de energia elétrica ou a quantidade necessária para o abastecimento público, irrigação, seja a simples contenção do excesso de águas que poderiam provocar enchentes a jusante.

de tábuas, em área não própria para a agricultura. E que outra parte foi transferida para Serra do Mel. O fato relatado mostra que o que foi definido pela equipe técnica, de transferir os comunitários desapropriados da área destinada à construção da barragem, para outra localidade com a mesma infra-estrutura, não foi cumprida. As famílias que viviam exclusivamente da agricultura de subsistência e criação de ovinos e caprinos perderam tudo. Algumas delas nem o valor da indenização sabiam. De acordo com a autora, a lentidão no processo de execução das três fases, inicialmente concebidas, foram totalmente desarticuladas. Hoje, após dezenove anos da inauguração da Barragem Armando Ribeiro Gonçalves⁴, nada mais foi feito no que diz respeito à conclusão das metas propostas pelo projeto.

Dos 11(onze) municípios que foram atingidos pela construção da barragem Armando Ribeiro Gonçalves, onde uma considerável área de território foi utilizada como mostram as Tabelas I e II (na página 95), destaco os municípios de: Alto do Rodrigues, Pendência, Ipanguaçu e São Rafael por encontrar, no entorno da Lagoa do Piató, famílias que migraram dos mesmos em busca de meios de sobrevivência tais como produção, habitação e alimentação (pesca e/ou agricultura).

De acordo com a pesquisa, desenvolvida por Sigaud (1992), intitulada "O efeito das tecnologias sobre as comunidades rurais: o caso das grandes barragens", existe a análise de que o desenvolvimento tecnológico transforma a realidade e atinge direto e/ou indiretamente os atores sociais envolvidos nesse processo de

⁴ A Barragem, Armando Ribeiro Gonçalves, foi inaugurada no dia 20 de maio de 1983, pelo Governador José Agripino Maia. Estiveram presentes o Presidente da República, General João Figueiredo e o Ministro do Interior, Coronel Mário Andreazza. Eles dizem em seus discursos – "Começa uma nova história". E realmente foi dado início a um novo período no Vale do Açu e ao término da primeira etapa do projeto e com a inauguração da barragem chegaram a conclusão que não havia um projeto público na região. Abre-se a perspectiva para a entrada de grandes empresas que já haviam identificado o potencial do Vale. A partir daí, os investimentos das empresas nacionais e multinacionais foram imediatos, com especial atenção para a agricultura irrigada moderna no Baixo

transformação. A ênfase é a seguinte: de um lado os investimentos governamentais, através das políticas públicas atingem os seus objetivos econômicos, por outro lado, secundarizam os objetivos sociais, os quais deveriam contemplar os sujeitos que vivem no cotidiano interagindo nesse espaço planejado pelo governo, ou seja, ao se falar em transformação da realidade, deve-se remeter à mudanças na vida cotidiana do sujeito. Segundo (HELLER, 1989, p. 59), "deve-se entender por vida cotidiana, a vida de todo homem, do homem inteiro, o que significa dizer que o homem dela participa com todos os aspectos de sua individualidade e de sua personalidade".

Na medida em que isso não é levado em consideração, os comunitários sofrem as conseqüências de várias perdas tais como as dos meios de produção, à exemplo da terra, e afetivos, como o desmembramento do grupo familiar e comunitário, fato verificado em São Rafael. Diante do posicionamento feito por Heller (1989), vê-se que não se pode argüir sobre as Representações Sociais de Meio Ambiente da população em estudo, sem entender suas trajetórias de vida, pois com a construção da barragem a organização da produção foi afetada, porque na medida que as águas do rio foram sendo destinadas, primeiramente, para a barragem, não havia mais cheias no rio Açu, conseqüentemente, as várzeas⁵ diminuíram. Diminuindo também a agricultura. Como demonstra o seguinte depoimento: "*antigamente existia as vazantes pra plantar. Hoje, depois da barragem não se tem as cheias, nem as vazantes, até o peixe tinha de muitas qualidades, hoje só existe mais o tilápia*". Como se pode observar as modificações do Meio Ambiente também

Açu, concentrando-se em dois municípios que apresentaram maior potencial de irrigação do Vale: Açu e Ipanguaçu. (SILVA 1992).

⁵ De acordo com FRAXE (2000, p.46), Várzea "é a planície aluvional propriamente dita ou o leito maior dos rios; é a região sujeita, parcial ou totalmente, às inundações anuais e seu solo é constituído de sedimentos quaternários depositados anualmente pelo rio. Conforme as regiões, a várzea pode ocorrer nas duas margens ou somente numa delas".

redefinem o modo de vida humano, ou seja, a forma como o homem, a partir de então, irá se relacionar com a natureza.

Para melhor compreensão dos dados relatados a respeito dos municípios que foram atingidos com a construção da barragem Armando Ribeiro Gonçalves, segue abaixo tabelas que identificam o cenário, mostrando às áreas desapropriadas e inundadas em cada uma das citadas cidades;

**Tabela 1 – PROJETO BAIXO-AÇU, ÁREA DE INFLUÊNCIA DO PROJETO.
Baixo-Açu, Área de Influência do Projeto.**

MICRORREGIÃO	MUNICÍPIO	ÁREA (Km ²)
Salincira Norte Riogrande	Alto Rodrigues	191
	Carnaubais	1.012
	Pendências	367
Açu – Apodi	Açu	1.510
	Augusto Severo	1.070
	Paraú	386
	Ipanguaçu	606
	São Rafael	443
Sertão de Angicos	Afonso Bezerra	556
	Santana do Matos	1.642
Scridó	Jucurutu	999
TOTAL	-	8.221

Fonte: Dados extraídos da pesquisa de SILVA (1992, p.26).

Tabela 2 – PROJETO BAIXO-AÇU ÁREAS DIRETAMENTE ATINGIDAS PELO PROJETO

Baixo-Açu Áreas Diretamente Atingidas pelo Projeto

MUNICÍPIO	Superfície Territorial (ha)	Área Afetada (ha)				
		Pelo Perímetro de Irrigação	Pelo Reservatório		TOTAL	
			Desapropriado	Inundado	Desapropriado	Inundado
São Rafael	44.300	-	20.636	9.665	20.636	9.665
Jucurutu	99.900	-	10.152	4.278	10.152	4.278
Ipanguaçu	60.600	10.362	4.931	2.311	15.293	2.311
Açu	151.000	-	5.510	2.846	5.510	2.846
TOTAL	355.800	10.362	41.229	19.100	51.591	19.100

Fonte: Dados extraídos da pesquisa de SILVA (1992, p.28).

A leitura das tabelas fornece, também, um olhar para os cenários político e cultural, modificados no final do Século XX. Essa modificação abre um novo debate sobre a Natureza e esta ocupa um lugar de destaque no início do século XXI, viabilizando a direção para a (re)construção de novos caminhos que os sujeitos sociais percorrerão, no atual século. Contudo, os novos caminhos, vão sendo definidos através das relações sociais das comunidades por meio dos principais indicadores que estabelecem a organização formal e informal: o político, o econômico, o religioso, o social, o cultural e o ambiental.

As mudanças ocorridas no espaço social da população do Baixo-Açu são parâmetros que levam os sujeitos sociais a (re)construção de suas Representações Sociais, no caso em estudo, as de Meio Ambiente. As modificações nesse contexto requerem uma (re)organização no mundo vivido.

Os comunitários com base no novo contexto de transformações, passam a fazer uso dos novos parâmetros oferecidos pelo desenvolvimento tecnológico, no caso, da barragem Armando Ribeiro Gonçalves, que passa a fornecer água, em períodos de seca, para a população da região. Esse fato é confirmado com o depoimento do pescador Santos,

[...] se a mesma não existisse, a vida seria mais difícil, tanto em época de seca como nas de cheias e colocaria em risco a vida da Lagoa e o que a natureza oferece, a exemplo das espécies de peixes existente na Lagoa .

O discurso do informante demonstra a busca da harmonia entre a tecnologia e o modo de vida do homem ribeirinho, quando este indaga sobre a importância da barragem para as comunidades da região. Afirmam ainda, alguns comunitários, que a barragem é um bem necessário para os ribeirinhos, conforme relatos descritos abaixo:

A barragem beneficia através da comporta ela serve para abastecer Assú, Ipanguaçu, Alto do Rodrigues, Pendência e Macau. Todas essas cidades se abastecem com a água da barragem. Sem contar que toda plantação de todo Vale Açu a água é retida da barragem. Além das adutoras que tem 4 ou 5 que deixa água no oeste, como para o lado de Natal e de diversas regiões do agreste. Ajuda muitas cidades no sertão como: Angico, Pedro Avelino, Lages e outras que nessa época de verão, nos anos de seca, o pessoal só faltava morrer de sede, se valendo dos políticos pra manter uma água em poços ou carregada por carro pipa. Depois da adutora acabou-se a falta d'água. Todo mundo tem água franca, nas cidades, pro lado de Natal e pro lado do Sertão.

Esse fato também foi relatado por Paulino, pescador e morador da localidade,

A construção da barragem no meu vê não afetou muito não, pra mim foi uma proteção pra aquela ali, porque a Lagoa sangrou em 24 e só 50 anos depois que ela sangrou, depois da barragem ela já sangrou diversas vezes na mesma proporção, chegando aqui em cima, em 85 mesmo ela sangrou e 89 novamente. Em 85 nós tivemos aqui um desespero d'água, que eu acho que a felicidade do Assú e do Baixo Assú com o absurdo d'água que houve foi a barragem porque

ela segurou a água. Olhe se aquela água de 85 descesse toda de uma vez, eu penso que ela tinha passado por dentro do mercado. A estrada que vai pra carnaúbau, não se via estrada, não via mais o córrego do rio, era muita água, um mar d'água, foi quase a mesma enchente que houve em 74. Eu atribuí esse mundo d'água a uma coisa, não é porque em 85 choveu mais que em 74 não, o problema é que em 85 havia os barreiros que foi feito na emergência sem engenharia, tinha muito barreiro e com as chuvas arrombou tudo, aí foi uma cheia de supetão que faz mais volume d'água que 74, porque foi os barreiros sorrisal da emergência a enchente fosse maior. Outra coisa em 74 o rio era livre de lá até cá não se tinha harragem, em 85 com a construção dela e devido os aterros que ela colocou o rio ficou raso, o rio é uma planície, não fica nada dentro dessa várzea, não tem como acumular água. Em 85 a Lagoa sangrou, ela empanizou, ela ficou rio, era uma coisa só, nivelou, então quando o rio começou a baixar a lagoa começou a baixar, quando ela começou a sangrar estava com 11 palmos acima da cota dela, foi o que eu media quanto ela tinha devolvido ao rio o que não era dela. Se você vê a barragem sangrar você tem medo, em 85 foi aberto o sangrador todo não suportou ela chegou no 3 sangradouro se tivesse ultrapassado os 5 metros de caída, nesse período a barragem acumulou que não era dela 1 bilhão de m^3 de água, esse milhão de metros cúbicos que sobrou nela pra encher todos os açudes na frente dela até a cabeceira do rio que é na PB e aí sobra água, e se o povo falasse que todos esses açudes estivesse cheio e arrombasse, vindo de lá pra cá que são os açudes daí para a cabeceira do rio que fica na Paraíba ainda não enche a barragem. A capacidade real da barragem é de 2 bilhões e 400 milhões de m^3 e ela chegou a cota de 3 bilhões e 400 milhões de m^3 e foi 1 bilhão acumulado que ela tinha que jogar fora. A enchente começou aqui no mês de abril, engano, em 27 de Fevereiro de 85 a água começou a entrar e sustentou até junho aí a Lagoa subiu, nós ilhado, essa Lagoa não é só isso que você vê, quando ela enche fica ali por cima, a malha d'água ficou 10 metros em 89 quando o vento sopra, isso tá pra mais de 17 anos.

Nos depoimentos acima é possível verificar que os comunitários estão atentos, para as modificações ambientais que estão ocorrendo em seu espaço físico e que existe um consenso e aceitação diante das novas transformações que ocorreram no contexto social, a exemplo da barragem Armando Ribeiro. Nos relatos sobre a construção da barragem, os informantes não demonstram uma clareza política, sobre a questão da construção da barragem e/ou dos barreiros, a representação que fazem destes é superficial, como por exemplo quando eles falam que "*a barragem salvou a cidade de uma grande inundação e que os que os barreiros foram mal construídos*".

Na realidade estas modificações ambientais indicam também que as mudanças ocorressem em razão das novas demandas e necessidades das novas

situações que foram projetadas mediante a proposta de desenvolvimento sócio-econômico global proposta pelo Estado, isso quer dizer que a gestão social da região não era um planejamento local ou exclusivo da e para a região. Segundo (CARVALHO, 1999, p.19)

[...] a gestão social que predominou na década de 70 esta pautada em políticas sociais universalistas, processadoras de serviços padronizadas, inspirados nos ideais igualitaristas de atenção aos cidadãos; consolidação da sociedade salarial, com a generalização e mundialização da figura do trabalhador assalariado; primazia do Estado regulador".

É diante desta reformulação das políticas públicas estabelecidas pelo Estado que também o setor agroindustrial vai se expandindo, ampliando os espaços e provocando a redefinição das relações homem *versus* natureza. Observa-se que, atualmente, para alguns comunitários, a barragem é um dos elementos ambientais para a manutenção da Lagoa do Piató. Mas como as relações não são em sua totalidade consensuais entre os atores sociais, para outros a construção da barragem representou, não benefício para o pequeno agricultor e para o pescador, mas um sério impacto ambiental para os mananciais da região, dentre estes, a Lagoa, conforme relata o pescador Cosme ao fazer menção dos efeitos, negativos da barragem:

Quando a Lagoa sofre qualquer impacto, qualquer problema, quem mais sofre é Porto Piató, em termo da pesca. Faltava para entrar água na Lagoa era o retorno canal, o rio dos cavalos que tinha entupido e não entrava água pra Lagoa, era uma distância de 1500 metros só. Isso também tem haver com a construção da barragem, porque o rio Assú corria todos os anos quando não existia barragem e sempre botava água na Lagoa, mas hoje em dia pra quem não conhece bem, ficou mais difícil da Lagoa tomar água do que mesmo antigamente.

Como pode ser observado, o informante selecionou alguns fatores que causaram o secamento da Lagoa, mas não conseguiu fazer a conexão entre eles. Quer

dizer que os elementos ambientais que estão presentes no contexto social dos moradores do entorno da Lagoa do Piató, representam um espaço de onde são retirados os recursos para a sobrevivência do grupo social, assim questões correlacionadas com a política que gerencia os espaços públicos não são predominantes no universo social.

Diante do exposto, o campo ambiental torna-se um lugar de disputa entre os grupos sociais, concepções de mundo e interesses. Neste sentido, ao argüir com o pescador, sobre o que ele entendia por impacto ambiental e o que representava o impacto para a comunidade, este respondeu que pouco compreendia sobre este assunto:

Eu entendo um pouquinho de nada, primeiramente a FLONA de Açu, eu acho que é uma das maiores que temos no Rio Grande do Norte, acho que a nível de Nordeste, porque mode a união, houve a tempo atrás grande desmatamento. Hoje não tem mais isso, graças a Deus o IBAMA tomou as providências fiscaliza, junto com nós, porque se não fosse nós o IBAMA só, não resolvia, precisava do nosso apoio como nós precisamos dele. O que eu digo mais o que cresceu nesse impacto foi o Projeto Piató, foi o que deu início a tudo isso. O Projeto Piató, nasceu de uma simples brincadeira, nasceu do chão. É nasceu de brincadeira e cresceu e chegou ao nível que chegou, que eu não sei que milagre foi esse. E o Projeto Piató orientou todas as comunidades do anel da Lagoa, depois de fazer tudo isso ele suspendeu e atingiu até a caatinga, atingiu ao Simão, que é longe viu, é quilômetros daqui lá, muitas léguas estão conscientes do desmatamento. A gente tá consciente disso, que não se pode mais destruir aquilo que a natureza construiu, isso pra mim é muito importante, porque é um presente pra todo mundo e a cada dia a gente vai orientar mais, eu aprendi tudo isso.

No momento que se pede ao pescador e líder da comunidade, que ele fale sobre impacto ambiental, se verifica que ele não oferece uma definição, mas o situa de maneira espacial, ou seja, ele apresenta locais e/ou comunidades onde existe impacto na natureza e não cita diretamente nenhuma das comunidades no entorno da Lagoa. O informante deixa claro em seu depoimento a presença da instituição governamental na fiscalização do ambiente, mas também demonstra que os moradores

estão presentes nessa ação, pois eles conhecem de perto o espaço físico. Em síntese, a presença do IBAMA representa a ordem, a lei, mesmo sendo estabelecida por uma instituição é cumprida pelos comunitários pois as leis designam os parâmetros na relação homem *versus* natureza, como preservação e conservação do habitat natural. No entanto, estes parâmetros institucionais não são totalmente obedecidos pelos comunitários que estão presentes nas comunidades, os quais demonstram aceitarem a interferência e ensinamentos dessa instituição. Como formula Neves (1997, p.296) "não é o saber do técnico que é desqualificado, mas as condições deste produtor de torná-lo objetivo".

A degradação do Meio Ambiente não é um fato isolado que se dar apenas pela ação antrópica dos comunitários nem tão pouco os agentes externos atuam exclusivamente para a preservação e conservação ambiental. Isto será verificado a seguir, pois, outras ações também são relevantes e que devem ser levadas em consideração tais como as advindas do próprio Estado, que se dão através dos investimentos da modernização do campo, as quais, alteram aceleradamente o contexto ambiental nesta região. O desenvolvimento do conteúdo será visto no ponto a seguir, intitulado: A modernização agroindustrial e suas conseqüências sobre o Meio Ambiente.

3.2. A Modernização Agroindustrial e suas conseqüências sobre o Meio Ambiente

O processo de industrialização na Região do Rio Grande do Norte não acontece por acaso, esse acompanha as intensivas transformações em quase todos os

setores da sociedade, durante a década de 70. As transformações foram planejadas pelo Estado e pelos Setores Privados e no contexto da pauta do desenvolvimento. Neste interim, questões de ordem ambiental são trazidas à tona para serem revistas. Assim, terras como as da região do Rio Grande do Norte, que antigamente não ofereciam condições favoráveis para a agricultura em grande escala, em decorrência das irregularidades das chuvas, a partir da década de 70 foram ocupadas em face da utilização de uma tecnologia de ponta, ou seja, os meios e os modos de produção foram reestruturados na lógica do capital, por investidores nacionais e internacionais. O momento é de grandes investimentos na terra, nas máquinas, em mão-de-obra qualificada e em tecnologia, os quais, não estão diretamente ligados a características da produção e lógica camponesa, mas possui um estreito relacionamento com as políticas agrícolas. Vale ressaltar que a modernização, no caso brasileiro, não chega diretamente para os pequenos produtores, os que ficam subordinados aos capitais agroindustriais e financeiros. Visto pela ótica do final do Século XX, trata-se de um processo radical de mudança histórica por "modelos exógenos", dependentes de um saber de "fora". Assim, a tecnologia se transforma numa eficiente forma de dominação que se apresenta sob critérios aparentemente científicos e neutros. Esse processo exclui, em sua grande maioria, os homens que não atendem aos critérios estabelecidos pelos "pacotes tecnológicos" oferecidos. Isto quer dizer que não apenas máquinas foram introduzidas no setor rural, e que antigas técnicas utilizadas, foram substituídas por novas; mas vieram também de "fora", os valores, hábitos, costumes, idéias, modos e meios de produção implicando na transformação e/ou redefinição dos anteriores. Dessa forma, os sujeitos sociais, que não se engajaram em modernas técnicas de produção, buscam outras formas e métodos para produzirem a sua

sobrevivência, como foi o caso da população do entorno do Piató. Os habitantes do entorno deste manancial, fazem a gestão do próprio espaço social e físico para garantir a sobrevivência do grupo, assim abusaram de queimadas, da pesca predatória (batendo buia, pescando com a malha menor, que a estabelecida pelo órgão de fiscalização - IBAMA, do desmatamento em extensas áreas para utilização de combustível, a exemplo do carvão, e da lenha para cozinhar). Tal fato acaba por ocasionar o enfraquecimento do solo e à sua erosão pondo em risco a existência de terras agricultáveis. Conseqüentemente, pode-se verificar que a relação sociedade *versus* natureza é sempre uma relação cultural, pois envolve um conjunto de práticas situadas em uma escala de valores, definidas pelo contexto histórico, político e social vigente.

Tal fato é verificado nos resultados da pesquisa, ou seja, à medida que os homens ribeirinhos vão sendo excluídos, os mesmos buscam alternativas para sobreviverem, isto sem considerar as conseqüências que essas alternativas podem trazer para o Meio Ambiente⁶. Como demonstra o discurso da Agente de Saúde, comunitária de Bela Vista Piató:

Com relação a natureza. O povo daqui vivia de pesca e tirar lenha só que não respeitava os proprietários, entravam pra roubar a lenha, pra fazer carvão. Sabe, eles roubavam porque a população passa muita necessidade, muita lenha da terra alheia era tirada, porque não tinha, nem tem como sobreviver, criar os filhos ai eles fazia o roubo nas terras alheias. O desmatamento, era feito pra criar os filhos, porque se faz carvão, vendia as carradas de lenha para ter com

⁶ A Constituição Federal vigente define como Meio Ambiente, no Artigo 225, classificando como direito coletivo incumbindo ao Poder Público à sua preservação e defesa. Declara "todos têm direito ao Meio Ambiente ecologicamente equilibrado, bem como de uso do povo e essencial à sadia qualidade de vida e impondo-se ao Poder Público e a coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo as presentes e futuras gerações". Cientificamente o Meio Ambiente é definido como "tudo que tem haver com a vida de um ser (plantas, animais e pessoas) ou de um grupo de seres vivos. Tudo que tem haver com a vida, sua manutenção e reprodução. Nesta definição estão: os elementos físicos (terra, ar, água) o clima, os elementos vivos (plantas, animais, homens), elementos culturais (os hábitos, costumes, saber, história de cada grupo, cada comunidade), e a maneira como estes elementos são construídos pela sociedade. Ou seja, como as atividades humanas interferem com estes elementos. Compõem também o Meio Ambiente, as interações destes elementos entre si e entre eles e as atividades humanas". (NEVES, 1998, p. 14).

que sobreviver. Eles arriscam a vida deles e isso é briga com os proprietários que não deixam desmatar.

Como pode ser observado no depoimento da informante, ao destruir a vegetação original, o trabalhador não leva em conta os problemas de solo que futuramente poderiam vir a prejudicá-lo. Pois com a contínua atividade de retirada da mata ciliar do entorno da Lagoa do Piató, a erosão do solo aumentou e muita terra foi arrastada pelas chuvas para dentro do manancial.

Nas narrativas sobre a história da Lagoa do Piató, discorre um pescador sobre a questão do manejo e uso exagerado do sal utilizado pelos pescadores para a conservação do pescado e também do uso dos agrotóxicos aplicados pelas agroindústrias nas grandes plantações que estão próximas às margens da Lagoa:

A história da Lagoa Piató é importante se saber, a Lagoa em 1970, foi o primeiro ano que eu vi ela seca, ela dava de tudo que a gente queria, só não peixe que ela estava seca. Secava e não fazia falta à gente, fazia falta sim o peixe aí se pegava noutro canto, mas ela tinha toda riqueza; melão, melancia, feijão, milho, tudo se tinha muito, era tudo plantado nas vazantes quando ela secava, o algodão era excelente.[...]. Em 81 chegou a colônia de pesca que se chama Z20, fez o cadastramento dos pescadores. [...] Em 85 a Lagoa encheu que sangrou. Em 87 eu vi aqui dentro desta Lagoa foi feito outro cadastramento que aqui tinha 501 pescadores e muita canoa. A Lagoa tem uma área de 18km² por 16m³. A gente fechou os olhos para muita coisa desde de história passada de 75, foi hotado dentro dela muitas toneladas de sal, a gente não sabe nem calcular, foi lavando peixe, muitas vezes o pescador atravessando a Lagoa chegava lá no meio, sem ter nem pra que, jogava o saco de sal completo e aqui tem diversos que fez isso, a gente não tinha preocupação, ninguém tinha orientação, ninguém tinha explicação de ninguém, aquilo que vinha dentro da mente da gente fazia, não tinha técnico pra orientar nada. Até que veio a firma da Agrorkorll e faz um plantio muito grande até chegar a beira da Lagoa e começou a poluir a Lagoa até chegar na água e infelizmente em 86 e 87 a Lagoa terminou de morrer.

Nesse depoimento o pescador deixa claro que a Lagoa existia como parte da natureza e por si mesmo se renovaria. Não seria necessário, portanto, nenhuma precaução por parte dos comunitários. Neste sentido é plausível a análise de que o

homem apesar de explorar a natureza não se sente parte dela, pois a prioridade é a sobrevivência humana, assim a relação homem *versus* natureza é unilateral, ou seja, o homem a explora e a natureza se auto-reproduz. É possível também observar o seguinte, que o discurso sobre a história da Lagoa não é diferente, da história dos comunitários que trabalham com o desmatamento. A ação⁸, do pescador fez também mudar o ecossistema da localidade e sérios impactos sobre o meio ambiente foram desencadeados, à exemplo da água da Lagoa que sofreu grande transformação em sua composição, provocando a morte da flora e da fauna ictiológica, como verificado no depoimento abaixo:

A Lagoa era diferente – a água dela era doce. Salgou porque na época de 74, não havia gelo aqui pra conservar o peixe. Ai o peixe era tirado no sal. Nessa época veio muitos compradores do Ceará e compraram muito peixe aqui. Ai a produção era toda lavada dentro da Lagoa, foi derramada muitas carradas de sal dentro dessa Lagoa. O peixe, o camarão era todo salgado e antes de viajar tinha que ser lavado pra retirar o excesso de sal e botar pra secar. Não havia fiscalização de nada, ele [o comprador] quem mandava. Como eles não morava aqui não se preocupavam com isso. Só vinham explorar naquela época e sabiam que iam embora como foram,. Quando a Lagoa não tinha mais nada pra dar foi todo mundo embora. As carradas de peixe saíram para Guarabira [PB]. Quando começaram os pescadores a trabalhar com o gelo em 85 o peixe ia pra Natal, Fortaleza, Recife. De 74 até a década de 83, 84 se trabalhou com sal. Em 82, 83 a água da Lagoa secou de tudo. Em 83 como a água era bem pouquinha o peixe era bem pequeno a gente pescava de arrasto [colocava a rede na água um pegava de um lado o outro do outro lado e arrastava o peixe], esse peixe era levado para Fortaleza para ser usado como isca de lagosta. O peixe para isca ia gelado e não salgado. A vida foi ficando mais difícil depois nem pescaria, nem as vazantes, porque salgou a terra, ai não dava mais nada de plantação nas vazantes da Lagoa.

Nas citações os informantes enfatizaram a colocação de toneladas de sal na Lagoa do Piató, no período de 74 a 83. Esta ação, na época, não parecia ser um ato de degradação. Eles não pensavam que tal fato pudesse apresentar algum efeito

⁸ Ação na compreensão de Bourdieu (1983, p.12) "não é mais considerada como simples execução, mas sim como núcleo de significação do mundo: a sociedade não existe como totalidade, mas como

negativo ao manancial. Para os comunitários o reflexo de atos dessa natureza só veio a ser percebido quando apareceu nessas águas a poluição provocada pelos agrotóxicos colocados pela agroindústria. Na compreensão dos comunitários a degradação do Meio Ambiente é resultado, tão somente, das agroindústrias e não da ação antrópica. Noutras palavras, para os comunitários, as agroindústrias representaram a degradação acelerada da natureza.

Além destas práticas já citadas, observa-se outra ação antrópica que seriam as construções de suas casas, pois ao retirar todo o material, para suprir suas necessidades, os moradores não se preocuparam com os efeitos negativos da retirada dessa matéria-prima, que vai do desmatamento até o barro, como demonstram os depoimentos a seguir:

As casas são construídas de barro, toda vida foi assim. Antigamente tinha as de palha, todo material é retirado daqui mesmo. Em 66 aqui talvez não tivesse 20 casas ou mais um pouco, mas quando entrou a década de 70, é que cada morador, que cada um tinha 4 ou 5 filhos e outros mais, ai foram crescendo, casando e haja aumentar a quantidade de casa. Ai precisou mais furquilha, mais caibro, mais barro, quer dizer que no decorrer do tempo tudo foi só mais aumentando, tudo é retirado ao redor da Lagoa. Agora de uns 4 ou 5 anos pra cá é que agente encontra dificuldade e vê que é melhor comprar o material do que mesmo ir tirar, é muito pesado e mais difícil ter material fraco. Antigamente, como era uma casa aqui e outra ali, agente pegava o material no caso o barro no próprio local que ia fazer a casa, hoje tem que cavar distante um barro melhor é mais fácil de ser cavado, a madeira é difícil. Assim é melhor comprar duas carradas de barro que dá pra tapar uma casa como essas nossas aqui [2 salas, 1 quarto, 1 cozinha e 1 banheiro]. É claro que isso também contribuiu para o impacto do meio ambiente [...]. Sabe hoje é muito difícil a gente vê alguém querendo muito bem a natureza. O povo destrói tudo como se não tivessem fazendo nada. Quando eu cheguei aqui tudo era muito verde, não tinha erosão no solo agora muita terra no período de chuva é arrastado para dentro da Lagoa. É muito sério o problema.

[...] cheguei aqui nas eras de 42 e aqui casei logo eu tinha 20 anos nesse tempo. Quando voltei foi pra casar, já sabia com quem, quando tive a confirmação em um mês arranjei um emprego, fiz a casa de taipa. Eu sozinho e Deus cortei a madeira da casa que era carnaúba, cavei o barro construí e cobri

intersubjetividade que tem origem na ação primeira do sujeito".

com a palha da carnaúba, naquele tempo todas as casas daqui era coberta da palha. A gente encontrava aqui perto.

[...] o material pra construir as casas era retirado ao redor da Lagoa. Por exemplo o barro a gente fura onde vai construir de 2 a 3 metros de profundidade ai tira o barro da casa. Já a madeira a gente pegava aqui perto mesmo. Mas hoje em dia é difícil. Antigamente era tudo bem pertinho de casa só que hoje em dia não tem mais. Hoje é tudo comprado. Falta terra pra o povo construi e material também, são 3 hectares de terra pra morar 115 famílias não tem como mora bem.

Como registrado nos depoimentos, os comunitários, em nenhum momento, correlacionam que a prática de construção de moradias com a matéria-prima sendo retirada das margens da Lagoa do Piató, contribuiu para a degradação do solo e da vegetação, bem como para o assoreamento da Lagoa uma vez que nos período de chuva as águas arrastam tudo para dentro do manancial. Como foi observada nos relatos dos habitantes das comunidades, a degradação ambiental não surgiu ao acaso, nem, tão somente, é causada pelos avanços da tecnologia, mas as ações antrópicas também devem ser consideradas nesse processo, mesmo que tais ações não sejam por eles esclarecidas.

Independentemente dos efeitos das ações antrópicas, outros informantes confirmaram em seus depoimentos que nas comunidades do entorno da Lagoa do Piató não existe outro meio de produção para os habitantes a não ser a pescaria, agricultura de sequeiro ou de lenhador:

[...] muita lenha é tirada da terra alheia, porque o povo não tem como sobreviver. Aqui na comunidade é assim tudo parado, a gente precisa criar os filhos, sustentar a família. Olhe eu trabalho o dia todo tirando lenha porque eu preciso, aqui não tem outra coisa pra trabalhar. Eu pescava, deixei, o povo tá roubando as linhas, eu sou pobre, não tenho o que fazer, o que aparece eu faço, é o jeito. Na reunião eles falam que a gente não pode tirar madeira, eu escuto, mas ai não tem outro trabalho.

O povo daqui trabalha em tirar lenha em qualquer canto entram é pra fazer carvão. É depois que eu comecei a fazer uns trabalhos aqui, fazer reuniões explicando o que era objetivo melhor para a natureza. Graças a Deus tomaram consciência. Também depois que acabaram quase toda a terra, todas as árvores, mas tomaram, consciência agora estão deixando uns pauzinhos pra brotar, graças a Deus estão respeitando, mas a natureza. Como vê, hoje a terra é muito devastada.

Pra gente sobreviver aqui tá difícil, o desemprego é grande, aqui não tem o que fazer anuncer pescar ou corta lenha. Se corta lenha lá longe, lá pra o alto, pra banda do Simão. Hoje tem pouca lenha aqui, já cortaro tudo, sobrou ai da terra de seu João porque ele mora aqui e não deixa cortar. Aqui o povo passa muita necessidade, esse lugar não tem meio de vida, não, até a pescaria fica longe.

O único meio é tirar lenha mesmo pra ter o que comer quando vende. É o meio de vida aqui é a pescaria ou tirar um pau de lenha pra fazer um saco de calvão, outro meio não existe. Tem o carnaubal, mais não dá mais nada, agricultura é pouco e não dá né pra comer. Já carnaubeira era utilizada por algumas mulheres pra fazer vassora e elas dizem que não vale a pena produzir esse produto, uma vassora custa R\$ 0,50 para a revenda.

No conjunto dos depoimentos a ênfase dada pelos comunitários é a necessidade de se trabalhar para manter a família. E se os meios disponíveis são os recursos naturais que eles tem à disposição, mesmo sendo informados dos prejuízos que possam ter no futuro, isto não é tomado com tanta importância, pois a prioridade é a garantia do sustento da família.

Além da realidade descrita observa-se ainda, em uma outra fala, que os comunitários pouco entendem a respeito do que seja o significado de Meio Ambiente. A pouca compreensão e entendimento que eles têm foi adquirido através de reuniões na Associação:

A comunidade não sabe o que é meio ambiente não. Eles não sabem, eles só vê no que trabalhar pra dá sustento à família. Só agora poucos sabem o que é uma associação. Eu acho que eles destroem as árvores, lavam roupa na Lagoa por falta de orientação. E quando a gente chama para conversar eles não acreditam na palavra da gente. Porque já somos daqui mesmo e santo da terra não obra milagre.

No discurso da informante, vê-se o dilema a respeito da questão da orientação técnica dada ao grupo, pois segundo a informante certas práticas ainda vigoram por falta de orientação. O que fica subentendido é que a informante está se referindo a orientação técnica, prestada por agentes externos. Assim, a orientação prestada por agentes internos, a exemplo do líder da comunidade, os comunitários não dão tanta credibilidade, a maioria dos comunitários levam em consideração também o convívio e a proximidade entre eles no cotidiano há uma leitura do "outro" como de igualdade, ou seja, mora na mesma comunidade um sabe tanto quanto o outro, por isto à expressão popular "santo da terra não obra milagres". Desta forma por não ser técnico ou não possuir um "discurso de convencimento" fica explícito em sua fala que os comunitários não acreditam nos ensinamentos veiculados por outro comunitário.

Um outro aspecto relevante, nas comunidades, é a leitura que os informantes fazem das instituições que atuam junto aos comunitários. Tal fato pode ser observado a partir de informações dadas por um informante que viveu o processo de construção e atuação do DNOCS na região, nas décadas de 70 e 80. A leitura que ele fez desta instituição correspondia às condições de vida e de trabalho que as pessoas na época possuíam. Para ele, o DNOCS não era a instituição que viabilizava o desenvolvimento, num primeiro momento, em primeiro plano, mas, o percebia como uma das vias de exploração da sua força de trabalho e se apropriavam dos seus meios de produção disponíveis. Segundo o depoimento de uma outra entrevistada Silva,

[...] as pessoas que trabalhavam na emergência não viam a vida melhorar em nada. Continuavam sem casa, sem escola e até a comida era pouca, porque não tinham dinheiro para comprar. A vida ficava cada dia mais difícil.

A maneira como a informante descreve sobre a condição de vida do trabalhador rural dentro do seu mundo vivido, é traduzida no pensamento de Moscovici [apud SILVA, 1999, p.96] através da compreensão do conceito de "ancoragem", pois este diz respeito à interpretação que se tem de algo que é objetivado. Isto se dá a partir do fato de que "qualquer tratamento das informações, tem que ser pensado mediante experiência e esquemas de pensamentos já estabelecidos e compartilhados, ou seja, novas bases conceituais e normativas se ancoram e se processam mediante as experiências já existentes", (re)construindo-se assim as Representações Sociais, no caso em estudo, de Meio Ambiente.

Com base no relato acima, ainda pode ser ampliada essa compreensão através de Schutz (apud PEDRINHO, 1995, p.96) que sustenta que

[...] a natureza das experiências de qualquer ator social dependem de sua história de vida, ou melhor, de sua "situação biográfica". Portanto cada ator social tem um conhecimento de sua experiência e atribuem relevância a determinados temas, aspectos ou situações de acordo com sua própria história anterior. Assim o senso comum é de fundamental importância, porque através dele o ator social faz sua própria definição de situação. Isto é, não só age como atribui significados portadores de relevância à sua ação, de acordo com sua história de vida, seu estoque de conhecimentos dado pela experiência de interação com os que o cercam.

Esta afirmação do autor foi confirmada nos dados da pesquisa quando os comunitários comentaram, diante de suas histórias de vida, sobre o processo de modernização que ocorreu na região e que teve início na metade do Século XX, quando as relações capitalistas de produção passaram a se consolidar e se instituir no campo. O processo de transformação e/ou de modernização que foi proposto pelas agências de desenvolvimento neste período, por um lado, trouxe para os comunitários conseqüências e perdas materiais e não-materiais, mesmo que, por

outro lado, tenha trazido algum ganho para esses comunitários, esse foi muito pequeno. Tal fato era e ainda pode ser visto quando se observa a realidade social das comunidades e o que foi planejado nos projetos de desenvolvimento, esta transformação significa um gradual redesenho das relações sociais de produção.

A ação que vem de “fora” parece solucionar os problemas enfrentados pelos comunitários no seu dia-a-dia. Entretanto, na grande maioria das ações públicas, encontra-se a exclusão social da maioria, que não adequando-se à nova ordem econômica de produção agroindustrial, se vêem alijados deste processo. Como demonstra o seguinte depoimento de um pescador

[...] minha profissão é pescador, desde que nasci, mas quando as firmas chegaram aqui eu fui trabalhar na agricultura, foi na Frunorte mais por pouco tempo só pra testar pra mim não serviu, não, eu sou mesmo é pescador.

Outro informante relata que a dificuldade em trabalhar fora da comunidade é grande, seja nas firmas ou na cidade de Assú,

A gente vai se virando de qualquer jeito, de todo jeito pra não morrer de fome. As mulheres também não trabalham, não tem em que, nem aqui nem em Assú. Pra quem não tem estudo vai trabalhar em que, as coisas é mais difícil. Agora ali do outro lado tem a firma e muitas mulheres trabalha nela, mas aqui é difícil não tem carro pra vim pegar elas, aqui é pra sair de madrugada pra ir pegar o ônibus em Olho d'água, para ir pra firma. Desse jeito tinha que sair daqui meia noite, aí não tem condição.

Assim, no processo de modernização, a figura do pequeno produtor rural, do rezeiro, do meeiro, do posseiro perdeu, cada vez mais, a ligação com a terra, recém desapropriada e incorporada a empresas agropecuárias que vêm para gerar o desenvolvimento, empregando novas tecnologias.

O trabalhador do campo, na sua maioria, quando é incorporado por essas empresas, desenvolve apenas algumas das etapas específicas do processo produtivo, como o plantio e a colheita. Essas atividades por sua vez, são realizadas num curto período, resultando na não permanência do quadro de trabalhadores efetivos. A experiência pois, é a de ser um trabalhador sazonal, ou melhor, um diarista temporário.

O que se pode observar nesse processo de desenvolvimento agroindustrial é que um dos pressupostos da expansão das empresas seria a desocupação do território para os grandes grupos industriais, comerciais e financeiros executarem os seus projetos. Como aponta (CÂNDIDO GRZYBOWSKI, 1987), em seu livro "Caminhos e Descaminhos dos Movimentos Sociais no Campo", dessa mudança radical no campo tem-se uma ruptura entre o mundo a ser implantado por empresas vindo de fora da região e o mundo vivido pelos trabalhadores nessa região, os quais redefinem novas formas de organização. Além desses fatores, o desenvolvimento agroindustrial não leva em consideração os ritmos biológicos de reprodução da Natureza, os quais são mais lentos e complexos do que o ritmo capitalista de aproveitamento máximo, que tem como alvo à obtenção de lucro. É neste contexto que chegam no Vale Açu as empresas: CIANE; FINOBRASA; FRUTINORTE; AGROPECUÁRIA SERIDÓ; VENEZA AGROPECUÁRIA; GROVALE; GIOGI; M. DANTAS; e a AGROPECUÁRIA KNOLL LTDA. (SILVA, 1992).

Segundo Silva (1992), esse é o marco que inaugura o processo de modernização da agricultura na região. É a partir da década de 60 que pessoas e empresas nacionais e multinacionais se instalam na região. Isso graças aos baixos preços da terra e dos incentivos fiscais ministrados pelo governo. Paralelo a essas

mudanças, os pequenos produtores, posseiros, agregados e meeiros foram lentamente e/ou subitamente levados à margem da lógica capitalista de produção.

Como enfatiza Carvalho (1985, p.5) em seu estudo sobre o “Nordeste Semi-Árido”:

[...] a modernização conservadora apresenta a particularidade de constituir um processo violento de introdução do processo técnico no campo porque engendra relações de produção [novas ou recriadas como parcerias] sempre desfavoráveis aos pequenos produtores rurais (proprietários ou não de terra).

Na pesquisa realizada por (SILVA,1992), as análises dos dados confirmam que o processo de modernização da agricultura foi inaugurado pela empresa AGROPECUÁRIA KNOLL. O trabalho desenvolvido por esta empresa é exclusivamente com a agricultura irrigada e toda a produção é destinada para fins comerciais, particularmente para a exportação.

Além da empresa citada, segundo Santana (1997, p.63-66), outras empresas chegaram à região e seguiram o mesmo padrão de produção e escoamento dos produtos. Em seu trabalho ela destaca a FRUNORTE, mostrando que:

[...] entre as principais empresas frutícolas do Vale do Açu, destacou-se a FRUNORTE. Esta empresa preferindo as terras de tabuleiro, favoráveis a mecanização e mais apropriadas para a irrigação e menos susceptíveis a problemas fitossanitários, começou em 1970, com 6 hectares de melão; em 1986, já plantava 200 hectares; 1989, 750 hectares. Em 1990, contava com 1300 hectares de melão e mais de 200 hectares de outros produtos: manga, uva sem semente, acerola, grape-fruit etc. Em 1991, a FRUNORTE produziu 26 mil toneladas de melão – produto carro-chefe desta empresa [...]. Da produção anual 90% vai para a Inglaterra, países da Europa, como: Espanha, Holanda e França.- também para os EUA e países do Mercosul. O restante, 10% da produção fica no mercado interno, sendo que este volume da produção equivale ao que não passou pelo controle de qualidade para a exportação e que é destinado basicamente para São Paulo, Brasília, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, não é

comercializado praticamente nada na região Nordeste nem no Estado do Rio Grande do Norte.

Tanto o enfoque de Silva (1992) como o de Santana (1997) mostram, de um lado, o potencial das empresas implementadas no Vale Açu, e de outro a condição do trabalhador rural que antes detinha os meios de produção e o habitat e diante da modernidade são tidos como uma categoria excluída pela tecnologia e pela ciência que domina o espaço da produção.

O quadro abaixo incluso nos estudos de Silva (1992, p.62), confirma o moderno e elevado padrão tecnológico utilizado pelas empresas capitalistas, que se beneficiaram de mão-de-obra abundante e barata, além da isenção de impostos, contribuiu para o impacto tanto ambiental, quanto social da região e da população do entorno da Lagoa do Piató.

Quadro V - Principais Empresas Capitalistas: Área Irrigada, Sistema de Irrigação e Tipos de Cultura – Baixo –Açu, 1991.

Principais Empresas Capitalistas: Área Irrigada, Sistema de Irrigação e Tipos de Cultura – Baixo –Açu, 1991.			
Empresa Agrícola	Área Irrigada (há)	Sistema de Irrigação	Culturas
FRUNORTE	1360	Sob Pressão (gotc./asp.)	Melão, manga, uva, acerola, grape fruit
FINOBRASA	950	Sob Pressão (gotc./asp.)	Algodão, manga, arroz, milho
PS S/A (antiga TAISA)	570	Sob Pressão (aspersão)	Algodão, frutas
AGROKNOLL	500	Sob Pressão (gotc./asp.)	Uva, limão, banana, acerola, melão, melancia, Cebola, tomate, goiaba
SÃO JOÃO	150	Sob Pressão (xique-xique)	Laranja, manga.
TECNAGRO	60	Sob Pressão (aspersão)	Sementes de algodão, milho, feijão
AGROPECUÁRIA SERIDÓ	37	Sob Pressão (gotc./asp.) Por Superfície (sulco/inund.)	Manga, melão

Fonte: Dados extraídos da pesquisa de (SILVA 1992, p.62).

Segundo os dados fornecidos por Silva (1992), em 1991, a região já contava com 3.627 hectares de terra que se encontrava na mão dos investidores agroindústrias, que utilizavam a tecnologia moderna, garantindo a seletividade e a classificação dos produtos de acordo com o padrão de qualidade exigido pelo mercado exterior. Pode-se perceber nesse processo que, após quatro décadas, o quadro de exclusão social é bem maior, pois, se no passado o impacto foi expulsar o homem do campo, hoje, além da exclusão social, tem-se as seqüelas deste processo. Nesta realidade social são inúmeras perdas, entre outras: os solos fracos, mananciais poluídos, degradação ambiental, subemprego e desemprego. Esses aspectos foram os

mais citados na pesquisa como os que mais tem afetado a população da região e do entorno da Lagoa do Piató, uma vez que as terras produtivas dessas empresas chegam às margens desse manancial.

A inserção de empresas nacionais e multinacionais no entorno da Lagoa do Piató, provoca o que Marx (1980, p.130) outrora analisou como a produção e reprodução das desigualdades sociais:

A acumulação de riqueza num pólo é, ao mesmo tempo, acumulação de miséria, de trabalho atormentante, de escravidão, ignorância, brutalização e degradação moral, no pólo oposto, constituído pela classe cujo produto vira capital.

À luz da análise desse autor percebe-se que o capital é retido nas mãos dos grupos dominantes. Enquanto a maioria da população que mora nas comunidades, em Assú e cidades circunvizinhas, fica submersa a definições da produção capitalista, não conseguindo fazer valer os seus interesses nesse processo desenvolvimentista. Em outras palavras, as estruturas sociais concentradoras de rendas e de poder contribuíram para que se formassem classes sociais bem distintas umas das outras e que a maioria da população fosse lançada à pobreza, ou seja, quando acompanhando o modo de produção estabelecido no capitalismo é muito maior a probabilidade de não se ter uma melhor qualidade de vida, além do estímulo à poluição e à degradação do Meio Ambiente Esta realidade é confirmada no relato do morador Cosme:

[...] quando as empresas estavam limpando as terras para plantarem, nenhum morador das comunidades foi consultado, chegavam ajeitava tudo e pronto. O povo estava preocupado se ia trabalhar ou não, construíam suas expectativas por intermédio do novo – as empresas. As firmas era uma grande esperança pra gente porque ia ter muito emprego.

Noutro depoimento, o informante descreve como as terras no entorno da Lagoa ficaram após a implantação das empresas. Ele discorre sobre a questão do desmatamento e das perdas da flora e fauna ictiológica da Lagoa do Piató, bem como, do solo fértil das vazantes que eram utilizados em períodos de seca para a agricultura:

Houve muito desmatamento. É tanto que a Lagoa hoje em dia não fica mais na profundidade que ficava, devido o deslizamento de terra que teve pra dentro dela, foi por causa do desmatamento na área. A AgrorKnoll, desmatou muitas terras, ela é uma empresa que produz melão e uva, parece que ela é Americana. Essa firma só passou 2 anos e pouco, não chegou a 3 anos ai faliu, a produção dela era toda exportada, ficava aqui só o rejeito. Tem outra firma ai que participou do desmatamento das áreas e outras coisas, não como a que faliu. Na minha época a gente não tinha esses problemas (peixe pequeno, desamamento), o peixe era grande, a mata era virgem, mato brocado ao redor da Lagoa, era tudo completo de mato, o peixe se fazia gosto de ver como já falei, tanto fazia a Lagoa seca como cheia, porque as terras da Lagoa era rica, tanto em água como para as vazantes. Tinha diversos peixes, tacunaré, curimatã, não conheci a tilapia. Faz pouco tempo que a tilapia apareceu, todo mundo falava da Lagoa em termo de peixe bom a curimatã, o tacunaré, côro, sardinha. Hoje a gente não tem curimatã, nem coró, tudo acabou pra nós.

Além do relato já citado, mostrando a realidade da comunidade, outra moradora, em seu discurso descreve as dificuldades para quem é agricultor na região:

A terra ficou fraca, ficou porque a agricultura era melhor, hoje só tem quem faz irrigação e usa produtos químicos por causa das pragas. Antigamente, a terra era coberta, mais protegida boa pra plantar. Hoje, como a terra é totalmente desmatada, a gente quase não planta feijão, milho, melancia, gerimum. Hoje se planta muito pouco pra colher quase nada.

O ritmo das mudanças ocorridas, no entorno da Lagoa do Piató, é descrito nos depoimentos acima quando os moradores, discorrem como o modo de vida deles mudou quase por completo, tanto ao nível das antigas práticas, quanto nas relações e inter-relações de trabalho e no próprio resultado da produção, ao serem substituídas

pelo "novo". Quando o produtor afirma: "a gente plantava", está se referindo ao passado. O comunitário diminuiu o ritmo de trabalho na sua vida diária. Para ele isto é perda, porque o homem do campo que trabalha na agricultura e/ou na pesca não tem a prática de acumulação de renda. Basicamente, sua produção é para o consumo. No entanto, essa rápida implementação da tecnologia agroindustrial no campo não deve ser traduzida como total exclusão da agricultura de subsistência e da pesca artesanal da população, mesmo com a declaração de que "tudo acabou".

Outro aspecto que pode ser observado, nos depoimentos, é a questão da alimentação produzida pelos comunitários. Fica claro que esse aspecto é um dos fortes traços da cultura desse grupo. Quando eles fazem referência aos tipos de peixes que existiam na Lagoa e dos tipos de produtos plantados, estão mostrando que a alimentação que tinham antes era suficiente para manter a família e o grupo sem existir a preocupação de comprar, bem como, era fruto de seu trabalho, além de uma garantia que às próximas gerações também poderiam tirar o seu sustento daquele habitat. Na atualidade isto é duvidoso, como pode ser verificado nos depoimentos de alguns donos de casa quando demonstraram a incerteza de não ter meios para a sobrevivência. Tal fato deixa o homem do campo apreensivo. Esta preocupação é descrita, claramente, no depoimento do senhor Francisco, este desenvolve tanto a atividade da pesca como gricultura:

A gente produzia o milho, feijão, mesmo com a Lagoa seca a terra era fértil e fresca a gente plantava e tinha as boas vazantes. Na terra de meu avô o meu pai criava gado, mas, na época da seca a gente tinha a ração a rama do feijão, a palha do milho, tudo isso era comida para dá ao gado, a terra era toda seca mais era favorável. A nossa família que pertencia a meu avô, as terras eram boas e quem era dono de terra assim vivia bem. E quando vinha o inverno e a Lagoa enchia a gente trabalhava nas terras das serras. Hoje não dá mais pra trabalhar, as terras são fracas não tenho condição. Eu me preocupo muito olhando meus netos, porque só vejo as coisas regredindo, aí penso meu avô

viveu bem aqui, que foi favorável para ele, meu pai e minha mãe não foi tão favorável mais não foi uma vida tão difícil, eu já me encontro passando dificuldade e meus filhos e netos não sei como vai ser. Eu fico meio assim recalçado porque construí uma grande família na época era mais favorável às coisas e hoje eu estou vendo as dificuldades. É como vai sobreviver essas famílias daqui para frente, aqui sem ter um meio de vida. Eu tenho 13 filhos todos vivos 8 homens e 5 mulheres. 4 casados moram ali pra frente [fica dentro da terra da família do pai]. Antigamente a gente trabalhava muito mais isso era segurança. Olhe trabalhava o dia todo e a noite era descanso, aqui não tinha energia, só faz 14 anos que chegou energia aqui.

Como demonstrado nos relatos acima, o desenvolvimento chega à região, mas não para todos, e sim, para os grupos capitalistas que investiram nesse empreendimento agroindustrial. Dessa forma o uso dos recursos naturais não podem ser mais interpretados por uma ótica unidimensional enfatizando, apenas, os aspectos ecológicos, e sim, vê-los como uma questão ampla que envolve elementos sociais, políticos e econômicos. Esta compreensão é confirmada nos estudos de Santana (1992, p.27) quando formula que:

[...] o sistema de irrigação adotado atualmente pelas empresas agropecuárias requerem cada vez menos mão-de-obra, no sentido de que, ao mecanizarem-se os aparelhos de irrigação, necessita-se de menos trabalhadores para contratar nas etapas do processo de produção. No entanto, o grande salto no que diz respeito ao avanço da agricultura irrigada em termos de tecnologia é a isenção da automatização no processo produtivo. A adoção de computadores nesse setor possibilita programar a quantidade de água de que cada planta precisa, contribuindo para aumentar a produtividade, diminuir custos de produção, em médio prazo [...] e reduzir empregos [a quase nenhum] de capital variável.

Com base no exposto, a autora fez referência a uma realidade vivida pelos próprios comunitários, fato que não é diferente nos dias atuais, por parte dos habitantes que residem às margens da Lagoa. Pois, entre os comunitários, são poucos os que trabalham como funcionários dessas empresas. Das cinco comunidades investigadas, apenas a de Olho d'água Piató⁷ é a que tem um maior número de

⁷ A população de Olho d'água Piató é composta por 434 pessoas distribuídas em 97 famílias.

peças trabalhando nas empresas agrícolas – a fruticultura irrigada –, que restaram no Baixo-Açu. Também é a comunidade onde o nível de escolaridade dos jovens é maior do que as demais.

Os dados da pesquisa revelaram, que as pessoas recrutadas por essas empresas estão na faixa etária economicamente ativa, de 20 a 50 anos. E a preferência é pelo sexo masculino. De acordo com as informações dos comunitários, apenas os trabalhadores que são admitidos pelas empresas são os que recebem o salário mínimo vigente (R\$ 200,00), com uma jornada de trabalho em média de 10 horas por dia, uma vez que trabalham por produção. Mas o trabalho realizado por eles nas empresas não trouxe um poder aquisitivo maior ou suficiente para modificar os seus modos de vida, ao contrário, às observações revelou um empobrecimento social coletivo. Nos dados da pesquisa pode se observar que por exemplo, na comunidade de Olho d'água de Piató, o número de trabalhadores assalariados corresponde a aproximadamente, o de 50 pessoas.

As mulheres dessa comunidade normalmente não trabalham fora de casa. Elas são as responsáveis pelos serviços domésticos e algumas criações de galinhas, muitas vezes são usadas para o consumo e também para o complemento da renda familiar. As mulheres que trabalhavam nas empresas ou em outras atividades, quando solteiras, deixaram esses afazeres quando casaram. Esse comportamento delas é tido como normal dentro das normas que regem a comunidade⁸.

Com relação ao trabalho na agricultura, pude verificar que o agricultor faz uso de produtos agrotóxicos em suas pequenas plantações.

Segundo um dos informantes o uso de agrotóxicos "*é para combater as pragas que destroem rapidamente a lavoura, podendo, assim, garantir a safra*". A

utilização dos agrotóxicos é vista, por eles, como *"um dos implementos agrícolas que agilizam o crescimento da lavoura, por evitar a presença de pragas nas plantações"*. Entretanto, afirmaram que não têm nenhuma orientação técnica. Um outro agricultor acrescenta que *"eles apreenderam a utilizar mais produtos químicos depois que as empresas foram implementadas no Vale Açu"*.

Esta prática não é exclusiva entre os comunitários, antes pelo contrário, ela tem sua origem com a presença das empresas agroindustriais que produziam na região fazendo uso intensivo e inadequado de agrotóxicos e fertilizantes químicos nas áreas que exploram a agricultura irrigada voltada para exportação. Retomando a questão das Representações Sociais de Meio Ambiente, verifica-se que os agrotóxicos, hoje, não são mais estranhos para os comunitários, porque fazem parte do processo produtivo do pequeno produtor e as (re)construções sociais são elaboradas a partir do que é vivido. Esta forma de produção veio colocar em risco⁹ a qualidade de vida humana, bem como do ecossistema¹⁰, isto pode ser confirmado no depoimento, do pescador Santos, ao comentar sobre a situação atual da Lagoa do Piató:

Outra coisa que prejudicou essa Lagoa foi Davi Americano quando comprou uma área de terra aqui, que botou um plantio muito grande de melão e toda espécie de fruta. Foi numa época que ele puxava água da Lagoa e foi nessa época que a Lagoa lodou. Então, o lodo prejudicava a ele porque entupia os canos da água da planta, ele conseguiu lá um líquido, um veneno e botou lá onde as bombas puxava água e de uma semana para outra acabou todo lodo da

⁸ Conferir o Relatório da Província Eclesiástica de Natal. Diocese de Mossoró. Serviço de Apoio aos Projetos Alternativos Comunitários. **Projeto Piató: desenvolvimento local, gestão ambiental e segurança alimentar sustentável**, em estudo. 2002.

⁹ A idéia de "sociedade de risco" é posta por GIDDENS (2000, p.142), para ele, "trata-se, antes de uma sociedade cada vez mais preocupada com o futuro (e também com a segurança), donde a noção de risco. [...]". A palavra "risco" refere-se a um mundo que estamos explorando e ao mesmo tempo procurando normalizar e controlar.

¹⁰ A idéia de "sociedade de risco" é posta por GIDDENS (2000, p.142), para ele, "trata-se, antes de uma sociedade cada vez mais preocupada com o futuro (e também com a segurança), donde a noção de risco. [...]". A palavra "risco" refere-se a um mundo que estamos explorando e ao mesmo tempo procurando normalizar e controlar.

Lagoa, isso faz uns poucos de anos e nunca mais ela lodou, isso prejudicou porque falta a alimentação do peixe e o melhor alimento para peixe de água doce é o lodo que a água cria. Outra, passou uns poucos de anos a Lagoa com muita água e ao redor dela, porque essa Lagoa era conhecida quando ela tinha água, a mariposa e o mosquito gerado da água era uma coisa nunca vista e depois que foi jogado esse conteúdo dentro d' água ela passou ainda uns 4 anos gente pescando e eu mostrava pra eles, tanto fazia encostar aqui em Olho d' água, como em Areia Branca, como em Bela Vista, em qualquer parte da Lagoa porque ela é grande, eu mostrava pra pessoas que não tinha mais uma mariposa, um cachorro d' água, diversos insetos que se gera da terra molhada e da água, acabou tudo, anoitecia não tinha uma mariposa para ferruar. Acabou, matou mesmo toda a espécie de vida que se gera do chão, passou muitos anos sem ver um. Agora, depois que Davi acabou com a plantação aos poucos foi diminuindo a quantidade de veneno, a Lagoa secou, ai entrou essa água ai já se vê alguns insetos, a mariposa não se vê ainda, porque a água não lodou. A gente dormia ali na croa da ponta grande, dormia a noite toda na areia não aparecia uma aranha, um grilo, um cachorro d' água, nada, nada. Por muitos anos sumiram, agora é que estão aparecendo alguns

De acordo com este depoimento, observa-se que o uso excessivo de produtos químicos, como os agrotóxicos, afeta o ecossistema, fazendo desaparecer várias espécies. Todavia, esta questão só é vista pelo viés da natureza e sem salientar o lado humano. Em quase todos os discursos dos informantes vê-se que eles se excluem como um ser integrante do ecossistema.

Foi somente na década de 90 é que se denunciou o uso de agrotóxicos na região. Essa questão foi manchete nos jornais da região que retrataram o quadro dos desastres ambientais como: o envenenamento do solo e das águas dos mananciais. Além disso, tem-se ainda a destruição das matas ciliares do Rio Açu e seus afluentes, o assoreamento da Lagoa do Piató e a erosão laminar dos solos. Essas perdas do ecossistema são denunciadas publicamente pelo jornal O Poti, de 03.11.91, quando registra um dos primeiros desastres provocado pela empresa FINOBRASA, que foi acusada de jogar veneno nas águas do Rio Pataxó, causando a morte de animais e danos na ictiofauna.

Diante do levantamento dos dados da pesquisa pude constatar que, atualmente, muitas das empresas que foram instaladas no Vale Açu fecharam as suas portas, deixando os sinais dos seus impactos sociais e ambientais. Um informante denuncia os impactos ambientais ao narrar a situação atual em que se encontra a Lagoa do Piató:

A Lagoa hoje é muito mais rasa, eu menino me lembro de quando acontecia de haver um inverno bom pra dá enchente no rio, a Lagoa quando chegava no pé da pedra, porque tem a parte que é lama e a outra pedra. Papai pegava um pano de linha de 50m e saia começando da beira da água antes de terminar de soltar aquele pano de linha já tava com água pelo pescoço, hoje em dia quando a água chega no pé da pedra, se atravessar de um lado para outro se muito se der, é água na cintura. No centro dela ali, onde a gente chama a risca, se fosse cavar hoje pra ver o aterro que tem de lama, até bater na areia eu tenho certeza que dá no mínimo uns 4 ou 5 metros só de lama pura, tudo isso é aterro. Esse aterro vem no córrego onde ela toma água direto e de todos os lados dela, quando o inverno vem, pra ter uma idéia, as cratera que abre de todos os cantos, quando há inverno nos riachos levando tudo pra dentro, quando passa o inverno aqueles riachos, nos cantos que tem moradia se aterra, ai quando vem outro inverno arrasta tudo de novo, é mais aterro, são as grandes erosões. Veja só aqui mesmo perto aquela árvore ali na frente da casa do Dequinha, isso aqui era plano, vê só a vala que esta ficando e a direção que vai é a Lagoa, a raiz dessa árvore está quase toda pra fora. Houve muito desmatamento de todos os lados da Lagoa.

Nesse depoimento pode ser visto o processo de assoreamento que atinge diretamente o manancial. Por sua vez o progressivo desaparecimento dos referências que estruturavam e estruturam o modo de vida do homem ribeirinho é um processo particularmente difícil para os mais idosos, uma vez que representa o esvair-se da vida. Pois é a Lagoa do Piató, é o que eles têm de mais significativo para as suas vidas. Isso tem sido comprovado nas informações dos comunitários ao destacarem o secamento da Lagoa, muitos disseram "sem a Lagoa a gente não é nada"; "sem a Lagoa não dá para viver"; "Piató, não existe sem a Lagoa". Da forma que os informantes se expressaram sobre a Lagoa pode se afirmar que, mexer com a Lagoa do Piató significa também mexer em definições profundas do Ser de habitantes que

moram em suas proximidades. Como atualmente o elemento da natureza de representação para estes habitantes é a Lagoa quase todo o movimento que se refere à vida, encontra-se a ela relacionada, como demonstram os seguintes depoimentos:

Eu já vi ela secado 2 vezes, em 83 e agora em 2000, e ela quase seca de novo, a comunidade sofreu muito passou muita fome. Muita gente saiu foram Mossoró, Assú. Foi muito sofrimento porque não tinha de onde tirar o sustento, porque quem tirava lenha, continuo, mas os que pescavam não tinha como sobreviver, pelos menos dá de comer aos filhos. A vida aqui é difícil.

A Lagoa secou em 98, ficou um pouco d'água depois secou de vez. Só em 2000, com a abertura do canal ela encheu. Na época que ela secou agente ficou sem fazer nada, não tinha o que fazer. Muitos foram pescar na barragem, eu não fui. Na época da seca a gente vive do programa de emergência e por aqui mesmo fazendo uma coisa e outra passando necessidade. Os programas de emergência, eram meio salário mínimo, no último que ouve só pagaram R\$ 60,00, na época do defeso também agente não faz nada, não pode pescar, a gente fica esperando o benefício da colônia foi 3 meses. A gente recebeu no último mês em uma só parcela. A gente durante esse tempo vai se virando de qualquer jeito, de todo jeito pra não morrer de fome. As mulheres também não trabalham, não tem em que, nem aqui nem em Assú. Pra quem não tem estudo vai trabalhar em que, as coisas é mais difícil. Agora ali do outro lado tem a firma e muitas mulheres trabalha nela, mas aqui é difícil não tem carro pra vim pegar elas, aqui é pra sair de madrugada pra ir pegar o ônibus em Olho d'água, para ir pra firma. Desse jeito tinha que sair daqui meia noite, ai não tem condição.

As outras pessoas que não tem condição de comprar o peixe é outra estória. É o povo do sitio Trapia, Simão, Carne Gorda, Talhado, são pequenas comunidades, são pessoas que nem pode comprar, nem tem armadilha. Quantos não tem armadilha? São muitos, ai eles vem de lá pra cá, no meu caso, chegam e vão lá em casa e pede emprestado as redes(malhas) pra pescar alguma coisa ali, ai vão pescam 10, 12kg de peixe não é para comércio é pra comida, dá pra atravessar uma semana, é um pessoal tudo faminto, assim tudo que eles pescam é bom. Se você vê esse pessoal quando vem pescar o estraçalhado é grande ali na beirada, quando eles vem pescar já pronto traz farinha e o sal e uma panela, na primeira pescaria ali mesmo já é formado o fogo e ali não é pra dizer que é pra comer com verdura, coentro, cebola nem com óleo, nem com nada, vão logo tratando, tirando o fato, as escamas e joga na panela, é na água e sal, é um pessoal muito faminto, fazem cada prato de comer que é dessa altura, você vê que é um povo faminto. Eu vi e vejo muita miséria aqui. Quando a lagoa secou os pescadores que era profissionais e vivia disso a maior parte debandaram, foram para barragem Medumbim, Mossoró, Taneiro. Todos os açudes particulares que tem aqui nessa região o povo debandaram foi pra um canto, outro pra outro e com isso foi sobrevivendo, mas o povo daqui só

sobreviveu quem tinha aposentadoria e outros que foram procurar emprego nas firmas.

Nesse conjunto de depoimentos detecta-se o resultado das ações antrópicas e tecnológicas que provocaram o impacto ambiental nesta região, nas últimas décadas do Século XX. Essas ações não são casos isolados da população do entorno da Lagoa do Piató, mas tem contribuído para o processo de desertificação que está sendo desencadeado em toda região norte riograndense. Essas ações, também têm provocado o impacto social, o qual são revelados nas condições de vida dos comunitários. E com relação à questão desertificação, na compreensão dos comunitários, conforme os dados da pesquisa, mostram que este fenômeno não tem nenhuma representação para eles. No entanto, é enfatizado que alguns elementos da natureza biótica não existe mais, como é o caso de alguns animais que sumiram ou mudaram de habitat devido à devastação na flora.

Além das ações já citadas ainda existem outros entraves, como é o caso dos proprietários de terras no entorno da Lagoa do Piató, como enfatiza alguns comunitários nos relatos abaixo

Tem muitos proprietários que quer ver essa lagoa seca, porque ela estando seca eles criam gado dentro, é uma terra boa para criação de gado. Como a terra é fresca cria muito mato, comida do gado. Inclusive para a abertura do canal que houve muitas reuniões havia muitos proprietário contra que não queria que a Lagoa enchesse. Ai ficavam só com as terras de fora, dos serrotes pra criar o gado. Ai não querem não mas como os pescadores é maioria a gente lutou pra ela encher, porque pelos proprietários ela vivia seca. Para abrir o canal foi com muita reunião, abaixo assinado, uma luta grande.

A gente empunhou uma bandeira foi uma luta e travou-se uma batalha, foi meia dúzia de proprietários contra 1000 e tantas pessoas querendo água na Lagoa. Os proprietários não querem água na Lagoa, porque as propriedades são só para criar boi. Ali logo na entrada do lado da pista, aquele rapaz, a propriedade dele vem até aqui o córrego e ele cria boi, vive bem mora em Natal. a mulher dele é funcionária do governo, ele é Contador e tem não sei

quantos escritórios de contabilidade ganha muito dinheiro e só vem passar finais de semana ali, tem bons cavalos para os filhos correr. Ai não quer água na Lagoa o que interessa é a terra para criar boi. Ficou claro se não tiver água na Lagoa vai ficar mais espaço para eles criarem boi do lado da terra que fica para dentro da Lagoa. Eles só vêem prejuízo do lado deles, imagine que todas aquelas terras ficam submersa quando a Lagoa enche, fica três metros acima de onde ela está hoje, no córrego fica com três metros de fundura, esse é o grande problema do proprietário com as comunidades que querem água na lagoa. Você acha que uma pessoa dessa com acesso aos homens vão admitir nós(pobres) ter terra para plantar.

Segundo os depoimentos dos informantes acima, não é do interesse dos proprietários de terra verem o reservatório permanecer com água. Para esses proprietários, o secamento da Lagoa Piató significa ampliação das suas terras para a produção de pastos e aumento dos rebanhos bovinos e caprinos. Mas para os comunitários as terras e o manancial cheio representa sobrevivência. Entretanto, para esta conquista, é exigido dos comunitários o exercício político da cidadania, mesmo isto não sendo uma ação clara, em decorrência de suas necessidades e carências eles lutam expressivamente para que a natureza não seja explorada por outros interesses particulares que não sejam daqueles que dela dependem.

No que diz respeito ao tempo presente, o que se observa é uma reconstrução dos meios mais viáveis para a sobrevivência do grupo e da natureza, podendo ser identificado como o quarto tempo da Lagoa Piató, momento onde grande parte das empresas investidoras estão desativadas, os impactos social e ambiental são visíveis e a população busca redefinir o curso da vida.

Vale lembrar que as versões do passado são instrumentos fundamentais de definição da realidade atual e perspectivas futuras. Entretanto, o contrário não deixa de ser verdadeiro, isto é, as perspectivas de mudanças futuras também podem

redefinir versões do passado, de forma a tê-las, até mesmo, como instrumento de práticas políticas. E é nesse contexto que as Representações Sociais de Meio Ambiente, dos atores sociais que vivem às margens da Lagoa, vão sendo objetivadas e ancoradas pelos atores sociais, tema este a ser desenvolvido no tópico a seguir.

3.3. O que é o *Meio Ambiente* na visão dos atores sociais do Piató.

Como demonstrado anteriormente, as radicais mudanças proporcionadas pelos grandes investimentos na região do Baixo-Açu, viabilizaram também modificações na relação homem versus natureza. Através do diagnóstico aplicado em campo, foi possível verificar que os comunitários do entorno da Lagoa do Piató, redefiniram seu modo de vida, modificando-o tanto à nível material como não-material, à exemplo da alimentação, habitação, trabalho, consumo e organização sócio-política. Todos esses aspectos são traduzidos nos fazeres dos indivíduos, é um processo vivo e dialético, construído pelos atores sociais. Contudo, isso não tem impedido por parte dos comunitários a (re)construção, em diferentes níveis, de um ideário ambientalizado que os caracterizem. Nesse sentido, busca-se a compreensão da problemática de Meio Ambiente como um fenômeno sócio-ambiental e como esses atores sociais entendem o que é Meio Ambiente a partir de sua visão de mundo.

Analisando o Meio Ambiente como fenômeno social, faço referência ao pensamento de Carvalho (2000, p.53-65), por pensar a "questão ambiental na esfera política, a qual é compreendida como esfera pública das decisões comuns".

Na mesma linha de pensamento de Carvalho sobre o espaço público têm-se nos estudos da autora Arendt (1993, p.59) a definição de espaço público como sendo o lugar:

[...] em que o que vem a público pode ser visto e ouvido por todos e tem a maior divulgação possível [...], e é também, "o próprio mundo, na medida em que é comum a todos nós e diferente do lugar que nos cabe dentro dele". Nesse sentido o mundo é uma construção, um "artefato humano" que depende da socialidade e que só o espaço público pode instituir.

Assim a introdução da questão do "Meio Ambiente", na esfera do espaço público pode ser vista como ampliação na medida em que os destinos da vida, conquistam um espaço crescente como objeto de discussão política na sociedade. Esse pensamento viabiliza a compreensão do estudo das Representações Sociais de Meio Ambiente. Uma vez que é possível se compreender a Lagoa do Piató como um espaço público, o entendimento das (re)construções das representações sociais em análise, tornam-se mais claras, pois estas também norteiam a vida social e a prática dos sujeitos no seu contexto social. Assim, busca-se compreender os atores sociais em seu mundo vivido para desvendar suas relações e inter-relações sociais com os outros mundos (objetivo e cognitivo).

No que diz respeito ao conceito de Meio Ambiente primeiro, priorizei num primeiro momento, o conceito de Meio Ambiente definido academicamente e/ou sistematizado por órgãos de proteção ambiental, bem como o *Caput-225* da Constituição Brasileira de 1988, intitulado "O Meio Ambiente". Em segundo lugar, foi verificado como esse conceito é difundido por agentes de organizações (Governamental e Não-Governamental), que trabalham direta ou indiretamente buscando possíveis soluções para os problemas ambientais da região e das comunidades em estudo. Nesse contexto, os dados do diagnóstico aplicado em

campo e os depoimentos dos comunitários, colhidos nas entrevistas, revelaram que a maior parte da população que reside no entorno da Lagoa do Piató, não ancorou o conceito institucional de Meio Ambiente para utilização na sua vida cotidiana. Estes profissionais (agentes externos), segundo os informantes, possuem uma linguagem muito técnica, pois, "falam difícil", ou seja, enquanto para os agentes externos o Meio Ambiente é compreendido a partir de uma conceituação sistematizada do termo, os comunitários priorizam a prática, o uso que podem fazer da natureza e não o conceito formulado sistematicamente. Os homens ribeirinhos por viverem diretamente em contato com a natureza, retirando dela os recursos naturais para sua subsistência, formulam assim seu próprio entendimento sobre o Meio Ambiente e constroem dessa forma as Representações Sociais sobre esse espaço físico, dando-lhe uma conotação afetiva e social. Esse fato pode ser evidenciado abaixo nos depoimentos de um técnico, de um pescador e de um agente de saúde dos comunitários, respectivamente. Eles narram sobre a compreensão que cada um tem sobre o que significa o Meio Ambiente, tendo como referência seu mundo vivido e sua convivência direta com a natureza.

Meio Ambiente eu entendo como um ambiente que se vive. Ele é formado pelo: biótico, que são os seres vivos animais, as plantas e os peixes; e o abiótico – que é o clima, temperatura, água etc.. esse é o meio abiótico. a junção disso, essa interação do biótico com o abiótico forma o meio ambiente. Um ambiente em que se vive - é de fundamental importância que se conheça essa correlação biótico e abiótico e o homem interagindo nisso aí. Quando o homem ultrapassa a determinados limites não respeita determinadas forças da natureza, determinadas leis da natureza que serão os ciclos de vida dos animais e vegetais quando ele passa a ajudar o Meio Ambiente com desmatamento indevido, como emissão de poluentes, com queimadas e séries de outras coisas então passa a prejudicar o ambiente em que ele vive, ele passa a poluir, ele passa a agredir esse Meio Ambiente. Então ambiente esse meio em que ele vive, passa a ser o que para ele passa ser um lugar impróprio a vida dele e de quem vive de quem mora ali é por isso que os governos, as nações de hoje em dia as nações vendo isto, aí estão preocupando com esse negócio. Para você ter uma idéia a atmosfera ela vem nesses últimos 50 anos, aumentou sua

temperatura assustadoramente, isso faz com que haja inundações, haja dessertificação em alguns locais, haja incêndios, haja incidência de câncer de pele nas pessoas devido à abstração e suprimento da camada de ozônio isso seria o macro do Meio Ambiente, mas, a gente não deve pensar só nesse macro não. A gente deve pensar na comunidade onde a gente vive, que é o nosso ambiente, que é o nosso dia-a-dia, a gente deve fazer por onde aquele local onde nós estamos vivendo seja um bairro, seja um município, seja uma cidade, seja o nosso dia-a-dia, seja o nosso meio, seja o nosso Meio Ambiente, seja o local onde passamos a viver com dignidade, sem catinga, sem mau cheiro, sem prejudicar, sem destruir, sem degradar, sem depredar. Tudo isso aí faz parte do meio ambiente.

Meio Ambiente tem haver com a Lagoa. Eu acho o seguinte, uma coisa que todo mundo devia se empenhar era não desmatar mais ao redor dela, era fazer uma limpeza nela quando tivesse seca, porque com ela seca aí os animais vão buscar recursos nos olheiros que fica ao redor dela, porque tem água e ração, aí os animais que morria, os donos nunca mandavam tirar de lá, o que acontece é que, quando a Lagoa toma água, todos aqueles bichos que morre dos diversos tipos de doenças, fica dentro da Lagoa, isso é uma coisa que devia haver, consciência por parte dos donos de bichos, que não devia deixar, era pra retirar pra longe da área da Lagoa .

[...] a maioria do povo da comunidade de Bela Vista não sabe o que é Meio Ambiente. Eles só vê aonde podem trabalhar. Nada mais. O povo aqui é muito carente. quando a maioria vem pra reunião é pra vê se tem alguma coisa pra comunidade. A gente aqui não tem trabalho. Assim os que trabalham é na Lagoa pescando e outros tirando pau pra vender. Você sabe que pobre tem pressa, não gosta de escuta só conversa, mesmo se for importante como é o caso do meio ambiente, eles não dão muito ouvido, eu mesmo entendo mais o que significa a natureza. A natureza, que eu falo é essa, a Lagoa, as plantas, eu entendo mais da associação, da saúde, mas eu nunca quis me envolver com esse negócio de Meio Ambiente, eu sei só um pouco. eu não sei tudo não. Eu acho que a saúde tem haver com o Meio Ambiente. porque eu estou passando para as pessoas aquilo de bom, de proteção, de prevenção. Faz 9 anos que eu sou agente de saúde e de lá pra cá não morreu mais uma criança. Nascia 1 criança morria 10. Hoje eu oriento as mães e graças a Deus a gente tá conseguindo que morra menos criança. A prevenção é importante, porque você cuida antes de acontecer, porque depois fica mais difícil, se acontecer a gente procura as melhoras, mas é bom prevenir que remediar.

Como pode ser lido no primeiro depoimento , o técnico, fez uma articulação lógica e sistematizada das palavras ao descrever o que significa Meio Ambiente, no bojo de uma visão institucional. Ele usou a terminologia técnica, por exemplo, as palavras "biótico" e "abiótico" que são vocábulos estranhos para o homem ribeirinho,

dessa maneira, dificulta o entendimento por se tratar de universos lingüísticos diferentes. Pois, a palavra para os comunitários não fica apenas ao nível do discurso, mas ela faz parte do trabalho deles. Enquanto para o técnico, queimar, desmatar, pescar com linha fina e/ou bater-buíá, são práticas classificadas como degradação e/ou destruição. No olhar dos comunitários desmatar é uma forma corriqueira de trabalho. Essa prática, segundo o comunitário, garante o sustento da família. Em outras palavras, o técnico prioriza o conceito de Meio Ambiente estruturado de forma normativa pelo sistema vigente, enquanto que o comunitário prioriza o fazer, visando à sobrevivência.

Esta inferência está presente em Neves (1997, p.245 apud GOODY, 1968, 1977), o saber dos técnicos se fundamenta num acúmulo de conhecimentos mais amplo, graças à linguagem escrita e sua produção institucional, eles podem contar com um maior desenvolvimento de capacidade crítica e do pensamento mais abstrato, com melhores condições para a reflexão e a comunicação mais sistematizada. Enquanto que, o saber dos agricultores, funda-se na oralidade e na observação direta, na internalização de princípios orientadores de comportamentos, nos movimentos corporais e na incorporação de práticas e experiências transmitidas por gestos, pela imediaticidade do contato face a face.

Nesse contexto, vale salientar que os técnicos dependem, de um lado, do poder que lhes são outorgados pelas instituições, e, por outro lado, da legitimação que é dada pelos mediadores das comunidades, que são reconhecidos como líderes. Isto traduzido nos estudos de Rico (1999, p. 52-56), é enfatizado como sendo a atual forma de gestão. "A gestão social, conta agora com múltiplos co-gestores, representando os diversos protagonistas do novo pacto social, certamente aumentará

sua eficácia e o alcance de suas ações". Isso significa o gradual redesenho das formas de organização de trabalho das instituições e entidades. Explica o autor supracitado que:

[...] atualmente a gestão social crescentemente implica parcerias, isto é, trabalho conjunto de entidades de natureza diversa, não sujeitas a uma hierarquia única. E as parcerias freqüentemente constróem uma rede para executar suas tarefas em conjunto, sem afetar as vinculações que cada uma mantém para outros fins. [...] A gestão social abrange uma grande variedade de atividades que intervêm em áreas da vida social em que a ação individual auto-interessada não basta para garantir a satisfação das necessidades essenciais da população.

É interessante observar como a gestão social esta sendo organizada no final do Século XX, uma vez que os núcleos comunitários também direcionam sua organização pelo parâmetro global que designam ou redesenham a organização social. Isto porque o trabalho dos comunitários não é planejado isoladamente, pois se têm as instituições e entidades trabalhando diretamente com eles. Assim, suas Representações Sociais de Meio Ambiente vão sendo (re)construídas também com as influências externas. Como confirma o pescador e líder, Sr. Cosme, da comunidade do Porto Piató ao descrever as ações que beneficiaram as comunidades de pescadores desde que estão sendo assistidos por instituição e entidades através dos agentes externos:

Hoje na comunidade sou o representante, quer dizer que primeiramente sou sócio da Associação que é o primeiro direito que dá, depois presidente da Associação, se quiser. A Associação aqui do Porto trabalha mais com o peixe, atualmente recebemos o Projeto de beneficente do pescado que inclui – 58 canoas para pescadores; 58 caixas de isopor; 116kg de linha; 174kg de chumbo; 300 bóia e um carretão de bordão 0,100cm, para cada pescador cadastrado. A Associação trabalha em torno dessa organização. O carretão é de linha de molho 100cm e outra linha é 0,20cm, é uma linha apropriada pra pesca e a Associação trabalha nesse sentido, pra melhorar a vida do povo daqui, do pescador. A Associação trabalha também representando o FUMAC (é o PPA – Projeto do governo do Estado). São Projetos do governo nesses 4 anos

a gente aprovou mais de 50 projetos, foi assinado por minhas mãos para atender essas comunidades todinha. Para mim é uma satisfação muito grande, porque tanto estou ajudando nossa comunidade, como as comunidades vizinhas que precisa também. A nossa Associação, graças a Deus, trabalha com honestidade e sinceridade. A Associação foi fundada em 1993, antes não tinha organização. Antes em 1967, que foi a época que cheguei aqui, aí não tinha Associação, aqui todo mundo pensava uma coisa e aquela coisa fazia, se desse certo fazia, se fosse errado fazia e era assim a comunidade, aí a coisa foi mudando, veio a Associação e a gente vem tocando de lá pra cá.

Retomando a análise dos depoimentos citados acima, sobre o significado de Meio Ambiente para os atores sociais, observa-se que no segundo depoimento do pescador existe, uma evidência que mostra a preocupação do comunitário em organizar o seu espaço social e o que está presente no seu mundo vivido, ou seja, o que não é estranho a ele, no caso à Lagoa do Piató. O informante discorre sobre as preocupações as quais podem mudar o espaço social tanto a nível de organização do grupo como a nível de construir melhores estratégias e recursos de renda para as atividades produtivas dos grupos familiares. Dessa forma, nesse contexto Meio Ambiente para o morador do entorno da Lagoa, não é definido amplamente, limitando-se a existência apenas como sendo natureza. Assim no relato, tanto são anunciadas práticas boas, como limpar a Lagoa, bem como é feita a denúncia do descaso de se deixar, em períodos de secas, animais mortos no interior do manancial.

Já no terceiro depoimento confirma a fala anterior, por também compreender que os comunitários não entendem, quer dizer, não sabem decodificar o significado do Meio Ambiente, transmitido pelos técnicos. A informante descreve a preocupação e a situação da população da comunidade, mostrando que para eles não há interesse em aprender o que significa Meio Ambiente difundido pelo agente externo. Isto em decorrência da orientação ser, entre outras práticas, a de não devastar e não poluir o Meio Ambiente. Assim, essa orientação técnica promove a desapropriação do

comunitário de seu espaço de trabalho e de sobrevivência. Pode ser verificado também, na fala da informante, que ela enquanto responsável pela organização social da comunidade também não absorve o conteúdo que define o que seja meio ambiente difundido pelos agentes externos. Apenas algumas palavras como "preservação", ela utiliza em seu vocabulário cotidiano, mas a compreensão da mesma fica a desejar quando ela faz a inferência de proteção e prevenção e, ao mesmo tempo, assevera que não se envolve com esse negócio de Meio Ambiente, deixando transparecer que o Meio Ambiente é algo que está fora do seu alcance e do cotidiano dos comunitários.

Ainda analisando sobre o conceito de Meio Ambiente para os comunitários, um outro pescador formula que:

Natureza e meio ambiente é tudo a mesma coisa. É tudo, é a Lagoa. A Lagoa tem esse clima bom, fornece a parte de alimentação, amanhece o dia se não tiver o que comer aí vai lá e traz o almoço enfim, você planta uma vazante. É uma tristeza ver essa Lagoa seca. Quando ela secou eu chorei, maior que ela não tem não, chorei e chorei muito. A comunidade faz um grande movimento pra colocar água novamente na Lagoa, desde 95, a gente lutava, as comunidades de Areia Branca, Olho d'água, Bangüê e o Porto Piató.

Neste relato, o pescador faz uma narrativa do que ele entende por Meio Ambiente, meio de vida e interesses comuns das comunidades. Ele deixa explícito que a dimensão afetiva na relação homem/natureza é a mais significativa para eles que moram perto da Lagoa. Assim, chorar pela Lagoa não é um caso particular do informante, mas é um comportamento da maior parte dos comunitários que vêm na Lagoa, não só um manancial, mas uma fonte que gera recursos para o abastecimento alimentar das famílias que dela dependem. Por isso, essas pessoas afirmaram que sentem tristeza quando está acontecendo alguma coisa com esse reservatório hídrico.

Em outro depoimento, a informante afirma que quase todos os comunitários no entorno da Lagoa "não sabem o significado do que é Meio Ambiente":

Eu acho que é a preservação de tudo que é a gente conservar, aquilo de bom, porque tudo que tem no mundo é produzido por Deus. A gente reza muito nos novenários pela natureza, pela Lagoa, pelo povo daqui. Deus deu pra gente a natureza eu acho que deve ser respeitada, ninguém deve acabar, fazer destruição, a gente deve proteger aquilo que não pode ser destruído. É assim, por exemplo, a terra ela hoje é mais fraca devido o desmatamento porque desprotegeu aquela terra. Se antes aquela terra, não fosse desmatada, fosse protegida, seria melhor, não era? Se na Lagoa Piató, se todo mundo tivesse consciência de respeitá-la, nós teríamos peixe mais saudável. O que hoje acontece é que muita gente que não tem respeito pela natureza, pelos outros, inventa de lavar roupa na Lagoa, aí o peixe adocece. Eu escutei seu Dequinha, dizendo que o peixe com a água de sabão tava ficando bêbado. O peixe tava morrendo e realmente tá acontecendo, aqui na comunidade tem gente lavando roupa dentro da Lagoa, não tira a água pra fora, outros tiram, mas existe o desrespeito com a natureza, isso é ruim.[...] a natureza, que eu falo é essa, a Lagoa, as plantas, os peixes, os bichos.

Com base no depoimento acima, é possível que a informante acredite que a natureza é sagrada e, por essa razão, não deve sofrer interferência do homem. Além dessa visão, ela deixa transparecer que se a natureza não tivesse essa condição divina, ela poderia ser destruída. Na sua fala não há uma articulação sistematizada sobre o conceito de Meio Ambiente. Da forma como foram descritos vê-se os elementos ambientais independentes e não fazendo parte de um ecossistema. A moradora ao assumir o papel de orientadora comunitária, passa esse conhecimento, passa as outras pessoas na localidade, seja nas visitas domiciliares, nas noites das novenas, com o propósito de que outros comunitários venham compartilhar dessa percepção sobre a natureza.

Outro aspecto identificado nos dados levantados em campo, foi a questão do pouco grau de escolaridade da população. A maioria dos entrevistados consideram que não sabem dizer o que significa meio ambiente porque têm pouco estudo. Segundo os informantes entrevistados e os resultados dos diagnósticos aplicados, as

peessoas idosas, na faixa etária entre 65 e 85 anos que habitam nas comunidades são quase todas analfabetas. As pessoas com faixa etária entre 20 e 50 anos não concluíram a quarta série do ensino fundamental. Esse quadro é generalizado nas cinco comunidades em estudo, à exemplo dessa realidade cito a comunidade de Bangüê, que recebeu sua primeira turma concluinte do segundo grau no ano de 2001. Segundo a professora dessa comunidade, a população não tinha condição de estudar, as crianças começavam a trabalhar logo cedo para ajudar aos pais, na pesca, na agricultura, nos afazeres domésticos, abandonando, a escola sempre na terceira série. Os que conseguiram concluir não tinham condição de estudar na cidade, os demais não se interessaram em voltar para estudar, as mulheres casavam muito novas abandonando os estudos para tomarem conta das atividades domésticas, enquanto, os homens tinham que trabalhar para sustentar a nova família. Dessa forma, somente no final da década de 90 que essas comunidades passaram a receber o apoio do governo municipal via FUNDEF (Fundação do Desenvolvimento do Ensino Fundamental), recebendo transporte (ônibus) para os estudantes. Com este apoio, tem como objetivo também contribuir para modificar e dá oportunidade à população de jovens que estão indo estudar em Assú, a partir da quinta série do ensino fundamental. De acordo com alguns informantes, a falta de estudo também pode ser considerado um dos empecilho para se compreender o mundo na atualidade, de acordo com os dados da pesquisa, pessoas que estudam têm uma melhor entendimento sobre o significado de Meio Ambiente, alguns informantes complementaram dizendo que *"tem muita coisa nas reuniões que é dita pelos técnicos e eles não entendem o que significa tudo aquilo que é dito, ficando complicado às coisas que a agente sabe, com o que é*

dito". A arguição feita sobre a importância do conhecimento formal para os informantes pode ser constatada em depoimentos abaixo:

Eu não sei dizer o que é Meio Ambiente não. Entendo que a natureza é os animais, as plantas, os lagos. Essas coisas assim, eu não se definir a natureza também, porque tenho pouco conhecimento, pouco estudo, só estudei até a 5. Série.

[...] eu não sei o que é isso meio ambiente, mal eu estudei, sei ler quase nada. Eu entendo de pesca, um pouquinho da natureza que é a água, os bichos, a terra. Outra coisa eu não sei. Eu só frequentei dois ano só, a escola. A cartilha de A,B,C e a Cartilha. Quando foi pra mim estudar o terceiro ano que era o livro, ele se chamava a "Nossa Terra", ainda lembro. Depois de eu ter dado o nome a professora tava próximo de começar as aulas, começou a chover e papai disse, Raimundo, eu vou ajeitar uma enchadinha pra você. Ora, eu feliz da vida, tinha passado o primeiro ano por média, nunca tinha ficado em recuperação, ai minha vontade era fazer o terceiro ano e terminar o ano sem ter nenhuma falta sequer. Ai papai disse que eu ia um dia pra escola e outro pro roçado, eu tive tanta tristeza, fui lá pra casa que a professora ensinava, que era lá em João Camelo e disse pra ela tirar meu nome, que eu não ia estudar não, ela achou ruim demais e pediu pra eu não fazer isso. Eu disse tá feito, sendo pra eu ir um dia e outro não, eu sabia que no fim do ano eu era quem mais ia ter falta, ai pronto não teve acordo, desisti mesmo e até hoje só sei ler um pouco e escrevo ruim demais. Prefiro não escrever, por isso eu digo que não sei ler, nem escrever.

Como pode ser verificado no conjunto dos depoimentos da população ribeirinha do entorno da Lagoa do Piató, não existe clareza sobre o que são os elementos naturais abióticos como água, a Lagoa, o solo/terra, os elementos bióticos como os animais entre outros. Nem tão pouco estes elementos são percebidos de forma integrada no ecossistema, ou seja, os elementos são citados como fazendo parte da natureza e não do Meio Ambiente. Mas, em contrapartida, observa-se nos depoimentos dos informantes que o homem não se encontra como fazendo parte da natureza, ou seja, sendo parte do ecossistema enquanto ser social, vivendo em comunidade. Quando foi feita referência à figura humana, essa foi representada através de algumas de suas práticas, exemplificadas por eles quando enfocam

atividades de ordem negativa como o desmatamento, a poluição dentro da Lagoa (animais mortos, lavagem de roupa, pesca de buía, dentre outras), o ser humano além de não ser citado como elemento constitutivo do Meio Ambiente, ele é destacado como um componente depredador por excelência.

Um fato evidente, é que para quase todos os comunitários, o Meio Ambiente tem o mesmo significado de Natureza. E essa natureza esta próxima, eles tem um contato direto, assim as suas Representações Sociais de Meio Ambiente tornam-se inteligíveis nas suas próprias ações e a Lagoa é o elemento ambiental, na atualidade que é mais valorizado, mais significativo na vida dos atores sociais, ela é a principal representação da natureza. Assim, suas representações vão sendo (re)construídas a partir de suas vivências e experiências com a natureza. Este fato traduzido no pensamento de Moscovici (apud SILVA, 1999, p.98-99) este explica que as,

Representações Sociais não dizem respeito a construções de conhecimentos certos ou errados sobre um objeto, e sim que, independentemente de tais conhecimentos serem corretos ou equivocados, a sua construção por parte dos indivíduos, no senso comum, constitui um processo gerador de ações sociais a partir da visão de mundo e de concepções ideológicas e culturais que estão presentes nas relações sociais.

Outro relato importante na averiguação sobre a questão do entendimento a respeito do conceito de Meio Ambiente, foi feito a uma professora que reside na própria comunidade onde leciona. Busquei saber como a professora trabalhava em sala de aula a questão do Meio Ambiente. Essa profissional respondeu o seguinte:

Eu ensino aos alunos assim: preservar a natureza, fazendo trabalhos. Às vezes a gente vamos olhar os tipos de plantas e digo olhe quem encontrar mais plantas diferentes vai ganhar um ponto. Ai eu vou com eles, e às vezes eles demoram um pouco a chegar, ai cada um traz uma planta diferente. Eles vão, ai quando voltam vem muito contente e diz - professora, eu trouxe essa planta

aquí, eu trouxe essa outra. Eles [crianças] arrancam lá no mato e trazem. Outra vez eu fui mostrar para eles o valor do córrego (onde passa água para a Lagoa Piató), é o canal, quando eu levo as crianças os outros jovens me ajuda[...]. Pra mim Meio Ambiente é uma coisa importante, a gente não pode deixar de ensinar pra os alunos, é muito bom, tem que ser preservado, ter respeito, o ambiente tem que ser arejado, ser limpo, da mente também não só de ação. O Meio Ambiente deve ser conservado. Ter sempre alguém para orientar como são as coisas.

Nesse depoimento, observa-se que a professora trabalha dentro da escola a questão do Meio Ambiente priorizando a forma avaliativa e não como um tema no qual o indivíduo possa utilizar para a reflexão, visando uma modificação da percepção que se tem sobre a natureza e/ou que (re)construa o seu próprio entendimento e compreensão sobre o meio onde ele vive, para que possa a partir daí, construir alternativas para a sua sobrevivência individual e do grupo, bem como da natureza. Embora a informante enfatize a preservação e conservação da natureza, em sua prática ela orienta os alunos a retirarem da própria natureza toda vegetação que desconhecem e trazê-la para a escola, como prova de descoberta de novas plantas no seu universo de conhecimento. Entretanto, tal prática não traduz o significado das palavras preservação e conservação por ela utilizada. Ainda, pode-se perceber no seu discurso, o Meio Ambiente sendo identificado como um princípio ético e moral ao afirmar que “*o ambiente tem que ser arejado, ser limpo, da mente também não só de ação*” e também frisa a importância de se ter um orientador para às questões ambientais.

A prática apresentada pela professora, conforme relato acima, demonstra que a mesma não foi orientada de acordo com as normas estabelecidas na Lei Nº 9.795, de 27 de abril de 1999: Lei de Educação Ambiental. No capítulo I da Educação Ambiental, há um resgate da declaração de Estocolmo no princípio nº 19:

[...] em que afirma que é essencial ser ministrada educação sobre questões ambientais às gerações jovens como aos adultos, levando-se em conta os menos favorecidos, com a finalidade de desenvolver as bases necessárias para esclarecer a opinião pública e dar aos indivíduos, empresas e coletividades o sentido de suas responsabilidades no que concerne à proteção e melhoria do Meio Ambiente em toda sua dimensão humana.

Mostram os Artigos 1 e 5, da Lei acima citada o seguinte:

Art. 1º

Entendem-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do Meio Ambiente, bem como de uso do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sustentabilidade.

Art. 5º

O desenvolvimento de uma compreensão integrada de Meio Ambiente em suas múltiplas e complexas relações, envolvendo aspectos ecológicos, psicológicos, legais, políticos, sociais, econômicos, científicos, culturais e éticos.

De conformidade com os artigos citados e a análise do estudo empírico, até então realizado, vê-se que os discursos estabelecidos institucionalmente e os do mundo vivido dos comunitários não estão sintonizados. Havendo, desta forma, dificuldades de comunicação entre ambos, uma vez que o discurso do comunitário apresenta o universo simbólico¹¹ destes atores sociais, pois mesmo que utilizem as palavras no discurso conclui-se que as ações dos mesmos corresponde ao que desempenham no dia-a-dia, ou seja, a relação homem *versus* natureza é de utilidade, de usufruto para a sobrevivência do grupo.

¹¹ Segundo BERGER (1998, p.140), "o universo simbólico" também ordena a história. Localiza todos os acontecimentos coletivos numa unidade coerente, que inclui o passado, o presente e o futuro. Com relação ao passado, estabelece a "memória" que é compartilhada por todos os indivíduos socializados na coletividade. Em relação ao futuro, estabelece um quadro de referência comum para a proteção das ações individuais. Assim, o universo simbólico liga os homens com seus predecessores e seus sucessores numa totalidade dotada de sentido, servindo para transcender a finitude da existência individual e conferindo um significado à morte individual".

Os dados da pesquisa de campo forneceram outras informações importantes para a compreensão da (re)construção das Representações Sociais de Meio Ambiente feitas pelos comunitários no entorno da Lagoa do Piató. Ao arguir, em diagnóstico, os informantes da comunidade de Bela Vista Piató, sobre a "questão dos problemas relacionados à fauna da Lagoa", por exemplo obtive as seguintes respostas:

[...] não tem esse peixe aqui;

Eu não sei que peixe é esse;

[...] não vi falar nesse peixe aqui, se tem não conheço.

Estes depoimentos, confirmam a assertiva de que a terminologia utilizada na linguagem técnica não é compreendida pela maioria dos comunitários. Como já foi visto, as representações são construídas no cotidiano das pessoas, por isso, na medida em que o objeto, a idéia, e/ou o comportamento não fazem parte do imaginário do indivíduo e/ou do grupo social, os signos serão decodificados a partir do conhecimento de mundo do sujeito que é um saber adquirido na sua prática de vida.

Outra questão correlacionada com o Meio Ambiente foi a investigação em torno da "pesca predatória", que é considerado um dos problemas ambientais mais sérios. Conforme depoimentos dos comunitários e técnicos, essa prática de pesca é regularmente utilizada e intensifica cada vez mais o impacto ambiental nos mananciais da região. Segundo o relato de um técnico do governo é difícil se trabalhar com as populações das comunidades ribeirinhas na qual está inclusa a população do entorno da Lagoa do Piató. Ele confirma a existência de problemas sociais sérios, dentre eles: o alto índice de desemprego, e de analfabetismo, que levam essas populações a não compreenderem e/ou resistirem à mudanças das suas

práticas de trabalho, da não ampliação da consciência ambiental, sobre a preservação do Meio Ambiente. No depoimento desse profissional, ele conta que quando ia a campo, em reunião com os comunitários, mostrava os prejuízos da pesca predatória para o Meio Ambiente, e o homem tanto de hoje como do futuro, contudo, a maioria dos comunitários não segue as orientações dadas. Assim, no discurso do técnico quando encontra irregularidades, por parte dos pescadores, só resta para eles as aplicações de multas designadas por lei, pois são as normas e os códigos¹² estabelecidos pelo governo que as legitimam. Pois, o pescador já recebeu a advertência e a explicação do processo de pesca com a batida-da-buia, que não é certo, mas, na volta ao trabalho, o pescador, não considera nada do que foi dito.

O técnico, explicou em entrevista porque a batida-de-buia é considerada uma atividade predatória:

[...] a utilização da buia, na pesca, é considerada uma prática predatória pelo governo. E esta pesca predatória, nada mais é do que uma prática utilizada freqüentemente pelos pescadores. Cercar uma determinada localidade do manancial aquático, seja ele um açude, uma barragem, um rio. Cerca uma determinada região aquática com redes e em seguida se faz a batida, a vibração intensa da coluna d'água com uns pedaços de ferro, com varas fazendo com que o peixe que estiver ali naquela localidade nesse período, nessa operação, ele se sinta atordoado e caminhe, vá para cima da rede, ou seja, ele procura fugir e acaba emaranhado nessa rede. Isso é um negócio, extremamente prejudicial à fauna piscícola do manancial. Porque é prejudicial, porque se sabe que ao se fazer essa operação de batida, a vibração é muito forte, e essa vibração faz com que o peixe, caso ele esteja na fase de reprodução ele abandona a sua prole, no caso da tilapia, isso é muito característico. Bom a tilapia faz um ninho, uma barroquinha nas paredes do açude e ali ela deposita os óvulos, o macho deposita o esperma naquele mesmo local então há uma eclosão e, futuramente nascem os alevinos e os filhotes. Então, o casal toma conta daquela prole que ali está. Quando há essa vibração ocasionada pela batida da buia o que ocorrem, são os peixes maior, o casal vai embora e abandona os alevinos, os filhotes, e esses filhotes sozinhos ficam a

¹² Código de Pesca (Decreto 221, 29/12/1967). "estabelece que todos os animais e vegetais encontrados nas águas são bens público, dispondo normas sobre as condições para a pesca e exploração dos demais recursos biológicos". PEDRINI, Alexandre de Gusmão. (org) – **Educação Ambiental: reflexões e práticas contemporâneas**. Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes. 1997. p.207.

mercê dos predadores, isso com a continuação dessa batida, dessa buia, com a continuação disso, aqueles pais, que tomavam conta daquela prole que ali estavam, certamente correram para cima da rede de pesca e se emalharam e com a continuação disso aí, o que ocorre? Ocorre que a reprodução ela é freada naquele instante, e sendo assim com a continuação do tempo os peixes vão se escasseando, vão se acabando. Então, é por isso que o IBAMA proíbe esse tipo de atividade. Proíbe, também a rede de pesca com malha abaixo de 9cm. Porque se sabe que determinada espécie de peixe abaixo de certo tamanho, não atingiram a maturidade, então quando ele é capturado ainda prole, ou seja, ele não chegou a fazer nenhuma reprodução ainda, é como se numa comunidade você pegasse todos os filhotes que existe com o passar do tempo, os grandes vão ser capturados ou vão ser mortos e aquela filharada que vinha pra reproduzir futuramente param ali, então não vai ter mais, os velhos vão morrer, vão se acabar e não vai ter os filhotes para entrarem na reprodução. Então a continuação da perpetuação da espécie também é freada. Quando você também utiliza malha inferior a permitida por lei. (malha permitida 9cm, 10cm, 11cm).

No entanto, no depoimento de um antigo pescador da Lagoa Piató, outra explicação foi fornecida sobre a questão da utilização da buia durante a pesca. O pescador reconhece que o problema é sério, ao narrar a sua compreensão:

[...] a técnica de bater- buia é um problema sério. É uma técnica de pesca com um pedaço de pau e no meio da água, onde ele está pescando, bate com muita força o pau na água. Ai diz os técnicos que o peixe tem um ouvidinho e cada pancada que a gente dá ele estressa um pouco, ai ele deixa de produzir, se alimentar, fica doido da cabeça, sai por ai afora, muitas vezes produz fora da época que não segura a produção, a buia faz tudo isso, prejudica, muita gente acha que não. Mas o técnico talvez conhece o peixe mais que a gente [pescador] nesse sentido, acha que prejudica o peixe diminuiu, mas não tem haver com a buia, não. Tem haver com o agrotóxico. Com a buia eu sei que não tem, ela existe há muito tempo. É do tempo dos meus avós, não foi inventada agora. A buia não faz o peixe parar de crescer, mas o agrotóxico faz, porque ele não atinge diretamente o peixe, atinge sim a comida do peixe e a buia não atinge a comida, pode até atingir ele [peixe], mas ele tem uma hora de descanso que o pescador não vive só dentro d'água e nessa hora ele se aproveita e vai se alimentando bem, mas como não tem mais o lodo da Lagoa, ele fica com fome é isso que deixa ele pequeno. Olhe a pesca é ensinada aqui de pai pra filho, porque todo mundo aqui vive assim, é do que se tem pra viver

Ambos os depoimentos citados acima (técnico e pescador), demonstram o caráter da representação social enquanto orientadora de condutas dos sujeitos sociais e esta se encontram dependentes do grupo social que esses indivíduos pertencem.

Nesse sentido, a representação é um dos meios para se definir identidades, valores, consciência do indivíduo e do grupo social no qual estão inseridos.

Tal fato pode ser averiguado tendo por base o relato do técnico acima citado, no qual existe a defesa de que os profissionais priorizam as normas e as aplicações de sanções ao pescador, quando há infração das leis ambientais, mesmo reconhecendo alguns problemas sociais que dificultam o trabalho em campo.

No entanto, essa postura dos técnicos não reprime às práticas dos pescadores, pois isso foi registrado na fala também descrita acima. De acordo com o pescador, o seu grupo social igualmente estabelece normas, regras de trabalho e convivência. Não existe a negação das orientações do técnico, mas não se tem uma concreta confiança no que esse fala, por exemplo, ele diz: "*o técnico talvez conheça o peixe mais que a gente [pescador] nesse sentido, acha que prejudica, o peixe diminuiu (...)*", e no mesmo instante o pescador emite à sua explicação do que venha a ser o problema, a partir de sua própria experiência. Afirma ele que o problema "*não tem haver com a buia, não. Tem haver com o agrotóxico, porque ele atinge direto a comida do peixe*". O pescador tem confiança¹³ no que conhece concretamente, assim a prática da pesca é ensinada de geração em geração.

Assim, a batida-de-buia não causa danos a natureza, pois informa o pescador, Paulino que: "*a buia existe há muito tempo. É do tempo dos meus avós, não foi inventada agora*", assim essa prática é certa, segundo a visão do pescador, ela não destrói a natureza, mas, são os agrotóxicos os verdadeiros responsáveis pelos danos ambientais, pois não fazem parte do cotidiano dos ribeirinhos. Por ser algo que

¹³ Segundo GIDDENS (1991, p.34-35), "*a confiança está aqui revestida de capacidades não individuais, mas abstratas (...). É uma forma de "fê" na qual a segurança adquirida em resultados prováveis mais um compromisso com algo do que apenas uma compreensão cognitiva*".

vem de "fora", os agrotóxicos são os responsáveis pela destruição da Lagoa Piató, dos peixes, entre outros elementos da natureza.

Com base nos depoimentos citados ficou evidente que não existe homogeneidade e harmonia nas relações sociais, estas por natureza são conflituosas. Assim, observa-se que mesmo com a chegada dos agentes externos nas comunidades no entorno da Lagoa do Piató, não houve uma ruptura total no modo de vida tradicional¹⁴ dos comunitários, que foi transformado parcialmente. A relação homem *versus* natureza, que era determinada a partir das próprias regras da comunidade, hoje, com a presença do estranho no espaço da Lagoa, se mescla às regras já existentes, mas num processo contínuo de atualização e reatualização do "antigo" com o "novo". É um processo social que congrega a (co)existência de dois sistemas de ações, de um lado, os agentes externos (técnicos), que concebem a intervenção das políticas públicas, do outro, os agentes internos (comunitários), que não abandonam as atividades e as práticas cotidianas. Diante desse fato observa-se assim a relação conflituosa de visões de mundo, de natureza distinta, talvez até opostas dentro de um mesmo sistema social. É importante que se perceba que esta relação conflituosa seja imanente ao espaço social, e não se limita apenas à relação homem *versus* homem. Existe também, nas relações homem *versus* a realidade social que inclui a natureza, com o seu contexto de vida que diariamente o convoca para uma relação de afrontamento, que desafia os sujeitos sociais a dar respostas originais, ou seja, que permite a sua continuidade como sujeito no processo social.

¹⁴ Segundo Giddens (1991, p.44), a *tradição* "[...] é uma maneira de lidar com o tempo e o espaço que insere qualquer atividade ou experiência particular dentro da continuidade de passado, presente e futuro, sendo estes por sua vez estruturados por práticas sociais recorrentes. A tradição não é inteiramente estática, porque eles tem que ser herança cultural dos precedentes. A tradição não só resiste à mudança como pertence a um contexto no qual a separa dos poucos marcadores temporais e espaciais em cujos termos a mudança pode ter alguma forma significativa.

Por isto quando se faz referência qual o melhor caminho para se equilibrar o Meio Ambiente, não se tem uma resposta pronta, um modelo determinado para as práticas antrópicas de nenhum sujeito social, isso porque como a própria realidade mostra que o processo social requer dos seus indivíduos tantas respostas diferentes quantos são os afrontamentos, os desafios sociais, não esquecendo de se observar que é possível encontrar respostas bem diversas a uma mesma questão social, no caso em estudo, não existe apenas uma resposta para a questão ambiental e social da população das comunidades rurais do entorno da Lagoa do Piató.

É no ato de dar as respostas a realidade que se (re)constróem as Representações Sociais, pois, de acordo com os estudos de Freire (1983, p.37) "o homem se transforma no ato mesmo de responder aos desafios da vida,

O homem se cria, se realiza como sujeito, porque esta resposta exige dele reflexão crítica, invenção, eleição, decisão, organização, ação, inquietação, envolvimento, compromisso, participação, criatividade, sentido, entusiasmo, competência, problematização, entre outras coisas. Enfim, todos esses fatores que criam a pessoa e que fazem dela um ser não somente adaptado à realidade e aos outros, mas integrado e competente.

Esse fato sobre a "integração" dos sujeitos sociais à realidade também foi observado na pesquisa de campo que mesmo com orientação técnica quase que freqüente junto aos comunitários, muitas práticas ainda são mantidas no grupo social, como por exemplo, a divisão social do trabalho. Nas comunidades, esta divisão é definida a partir do gênero, o homem pesca, a mulher toma conta do lar, das crianças e terce linha para fazer a rede de pesca. As mulheres que estão ingressando na atividade da pesca, segundo os informantes, é para garantir o recebimento do benefício na época do defeso¹⁵, o qual é distribuído pela colônia de pesca para quem

¹⁵ Defeso, segundo os informantes é o período determinado por lei, que não pode haver pescaria. uma

nela é cadastrado, mas na realidade dentro da comunidade as atividades são bem delimitadas entre os moradores. No entanto, atualmente as mulheres trabalhar na pesca na Lagoa é uma exceção, pois esta além de ser considerada pelos moradores como uma extensão da casa as pescadoras também adquirem o direito ao benefício no período proibido para a pesca, isso é mais um das formas de ampliar a renda familiar da família ribeirinha.

3.3.1. A Representação da Lagoa do Piató como "MÃE" para os habitantes do entorno.

O ato de representar é um ato de pensamento por meio do qual um sujeito se relaciona com um objeto, como formulou Jodelet (apud SILVA, 1999, p.102), seguindo esta linha de pensamento ao argüir com os comunitários qual a percepção, ou seja, qual a representação que os mesmos têm da Lagoa do Piató, o resultado foi que quase todas as pessoas, homens, mulheres e crianças, ali residentes responderam que a "*LAGOA É NOSSA MÃE*". Nas mais diversas respostas houve confirmação que a maior Representação Social de Meio Ambiente, dos comunitários na atualidade, é a Lagoa do Piató, pois esta é o elemento ambiental central da vida da população do entorno do manancial e das que residem nas suas proximidades.

Os informantes ao narrar sobre sua relação com a Lagoa deixavam fluir nas falas, uma carga emocional e afetiva muito grande desse espaço físico e social. As pessoas demonstraram que carregam as marcas nas suas lembranças do passado, do

vez que os peixes estão no período de reprodução. Esse período varia de região para região. Nessa

presente e constróem sua perspectiva de futuro, das relações familiares, de trabalho, de perdas, enfim, da história de suas vidas.

Assim mediante a seguinte pergunta: "Por que a Lagoa do Piató é considerada como MÃE? Os principais resultados das respostas obtidas podem assim serem elencadas, como demonstrado abaixo:

A gente tem que respeitar aquilo que é nosso, aquele patrimônio, essa Lagoa é um patrimônio nosso, sempre a gente chama ela, a mãe da nação, a mãe da pobreza do vale do Açú. A mãe porque dá o sustento pra nós, a mãe da natureza, porque todo mundo que vai dentro dela, não só nossa comunidade mais as 4 (comunidades) que mora ao redor se recurso dela, e tem mais gente se recusando dela todo dia e todos levam produto dela, pra dá o pão de cada dia de seus filhos. Por isso a gente chama a mãe da pobreza do Vale do Açú;

Ela é mãe natureza, porque ela dá tudo pra gente e nada pede em troca;

A Lagoa dá comida e o trabalho dos pais da gente;

Sem dúvida a gente vive por causa da Lagoa, todo mundo trabalha nela aqui na comunidade, é a pesca, a rede é feita, a festa da comunidade, a agricultura quando tinha;

Eu acho que é mais que mãe. Porque muita gente se recursa dela e o povo gosta muito de pesca nela. Todo mundo que entra lá sai com seu peixe para comer. A gente trabalha (as mulheres na tercelagem, malha rede de pesca) tudo dá pra ir vivendo lá, não enriquece ninguém. Tudo graças a Deus a gente tem graças a Lagoa [...]. Quando seca a Lagoa é o povo todo no meio do mundo a procura de pescaria, trabalho.

A Lagoa, é Nossa Mãe, porque se a Lagoa não tem água pra gente não tem nada, as pessoas quer arranjar trabalho na rua mais não tem, ai fica lá trabalhando na comunidade só na Lagoa e as donas de casa da minha idade não vai procurar trabalho né, com essa idade. Eu só faço rede mesmo, nunca trabalhei na casa de ninguém e Deus me livre disso. Eu faço um carretel de linha por R\$ 20.00 nessa malha de 9cm. É pouco mais o que vou fazer;

A Lagoa. Ela é uma mãe santa, pra todos da comunidade porque ela dá, ela tendo água e peixe não falta nada pra nós, é trabalho de linha, tem o peixe pra gente comer, tem o peixe para os pescadores vender, que quando ela estava seca os pescadores aqui sofriam muito no meio do mundo casando recurso pra dar de comer a família vai pra barragem, para mendubim, por todo canto. Quando ela esta cheia, não tem de tudo em casa, mas também pescando arranja os recursos da família. Quando a Lagoa secou os donos de casa se afastaram, porque os recursos aqui é ela ai sem ela. Sem ela, por aqui trabalham assim, não tem firma, não tem emprego a maior parte aqui é pescar.

época, a colônia de pesca paga três salários mínimos ao pescador.

ai quando ela seca sai tudo no meio do mundo. Com a seca atrapalha a vida de quem terce rede, a casa, o trabalho a gente vai terce pra que? Pra quem?. Fica tudo mais pouco. Às vezes faço rede pra os pescadores que vem de fora para gente fazer. Um tubo de linha pra fazer sai por R\$20,00 meio kilo de linha de malha de 9 cm, é pouco mais é o que tem.

A Lagoa é nossa mãe eu concordo, porque quando ela tá seca dismantela cada vez mais nós. Quando a Lagoa tá seca a pessoa amanhece o dia em casa preocupado, doido, sem saber o que fazer e a Lagoa tando cheia não. Amanhece o dia não tem nada em casa pra ir pro fogo então pego a rede, um anzol, ou uma tarrafa ou até o landuar e vou pra Lagoa e trago o almoço.

Na totalidade das entrevistas, houve um consenso na afirmação de que o homem ribeirinho não tem como sobreviver sem a presença desse manancial, pois toda a organização e planejamento das pessoas e dos grupos está vinculado com a presença da Lagoa. Como foi visto no conjunto dos depoimentos, a Lagoa representa o principal local onde o grupo social retira sua subsistência que é o peixe. E que no período em que a Lagoa seca, isso representa migração, sofrimento e famílias passando necessidades.

A Lagoa sendo o elemento central da natureza para a maioria dos comunitários, significa também símbolo de religiosidade, de fé para o povo dessas localidades, conforme relato dos informantes a seguir,

A Lagoa Piató é Nossa Mãe - é sim, porque ela tando cheia não tem dificuldade pra ninguém, tem água franca, tem peixe, tem alimentação, pra os animais e não falta é a maior vantagem a Lagoa cheia. A comunidade precisa muito da Lagoa cheia, abaixo de Deus, só tem a Lagoa, a gente tá despreocupado. Tando seca tá todo mundo em dificuldade.

A Lagoa é tudo pra o povo daqui, a festa da padroeira da comunidade é de Nossa Senhora dos Navegantes só pra homenagear a Lagoa nossa mãe natureza, ia toda noite tem uma novena que fica na responsabilidade de uma família, do IBAMA, SFAPAC, é assim, a gente organiza hem direitinho no último dia tem a procissão das canoas dentro da Lagoa, é lindo é mais de duzentas canoas dentro d'água a gente traz a imagem da santa lá do outro lado de Areia Branca. É festa pra duas mães uma do céu e outra, da terra.

A Lagoa é Mãe, porque muita gente das comunidades sobrevive dela. A festa da padroeira esta correlacionada com a nossa Lagoa porque a gente reza, pede muito a Deus para ela nunca secar, pra gente ter sempre do que viver. E a saúde do povo também tem haver com ela, porque quando a Lagoa secou em 2001, ai foi que o povo adoeceu mesmo além de falta comida, água, a fedentina que vinha de lá por causa da lama e dos peixes pobres que ficava por cima, não tinha quem agüentasse. Era muita criança doente nesse tempo [...]. A comunidade se organizou pra salvar a Lagoa através da Associação e como era uma necessidade geral do povo, então se reuniu também com as outras comunidades ao redor da Lagoa, ai todo mundo achou que tava querendo e ele[o político] viu que na realidade tinha precisão de se fazer isso e fizeram, abriram o canal.

O conjunto dos depoimentos acima descreve os diversos significados das Representações que os comunitários tem sobre a Lagoa do Piató. Esses significados também podem ser traduzidos no pensamento de Abric (1998, p,30), quando o autor em seus estudos afirma que a representação é constituída de um conjunto de informações, de crença., de opiniões e de atitudes a propósito de um dado objeto social. Esse conjunto de elementos se organiza, se estrutura e se constitui num sistema sócio-cognitivo de tipo específico. Dessa forma, pode-se dizer que não é a presença maciça de um elemento, que define a centralidade. No caso em estudo, a Lagoa do Piató, ao ser indicada pelos comunitários como sendo a figura ambiental central no espaço físico, não é uma simples informação, mas sim o fato que eles dão significado à representação. A representação, não é um simples reflexo da realidade, ela é uma organização significativa que possibilita os grupos sociais a planejarem suas ações no mundo cognitivo, objetivo e social.

Com esta demonstração nos depoimentos dos comunitários ao relatarem porque a Lagoa foi eleita como a "MÃE" desta população, os resultados apresentados aqui instituem uma parte de uma série de histórias que permitem acompanhar as diversas representações, opiniões, sentimentos e atitudes de uma população frente às questões ambientais tendo como foco às Representações Sociais. Bem como esta

pesquisa sinaliza um quarto tempo na história das populações do entorno da Lagoa do Piató, no início do Século XXI, onde grande parte das empresas que investiram na região faliram e/ou pediram concordata, não atuando mais no setor agroindustrial da região. Hoje, os comunitários buscam através do apoio das organizações Governamentais, Não- Governamentais e outras entidades redefinir suas ações com relação à natureza, de forma lenta redefinem um modo de vida para se manterem na terra onde muitos nasceram, como também buscam alternativas em projetos, como o de geração de renda, redefinindo Meios de Produção para manter a sobrevivência do grupo. Em outras palavras, observa-se uma modificação, na infra-estrutura, do espaço físico desta população, e quando se fala neste aspecto da infra-estrutura, observam-se mudanças lentas em todo o contexto social, pois, elas acontecem de forma gradativa. Mesmo o grande impulso na economia norte-riograndese ter ocorrido por volta da década de 60, onde a região foi inserida nas redes nacionais como internacionais de produção, a circulação, gradativamente, de mercadorias, informações os atores sociais que vivem e convivem com aquela realidade até o atual momento desta pesquisa 2002. Os ribeirinhos, ainda estão excluídos deste processo de desenvolvimento regional, uma vez que estão perdendo as bases de trabalho e de recursos locais, entre as quais estão: a mata ciliar, os pequenos mananciais que já desapareceram ao longo do tempo, a fauna silvestre que foi extinta grande parte das espécie. Isto desfavorece à existência de um ecossistema equilibrado, pois a própria ação antrópica, dos que vivem diretamente o espaço físico no entorno da Lagoa, é desenvolvida sem planejamentos mais sistematizados, que visem e propiciem à preservação e à conservação do Meio Ambiente, quer dizer não se estar sem pensando em uma natureza intocável, mas que os habitantes têm necessidade de

explorar à natureza porém que seja de forma pesada. Já a própria Lagoa do Piató, que é considerada o principal e maior manancial natural da região, hoje está assoreada e sofre com os sérios riscos de extinção, pois o canal que a abastece sempre encontra-se obstruído, a fauna, a flora e a ictiofauna também estão desequilibradas, e a erosão marginal do solo com perda de solos agricultáveis, todos estes fatos dificultam a permanência do homem neste local.

Diante disso, o que foi verificado em campo, pode-se observar que as mudanças impostas, a partir dos meados do Século XX, na região do Baixo-Açu, representaram para os comunitários do entorno da Lagoa do Piató uma desestruturação da relação homem *versus* natureza, como também do seu universo simbólico, pois este tem no ciclo da natureza o referencial para reprodução social, ambiental, cultural, econômica, política e religiosa dos grupos.

Atualmente dentre os elementos da natureza, a Lagoa do Piató, segundo os comunitários, representa a fonte de esperança para o homem que residem em suas margens, e esta profunda convivência com água da Lagoa, representa segurança, confiança para os comunitários. Desta forma a Lagoa estando cheia, segundo os habitantes, representa que existe esperança de uma vida melhor para este povo, pois a Lagoa estando viva, quer dizer, com água, eles também consideram-se vivos, uma vez que se sentem parte deste universo das águas, dos peixes, camarões, canoas, gente conhecidas, carnaubeiras. É na Lagoa, onde a pesca é praticada e dentro dela, não existem muitas diferenças sociais, pois todos são igualmente dependentes da atividade pesqueira e agrícola. Assim, é neste espaço tão representativo para este povo que as Representações Sociais vão sendo reconstruídas, ao longo do tempo, das experiências e do cotidiano dos homens ribeirinhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

"Desde que um bom pensamento entra no
nosso espírito,
ele nos traz uma luz que nos faz ver uma
quantidade de outras
coisas, cujas existências nem sequer antes
imaginávamos.

[Assis Chateaubriand]

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa traduziu, em parte, o pensamento de um povo que luta, intensamente, pela melhoria da qualidade de vida e do Meio Ambiente, mesmo com todas as transformações de ordem ecológica causadas pela ação antrópica e pelos investimentos estatais e agroindustriais na região do Baixo-Açu, no Estado do Rio Grande do Norte.

A questão sócio-ambiental no universo empírico, foi analisada à luz das Representações Sociais, sendo necessária, uma breve reconstituição histórica da trajetória de vida, dos grupos sociais que habitam as margens da Lagoa do Piató. Busquei, nessa trajetória, reconhecer alguns descendentes dos personagens que ocuparam o território e o espaço social em épocas passadas. Está (re)construção foi viabilizada através dos depoimentos dos atuais habitantes, do entorno da Lagoa do Piató. Eles registraram a história de seus ancestrais e do período da ocupação daquele espaço físico.

Através dessa história, tornou-se possível identificar o modo de vida do povo do Piató e o que representava, ou o que era definido como Meio Ambiente na leitura de vida dos comunitários. Quer dizer, identificaram-se os elementos ambientais que, em cada período como estes eram valorizados e como era realizada a gestão sócio-ambiental pelos atores sociais.

No primeiro capítulo, faço o mapeamento do universo empírico da pesquisa, discorrendo às vivências do pesquisador e do pesquisado. Dessa forma ao término desta etapa posso concluir que o momento de estar no campo é um dia-a-dia de (re)construções tanto teóricas como de estratégias de pesquisa, isso devido à relação

direta com a população na unidade empírica; as situações vividas requerem respostas objetivas e não prontas. O campo de investigação é um momento fascinante da pesquisa onde o pesquisador sempre busca estar atento, o raciocínio rápido o levar a não devagar no universo teórico nem só na praticidade da coleta de dados. O contexto geral das vivências em campo, foi fundamental ser mapeado e/ou registrado uma vez que direcionou as demais etapas da pesquisa, que foi à análise dos dados e o trabalho dissertativo.

No segundo capítulo descrevo o modo de vida dos habitantes do Piató em dois períodos de tempo. A análise foi feita através das narrativas dos comunitários, onde discorreram sobre o momento das transformações de ordem ecológica que ocorreram no Baixo-Açu no final do Século XIX e meados do Século XX. No primeiro tempo à exploração do espaço físico foi comandada por colonizadores portugueses e holandeses que tiveram como mão-de-obra disponível os habitantes da região: o extrativismo foi à produção central deste período e os dois produtos que movimentaram a economia foram à carnaúba e o algodão. No segundo tempo, a produção estava vinculada aos próprios personagens da região norte-riograndense que se interessaram em investir financeiramente na pecuária extensiva. Sobre os períodos mencionados é possível concluir que os comunitários tinham uma relação direta com a natureza e a sua degradação não era tão acelerada. Quer dizer à natureza era explorada com propósito bem definidos, de ocupação territorial e obtenção de lucro. Este lucro era retirado através dos produtos naturais que na região poderia ser produzido para atender o mercado externo. Neste sentido pode ser concluído que o Meio Ambiente, não foi o questionamento central desses períodos. Assim, não era considerada pelos os investidores uma preocupação primordial, pois o

desenvolvimento foi à meta principal, tanto do setor estatal como do setor privado. Dessa forma, não se consegue se estabelecer uma consciência ambiental com os próprios moradores da região. Este desenvolvimento implementado na região do Baixo-Açu é acelerado no terceiro e quarto tempo, com a introdução da agroindústria na região, o impacto sócio-ambiental no Baixo-Açu, afetou sobremaneira às condições naturais da produção e da qualidade de vida da população do entorno da Lagoa do Piató, levando os comunitários à exclusão neste "novo" tipo de produção, a saber de irrigação, que as empresas recém instaladas utilizavam para produzirem. Concluiu-se que estas agroindústrias, em decorrência de sua sofisticada tecnologia não absorveram a mão-de-obra existente na região, assim a maior parte dos pequenos produtores foi e mantêm-se excluídos do modo de produção que é regido pelo capital financeiro.

É possível concluir conforme a abordagem global da pesquisa que as mudanças impostas pelas agências investidoras no meio físico e social, representaram para os habitantes do entorno da Lagoa do Piató uma desestruturação, e esta pode ser percebida tanto no nível da relação entre o homem e a natureza, como em seu universo simbólico, uma vez que o ciclo da natureza é um marco para a reprodução social, cultural, econômica, política e ambiental dos grupos sociais que tem como principal fonte de sobrevivência os recursos naturais. Estes recursos são adquiridos através do trabalho direto na natureza e que mantém o grupo. Isto é prioritário para o abastecimento alimentar das famílias, ou seja, a pesca e a agricultura de subsistência são as principais atividades desenvolvidas pelos homens ribeirinhos.

Mesmo diante dos grandes investimentos realizados pela agroindústria foi possível observar que os comunitários possuem as suas próprias formas de planejar a vida em comunidade. Noutras palavras, estes atores sociais são construtores de alternativas dentro do seu universo material e social.

Ainda, no tocante à dimensão das políticas públicas pode concluir que a diversidade cultural deve ser incluída em sua pauta, pois desta forma, será possível ter a inclusão dos grupos sociais, antes excluídos do processo de produção estabelecido na região durante as décadas de 60 a 80. Isto deve ser pensado porque o Modo de Produção não é regido unicamente por questões econômicas. Considerando também este viés, o homem faz parte deste contexto social e as suas dimensões afetivas e cognitivas devem estar presentes e serem levadas em consideração.

Em todos os períodos de tempo investigados, foi igualmente possível concluir que as Representações Sociais de Meio Ambiente são (re)construídas pelos comunitários do entorno da Lagoa do Piató, a partir das suas necessidades e carências. Assim, a questão da racionalidade do uso e o manejo da natureza não são prioritários para os comunitários. A sobrevivência do grupo é o fator principal para se definir como serão utilizados os recursos naturais. Desta forma, as ações desses sujeitos se dão mais pelas dimensões afetivas e sociais do que pela questão da racionalidade que busca inibir a ação antrópica através da mediação de agentes externos, projetos para preservação e conservação da natureza, fato que pode ser observado em todos os quatro períodos analisados.

Como foi demonstrado no primeiro tempo que predominou o extrativismo até os tempos atuais e com a existência das grandes empresas na região, em nenhum momento o Meio Ambiente foi representado como a principal preocupação dos

habitantes do Piató. No entanto, os informantes citaram como maiores preocupações da comunidade questões como o desemprego, moradia, alimentação, assistência médica, educação, mortalidade infantil, precário sistema de abastecimento d'água e energia, falta de telecomunicação em algumas comunidades como Bangüê e Areia Branca, falta de terra agricultável, dentre outras. Estas questões são elencadas pelos moradores como as principais preocupações e para eles as prioritárias. Desta forma, desmatar, bater-buíá, fazer carvão e/ou caçar, não são considerados pelos comunitários como uma agressão ao Meio Ambiente, ou seja, não é visto como degradação à natureza.

Observa-se também que para os habitantes das comunidades investigadas, o Meio Ambiente é a natureza. E os comunitários informaram que esta natureza é composta pela vegetação e pelos animais. Atualmente o elemento central da natureza é o manancial, conhecido na região, como a Lagoa do Piató.

Com base no exposto, as Representações Sociais de Meio Ambiente reconstruídas a partir deste elemento ambiental, "A LAGOA DO PIATÓ". Posso concluir que este é o espaço público utilizado pelos atores sociais para garantirem tanto os recursos de sua sobrevivência, bem como para os manterem integrados e integrantes no espaço político que é definido por eles e pelos agentes externos, no processo de defesa e participação nas decisões de democratização das políticas públicas.

De posse das informações dos dados da pesquisa a questão do homem "*fazer*", "*ser*" e "*ter parte*" no Meio Ambiente, pode-se concluir que os sujeitos sociais que compõe o espaço físico no entorno da Lagoa do Piató, não se apresentam nessas três dimensões, em nenhum dos períodos estudados ao longo do texto, ou seja,

o próprio homem não se percebe como um dos elementos que compõem o Meio Ambiente. Para ele o contexto ambiental é visto como algo distante e separado que não apresenta clareza entre a relação homem *versus* natureza, uma vez que esta apareceu limitada a relação homem *versus* homem e não homem e natureza. O sujeito, homem, ao ser mencionado pelos informantes, também apareceu como um agente depredador da natureza. No entanto, sobre a depredação e degradação ambiental, o comunitário aponta como principal responsável, não os próprios moradores das comunidades, que retiram sua subsistência da própria natureza, mas as agroindústrias implementadas na região do Rio Grande do Norte, as quais são co-responsáveis pelo acelerado processo de desertificação na região.

De acordo com os dados da pesquisa, pode se ter também como conclusão que à medida que aumentam os graus de adaptação à economia capitalista e de assimilação das disposições correlativas, as tensões entre o que foi produzido pelos os comunitários, onde é levada em consideração relações diretas entre os indivíduos, o companheirismo, a solidariedade entre os grupos familiares, os imperativos de uma economia individualista e calculadora, não param de aumentar, dessa forma os impactos sócio-ambientais na região são muitos. Este fato mostra que à questão do Meio Ambiente no Rio Grande do Norte não é um caso isolado, mas trata-se de mais uma região do país que possui sérios problemas sócio-ambiental e também não dispõe de uma política para o Meio Ambiente que corresponda tanto aos interesses do desenvolvimento econômico, bem como possibilite uma qualidade de vida para o homem que explora diretamente os recursos naturais.

Uma das principais conclusões que a pesquisa permite tirar é a de que há uma significativa "consciência ambiental" no universo social dos habitantes do entorno da

Lagoa, muito embora os comunitários continuem se considerando pouco informados sobre as questões relativas ao Meio Ambiente. Esta "consciência" pode ser caracterizada nesta pesquisa por elementos básicos quando os informantes identificam: a concepção naturalista do Meio Ambiente, ou seja, o Meio Ambiente como sendo, especificamente, constituído pela natureza, pois são poucos os comunitários que conseguem enxergar o homem, a mulher, a criança o idoso, o espaço físico da comunidade como sendo parte do mesmo; na reverência religiosa perante a natureza, considerada sagrada, por grande parte dos habitantes do Piató; uma disposição dos comunitários em não aceitar a poluição e a degradação ambiental, mesmo que saibam que haverá mais possibilidades de emprego e desenvolvimento para a região; está presente hoje, principalmente, na defesa do principal manancial natural do Baixo-Açu, à Lagoa do Paitó, uma vez que os moradores das suas margens são personagens centrais para a preservação de outros sérios impactos como o ocorrido no ano 2000 quando à Lagoa ficou totalmente seca e que não aja mais contaminação dos recursos hídricos. Isto é um breve esboço da construção de visão do Meio Ambiente e do compromisso dos habitantes da Lagoa do Piató em defesa de seu espaço físico e da garantia de existência do grupo, diante da política de desenvolvimento ambiental capitalista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRIC, Jean-Claude. **Abordagem Estrutural das Representações Sociais**. Tradução: Pedro Humberto Faria Campos. In: MOREIRA, Antonia Silva Paredes; OLIVEIRA, Denize Cristina Moreira (Orgs.). **Estudo interdisciplinares de representação social**. Goiânia: AB, 1998.

ALMEIDA, Raimunda Gonçalves de; SOARES, Leoneza Herculano; EUFRÁSIO, Maria Madalena. **Lagoa Piató: Peixes e Pesca**. Natal CCHLA, 1993. (Coleção Humanas Letras)

ANDRADE, Manuel Correia de. **O desafio Ecológico: Utopia e Realidade**. Editora HUCITEC, São Paulo, 1994.

ARENDT, Hannah **A Condição Humana**. 6ª edição, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.

AROW, Raymond. **As etapas do pensamento sociológico**. Martins Fontes/ editora Universidade de Brasília. Ensino Superior. 3ª ed. 1990.

BERGER, Peter L. **A Construção Social da Realidade: tratado social da realidade**./ Peter Berger/ Thomas Luckmann, tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis, Vozes, 1998. 16ª edição.

_____ - **O Poder Simbólico**; Tradução Fernando Tomaz (português de Portugal) – 4ª. ed.- Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____ - **Pierre Bourdieu: sociologia**. Organizada [da coletânea] Renato Ortiz; [Tradução de Paula Montero e Alice Auzmendi]. São Paulo: Ática, 1983, (Grandes Cientistas Sociais; 39).

BOSI Ecléa. **Problemas ligados à Cultura das Classes Pobres**. In: VALLE, Edênio e J. José (Orgs). **A Cultura do Povo**. São Paulo; Cortez: Instituto de Estudos Espaciais, 3ª edição. 1984.

BOSSI, Ecléa – **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos** 2ª. ed. São Paulo. T.A. Queiroz. USP. 1987.

BUARQUE, C. – **A desordem do progresso**. São Paulo, Paz e Terra, 1990.

CARVALHO, Anelise M. M. **Vida Nova em Nossa Casa: Vocabulário Ecológico** Horizontes, Bragança Paulista, v. 10, n. 1, p. 95-100 jan/jun 1994.

CARVALHO, José Otama de . **O Nordeste Semi-Árido: questões de economia, política econômica**. Campinas, 1985, mimeog. (2 volume)

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura – **A Questão Ambiental e a Emergência de um Campo de Ação Política-Pedagógica**. In: Sociedade e Meio Ambiente: a educação ambiental em debate. Carlos Frederico Bernardo Loureiro [et al.] (Orgs) – São Paulo: Cortez, 2000.

CARVALHO, José Otama de. **O Nordeste Semi-Árido: questões de economia, política econômica**. Campinas, 1994, mimeog. (2. volume)

CARDOSO, Ruth C. L. **Aventuras de Antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do Método**. In: A Aventura Antropológica: Teoria e Pesquisa. Rio de Janeiro – Paz e Terra. 1986/ 95-105 p.

CASCUDO, Câmara. Apud Lucia, Nestor dos S. **Classificação alfabética dos municípios do RN**. Natal: Imprensa Oficial, 1929. citado por Moura, M. da C. de A.& Teixeira, W. F.

CASTRO, Ronaldo Souza de. [et al] – **Universidade, Meio Ambiente e Parâmetros Curriculares Nacionais**. In: LOUREIRO, C.F. Bernardo; LAYRARGUES, P. Pomier; CASTRO, R.S. de (Orgs.). Sociedade e meio ambiente: a educação ambiental em debate. São Paulo: Cortez, 2000.

CRITELLI, Dulce Mara. Hannah Arendet: **a vida ativa e a ação. Ontologia da política**. In: Teorias da ação em debate/ Jean-Robert Weisshaupt...[et al.]; Maria do Carmo Brant de Carvalho (Org.). São Paulo: Cortez: FAPESP: Instituto de Estudos Especiais, PUC, 1993.

DAMATTA, Roberto. **O ofício do etnólogo ou como ter 'anthropological blues'**. In: NUNES, Edson de Oliveira (Org.). *A aventura Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

DARCY. Ribeiro, **Os Brasileiros – Livro I – Teoria do Brasil**. 3ª. ed. Vozes - Petrópolis, 1987.

DEMO, Pedro. **Avaliação Qualitativa – 6ª. ed. – Campinas S.P.** Autores Associados. 1999 (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, n. 25).

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação Ambiental: princípios e práticas**. Ed. Gaia – 1992 – São Paulo.

DIEGUES, Antônio Carlos. **A pesca artesanal no litoral brasileiro: cenários e estratégias para sua sobrevivência**. In: Proposta: Experiência em Educação Popular é uma publicação trimestral da FASE- Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional. Ano XIII – n.38 -Setembro de 1988

DURKHEIM, Émile. **Os Pensadores – Seleção de Textos de José Alberto Gionnot; Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura [et al] – São Paulo**. Abril Cultural, 1978.

ECO, Humberto. **Como se faz uma Tese** 16ª.cd. São Paulo-S.P: Editora- Perspectiva. S. A. 2001

MOREIRA Antonia Silva Paredes / OLIVEIRA Denize Cristina de, (Orgs.). **Estudos interdisciplinares de representação social – Goiânia: AB, 1998.**

FAORO, Raymundo. **Os Donos do Poder: formação do patronato político brasileiro**. Rio de Janeiro: Globo, vol. 1- 8ª edição. 1987

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERNANDES, Ana Amélia. **Autoritarismo e resistência no Baixo-Açu**. Natal, CCHLA, 1992. (Humanas Letras e Vale do Açu).

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Organização e Tradução de Roberto Machaado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1992. (Biblioteca de filosofia e história das ciências: V.7). 10ª Edição.

_____. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1988.

FRAXE, Therezinha J. P. **Homens anfíbios: etnografia de um campesinato das águas**. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretária da Cultura e Desporte do Governo do Estado do Ceará, 2000.

FREIRE, Paulo, **Educação e Mudança**- Tradução de Moacir Gadotti e Lilian Lopes Martin – Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1983 – Coleção Educação e Mudança – vol. 1 – 8ª Edição.

_____. **Conscientizaçã: Teoria e Prática da Libertação: Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 3. Ed. Editora Moraes. 1980.

FONTES, Breno, Augusto Souto Maior [Org.] [et al.]. **Movimentos Sociais: motivação, representação e produção de sentido** - Recife. Editora Universitária da UFPE, 1999.

GEERTZ, C. A – **Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura**. In: A Intepretação das Culturas – Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1989.

GEORGE, Pierre. **O meio ambiente**. Tradução de Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: difusão Européia do Livro, 1973. (Coleção “Saber Atual”)

GIDDENS, Anthony. **Conversando com Anthony Giddens: o sentido da modernidade**. Anthony Giddens e Christopher Pierson; Tradutor Luiz Alberto Monjardim. – Rio de Janeiro: Editora FGV. 2000

_____. **As conseqüências da modernidade**. Tradução de Raul Fiter. São Paulo: Edição da Universidade Estadual Paulista. 1991. (Biblioteca Básica).

GUILHERME DOS SANTOS, Wanderly. **Discurso sobre o objeto: uma poética do social**. São Paul, Companhia da Letras: Secretária de Estado da Cultura. 1990.

GUARESCHI, Pedrinho - JOUCHELOVITCH, Sandra (Orgs). **Introdução** - In: **Textos em representações sociais** [prefácio Serge Moscovico] - 2ª ed. Petrópolis. Rio de Janeiro - Vozes- 1995.

GUARESCHI, Neuza Maria Fátima. **Á criança e a Representação Social de poder e autoridade: negação da infância e afirmação da vida adulta.** In: **O conhecimento no cotidiano: as Representações Sociais na perspectiva da Psicologia Social.** Editora Brasiliense – 1993.

GUIMARÃES, Alberto Passos. **Quatro Séculos de Latifúndio [apresentação de Antonio Houaiss]** 4ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

GRZYBWOSKI, Cândido. **Caminhos dos trabalhadores do campo: movimentos sociais e institucionalidade política.** In: **Caminhos e descaminhos dos movimentos sociais no campo.** – Petrópolis: VOZES & FASE, 1987.

GUTTÉRREZ, Francisco – **Ecopedagogia e Cidadania Planetária** – Tradução Sandra Trabbucco Valenzuela – São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 1999 (Guia da escola cidadão; v.3).

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Observação Participante.** In: **Metodologias Qualitativas na Sociologia.** 5ª ed. – Petrópolis: Vozes, 1997.

HELLER, A. **O cotidiano e a história.** Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1989.

JOUCHELOVITCH, S. -Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e Representação Social.- In: PEDRINHO A. Guareschi; JOUCHELOVITCH Sandra (Orgs). **Textos em Representações Sociais.** [prefácio Serge Moscovici] - 2ª. ed. - Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 1995.

JOHNSON, Allan G. **Dicionário de Sociologia: guia prático da linguagem sociológica.** Tradução, Ruy Jungmann; consultoria, Renato Lessa – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.1997.

LANE, T. M. S.- **O que é Psicologia Social.** Coleção Primeiros Passos. São Paulo, Brasiliense. 1986.

LESBAUPIN, Ivo. (Org.) [et al.] -**Igreja Comunidade e Massa**, São Paulo: Paulinas, 1996, (Estudos e Debates)

LESSA, Sérgio. **A ontologia de Lukács**. 2ª. ed. Maceió, EDUFAL, 1997.

LÉVI-STRAUSS, Claude, **As Estruturas Elementares do Parentesco**; Tradução de Mariano Ferreira. Petrópolis, Vozes, 1982.

LIMA, Lenivaldo Marques da Silva. **Movimentos Sociais: Identidade, Representação e Ideologia**. In: FONTES, Breno, Augusto Souto Maior [Org.] [et al.] -**Movimentos Sociais: motivação, representação e produção de sentido** - Recife. Editora Universitária da UFPE, 1999.

LUZ, Madel Terezinha. **O interacionismo simbólico: breve exposição de uma acionalista em ciências sociais**. In: Teoria da ação em debate/ Jean Robert Weissaupt [et al.]; CARVALHO, Maria do Carmo Brant de. Organizadora- São Paulo: Cortez: FAPESP: Instituto de Estudos Especiais, PUC, 1993.

MARTINS, José de Souza. **A Chegada do Estranho** - Editora Hucitec. São Paulo, 1993. CAP - 2.

MARTINE, George./ GARCIA Ronaldo Coutinho (Orgs.) - **Os Impactos Sociais da Modernidade Agrícola** - Ed. Caetés, São Paulo, 1987.

MARX, Karl. **Sociologia**. Organizador [da coletânea] Octavio Ianni; [Tradução de Maria Elisa Mascarenhas, Ione de Andrade e Fausto N. Pellegrini] 2ª.ed - São Paulo: Ática, 1980. (Grandes Cientistas Sociais)

MARX, Karl & ENGELS, F. **Ideologia Alemã**. São Paulo: Hucitec. 1996.

_____. **O prefácio da Contribuição à Crítica da Economia Política**. In: MARX, Karl - Sociologia - Organizador da coletânea - Octavio Ianni; Tradução de Maria Elisa Mascarenhas, Ione Andrade e Fausto N. Pellegrini] 2ª. ed. - São Paulo: Ática 1980:82-96 (Grandes Cientistas Sociais;10)

MELO, Manuel Rodrigues de. **Várzea de Açú: paisagem, tipos e costumes do Vale Açú**. 3ª edição-revisada ampliada e anotada pelo autor. São Paulo: IBRASA [Brasília]: INL, 1979. (Biblioteca de Sociologia e patologia social; 10).

MENDES, Benedito Vasconcelos. **Biodiversidade e Desenvolvimento Sustentável do Semi-Árido** – Fortaleza, SEMACE, 1997.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O conceito de Representações Sociais dentro da Sociologia Clássica**. In: PEDRINHO A. Guareschi; JOVCHELOVITCH Sandra (Orgs). **Textos em Representações Sociais**. [prefácio Serge Moscovici]- 2ªed. - Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 1995.

MOSCOVICI, Serge. **A Representação Social da Psicanálise**. R.J. Jorge Zahar. 1978.

MOURA, M. da C. A. & TEXEIRA, W. F. P. **Lagoa Piató: Fragmentos de uma História**. Natal: CCHLA, 1993. (Coleção Humanas Letras, N. 8)

MOURA, Maria da Conceição de Almeida. **Estrutura fundiária: uso e ocupação da terra** – In: Programas de Estudo da Prblemática da Seca no RN/FUNPEC?UFRN- A Problemática da seca no RN e o Projeto Baixo Açú. Natal; Série A, VIII (Seca: Coleção Especializada), 1987.

MORAES, Antônio Carlos Robert. **Meio ambiente e ciências humanas**. 2ª. ed. São Paulo: HUCITEC, 1997.

MOISÉS SOBRINHO, Domingos. **"Habitus" e representações sociais: questões para o estudo de identidades coletivas**. In: estudos interdisciplinares de representação social. ANTONIA, S. P. Moreira/ OLIVEIRA, Denize C. de (Orgs) – Goiânia: AB, 1998.

NEVES, Estela/ TOSTES, André. **Meio Ambiente: a lei em suas mãos**. 3ª ed. Editora Vozes/ Centro de Criação de Imagem Popular (CECIP). Petrópolis – 1998.

NEVES, Delma Pessanha. **O econômico e o familiar, interdependências, potencialidade e constrangimentos: agricultura familiar. Desafios para a sustentabilidade**. Coletânea, Brasília. Ministério da Agricultura e do Abastecimento, EMBRAPA, 1998.

_____. **A modernização tecnológica: Inclusão / Exclusões**. In: Os fornecedores de cana e o Estado interveccionistas: estudo do processo constituição social os fornecedores de cana. Nitério; EDUFF, 1997.

OLIVEIRA, Denize Cristina Moreira (Orgs.). **Estudo interdisciplinares de representação social.** Goiânia: AB, 1998.

ORLANDI, Eni Puccineli. **Análise de Discurso: Princípio e Procedimentos.** Campinas, SP. Pontes. 1999.

PAULO NETTO, José. **Nótula à Teoria da Ação Comunicativa, de Habermas.** In: CARVALHO, Maria do Carmo de (Org.). São Paulo: Cortez – FAPESP: Instituto de Estudos Especiais – PUC 1993.

PEDRINI, Alexandre de Gusmão. (Org.) – **Educação Ambiental: reflexões e práticas contemporâneas.** Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes. 1997.

PEDRINHO A. Guareschi; JOVCHELOVITCH Sandra (Orgs). **Textos em Representações Sociais.** [prefácio Serge Moscovici]- 2ª ed. - Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 1995.

PRADO Jr. Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo.** Ed. Brasiliense. São Paulo. 13ª. Edição 1972.

QUINTANEIRO, Tania [et alli]. **Um toque de clássicos: Durkheim, Marx e Weber.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000 / 3ª edição.

REIGOTA, Marcos. **Meio Ambiente e Representação Social.** 3ª edição- São Paulo: Cortez. 1998. (Questões de nossa época; vol. 4).

Ciro Flamarion, Jurandir Malerba (Orgs). **Representações: contribuição a um debate transdisciplinar.** Campina, S.P: Papius, 2000. (Coleção Textos do Tempo).

RICO, Elizabeth de Melo./ DEGENSZAJN, Raquel Raichelis. (Orgs.). **Gestão Social: uma questão em debate.** São Paulo:EDUC; IEE, 1999.

RIBEIRO, Darcy. **Os Brasileiros – Livro I – Teoria do Brasil.** 9ª.ed.Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. **Os Índios e a Civilização: a integração das populações indígenas no Brasil Moderno.** 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 1993

RODRIGUES, José Carlos. **O Tabu do Corpo.** Rio de Janeiro - Achiamé 2ª edição. 1988 (Série Universidade Antropologia Social;v.2)

ROCHA, Gilberto Magalhães da. **A ideologia da modernização – João Pessoa:** Autor Associado/ Editora Universitária/ UFPB, 2000.

SANTANA, Lindaura Maria de. **Produção, emprego e receita tributária: o efeito paradisíaco das frutas tropicas no Pólo Agroindustrial do Saçu/RN.** Natal (RN) – Departamento Estadual de Imprensa, 1997

SADER, Eder. **Quando novos personagens entram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo 1970-80.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SERRA Negra; CARLOS Alberto. **Manual de Trabalhos Monográficos de Graduação, especialização, mestrado e doutorado.** São Paulo: Atlas, 2003.

SILVA, Lenyra Rique da. **A não espacialidade do espaço geográfico** In. A não espacialidade geográfica e a questão da terra. Departamento de Geografia da UFRN-Cooperativa Cultural UFRN. Natal, 1989 (coleção sala de aula).

SILVA, Aldenôr Gomes da. **A parceria na agricultura irrigada do Baixo Açu.** Natal, CCHLA, 1992, (Humanas Letras; 6)

SILVA, José Graziano da. **Tecnologia e agricultura familiar.** – Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

SILVA, Sérgio Luis Pereira da. **Senso Comum, Cotidiano e Conflito: elementos para um estudo das representações sociais da política nos movimentos populares.** In: Movimentos Sociais: motivação, representação e produção de sentido/ organizado por Breno Augusto Souto, Maior Fontes et al - Recife. Editora Universitária da UFPE, 1999.

SIGAND, Lygia. **O efeito das tecnologia sobre as comunidades rurais: o caso das grandes barragens.** Trabalho elaborado para o "Seminaire sur la gestion de l'Environnement et Communités Rurales". Organizado pela academia de l'Environnement/ Université de geneve e pelo professor Luiuz Pinggurlli Rosa

Coppe/ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ/ Genebra) Junho 1991. RBCS N. 18/ ano 7 / fevereiro de 1992.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Síntese de História da Cultura Brasileira**. 16ª.ed. Editora Bertrand Brasil S.A. Rio de Janeiro, RJ – 1989.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez: Autores Associados.1985. (coleção temas básicos de pesquisa-ação).

TEXEIRA, Elenaldo Celso. **Sociedade Civil e Participação Cidadã no poder local**. Salvador: Pró Reitoria de Extensão da UFBA – 2000 –. Série UFBA em campo estudos.

SCHWARTZENBERG, Roger – Gérard. **O Estado Espetáculo: Ensaio sobre e contra o star system em política**. Tradução de Heloysa de Lima Dantas. Difel- Rio de Janeiro – São Paulo – 1978.

TAVARES, Maria das Graças de Pinto. **Cultura Organizacional: uma abordagem antropológica da mudança**. Rio de Janeiro: Qualitymark. Ed. / 2002. Vol. 2.

VARGAS, Nazira Abib Oliveira. **Beiradeiros do Baixo Açú: canto e lamento de Rafael Arcanjo da Costa**. Rio de Janeiro: FUNARTE, Instituto Nacional do Folclore. 1987

VALLA, J; MONTEIRO, Maria B. **Representações Sociais. Psicologia Social**. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian.1992.

VERNIER, Jacques. **O meio ambiente**. Tradução de Marina Appenzeller. Campinas, S.P.: Papirus, 1994.

VIEIRA, Maria do Carmo. **Daqui só saio pó: conflito suburbano e mobilização popular - a salgema e o Pontal da Barra**. Maceió, EDUFAL, 1997.

VIERA, Paulo Freire. **Meio Ambiente, desenvolvimento e planejamento**. In: VIOLA, Eduardo J. [et al.] – Meio Ambiente e cidadania. São Paulo: Cortez; Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1998.

VIERTLER, Renate B. **A idéia de sustentabilidade cultural: algumas considerações críticas a partir as antropologia.** In: BASTOS FILHO, Jenner Barreto; AMORIM, Nádía F. (Orgs.) *Cultura e desenvolvimento: a sustentabilidade cultural em questão.* UFAL. 1999.

WAGNER, Wolfgang. **Sócio-gênese e características das Representações Sociais.** MOREIRA, Silva Paredes/ OLIVEIRA, Denize Cristina de, (Orgs) Goiânia: AB, 1998.

REFERÊNCIAS: *artigos, cordel, relatórios e outras fontes.*

APOSTILA LÓGICA, publicação para concurso público do IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis), inscrição n. 1/2002, IBAMA, de 03/04/.

BOURDIEU, Pierre. **Une classe objet: Actes de la Recherche**, In: 17/18, nov. 1977. Tradução parcial: parte das notas não está traduzida.

BANCO DO NORDESTE. **Manual de impactos ambientais: orientações básicas sobre aspectos ambientais de atividades produtivas.**/ Banco do Nordeste; equipe de elaboração Marilza do Carmo Oliveira Dias (Coord.), Mauri César Barbosa Pereira, Pedro Luiz Fuentes Dias, Jair Fernandes Virgílio. – Fortaleza: Banco do Nordeste, 1999.

BRASIL, **Constituição: República Federativa do Brasil.** – Brasília: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

CARVALHO, Anelise M. M. **Vida Nova em Nossa Casa: Vocabulário Ecológico** Horizontes, Bragança Paulista, v. 10, n. 1, jan/jun 1994.

DUQUÉ, Ghislaine. **A dinâmica da sociedade rural e a pequena produção no Cariri Paraibano - o caso de Serra Branca.** In: *Ciência e Cultura* 38 (1) janeiro de 1986.

FÊ, Elói Justo da. **História e Potência da Lagoa Piató.** Cordel (1988).

Relatório – Projeto Piató – **Ações de Educação para a Gestão Ambiental e Desenvolvimento Sustentável das Comunidades no entorno da Lagoa do Piató e da FLONA de Assú.** Assú/RN. Dezembro de 2001.

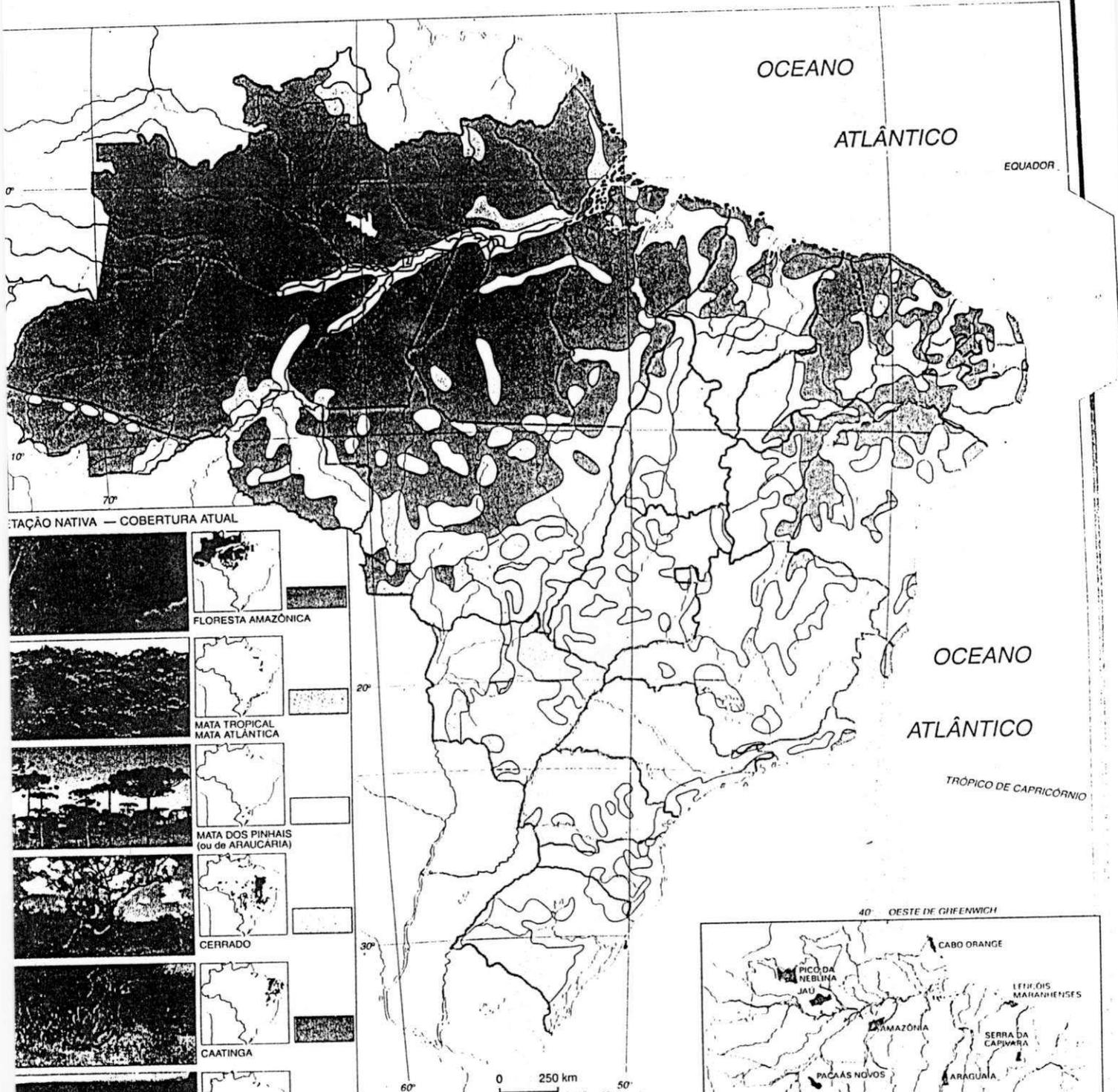
Relatório da Província Eclesiástica de Natal. Diocese de Mossoró. Serviço de Apoio aos Projetos Alternativos Comunitários. Projeto Piató: desenvolvimento local, gestão ambiental e segurança alimentar sustentável. Resultado do Diagnóstico sócio, econômico, cultural, ambiental, político e religioso das comunidades rurais no entorno da Lagoa do Piató. Pesquisa de: Severino José de Lima – Professor/UFCG

(Coordenador), Francineide Pereira Silva, Mestranda/UFCG (Pesquisadora/Assessora) e Voluntários das comunidades rurais em estudo. 2002.

SILVA, Aldenôr Gomes da. **Impactos do projeto Baixo Açu na sua área de influência.** Projeto de pesquisa 1988. Campinas (mimeog.).

ANEXOS

BRASIL VEGETAÇÃO



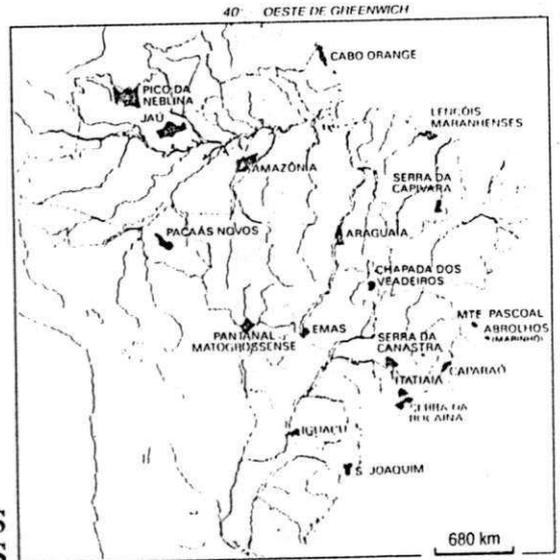
VEGETAÇÃO NATIVA — COBERTURA ATUAL

		FLORESTA AMAZÔNICA
		MATA TROPICAL MATA ATLÂNTICA
		MATA DOS PINHAIS (ou de ARAUCÁRIA)
		CERRADO
		CAATINGA
		CAMPOS
		COMPLEXO DO PANTANAL
		VEGETAÇÃO LITORÂNEA

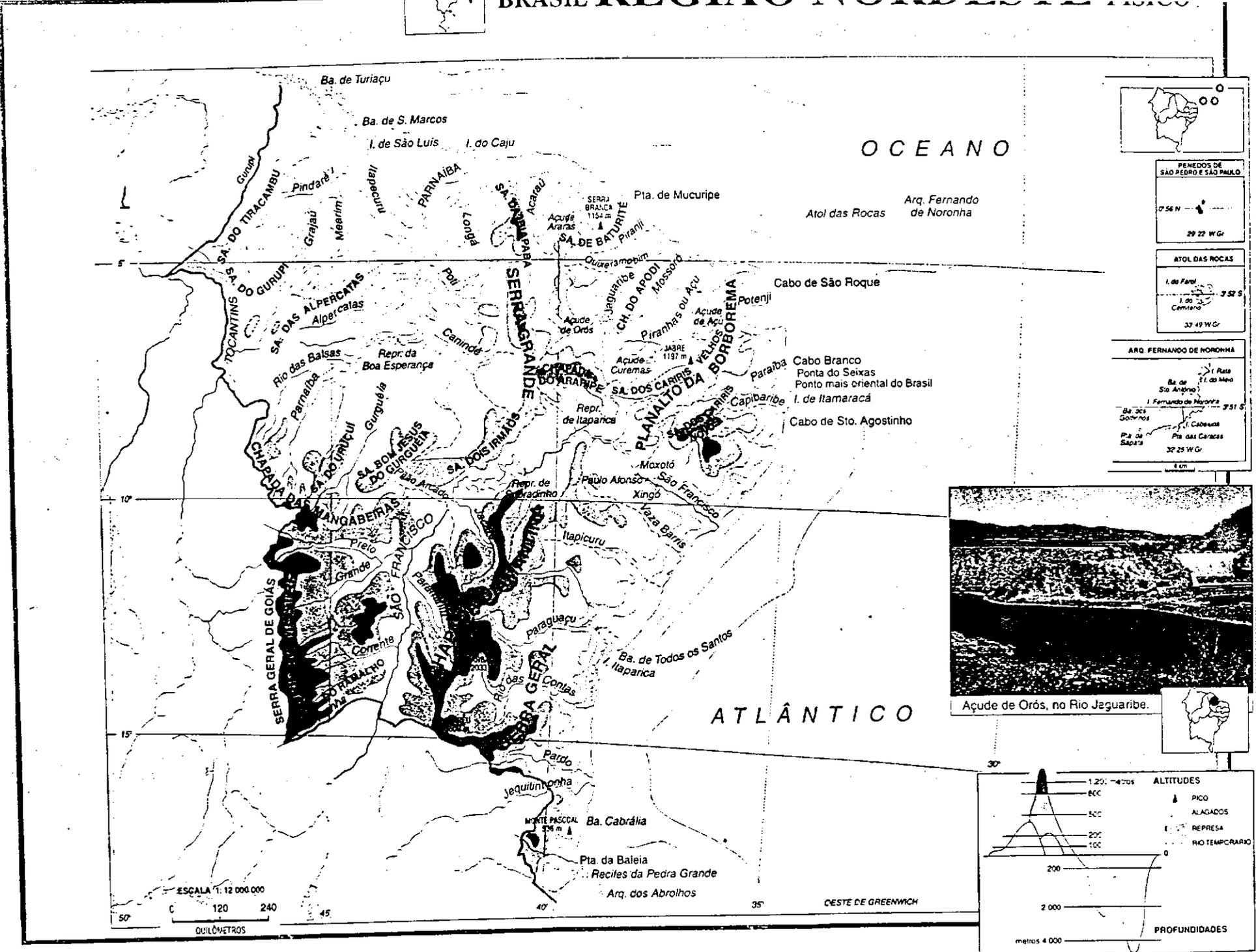
ÁREA DE VASTA IMPACTAÇÃO HUMANA

Fonte: Adaptado do IBGE. Atlas Nacional do Brasil, 1992

PARQUES NACIONAIS



Aqui lingua indigena significa "grande" por isso rio grande do norte.

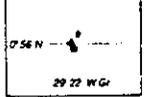


OCEANO

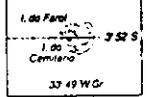
ATLÂNTICO



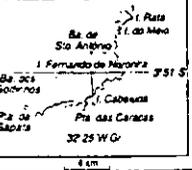
PENEDOS DE SÃO PEDRO E SÃO PAULO



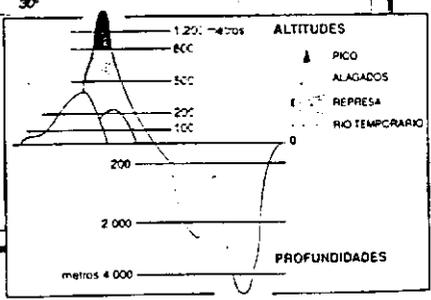
ATOL DAS ROCAS



ARQ. FERNANDO DE NORONHA



Açude de Orós, no Rio Jaguaribe.

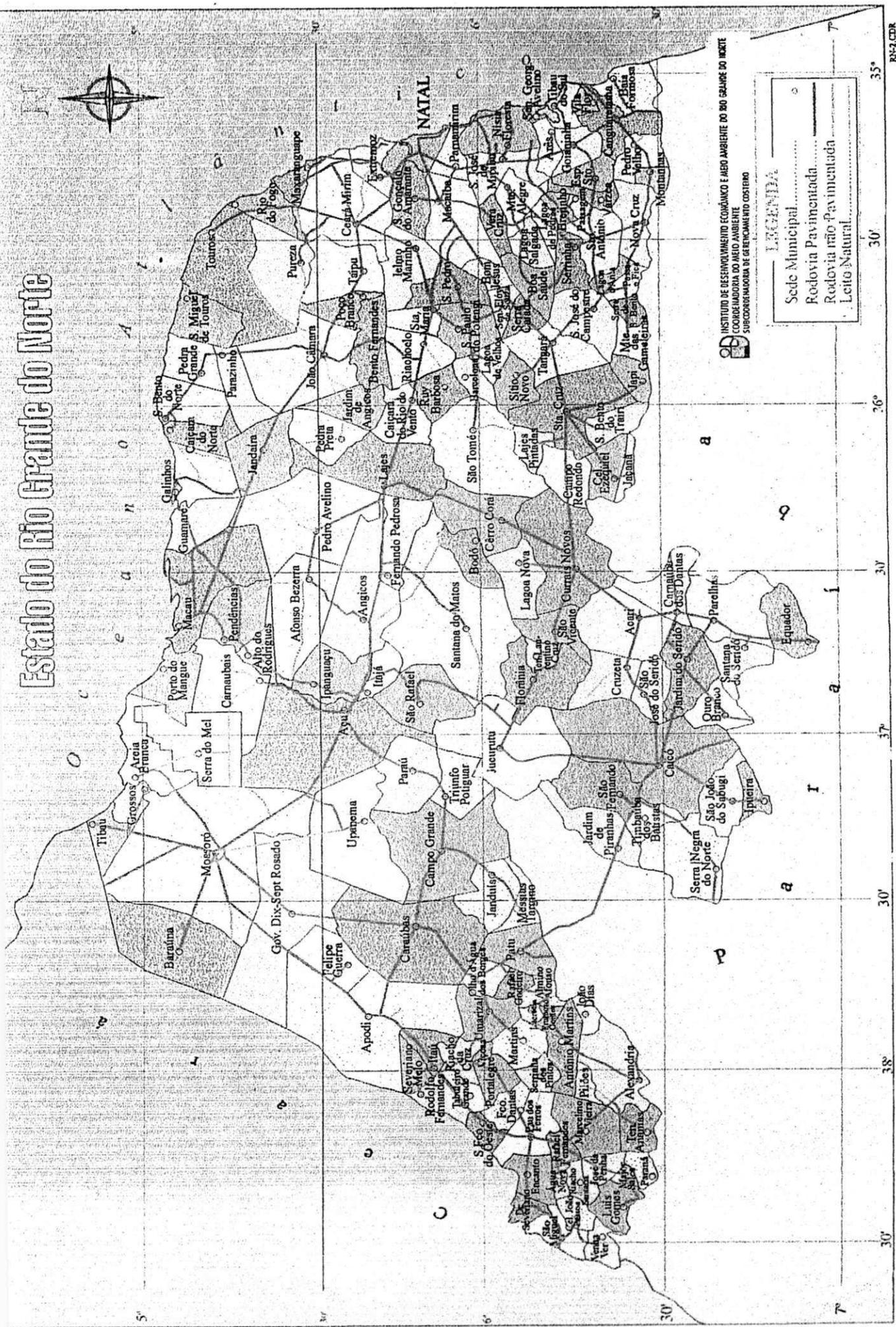


ESCALA 1:12 000 000
 0 120 240
 QUILOMETROS

CESTE DE GREENWICH

50 40 35

Estado do Rio Grande do Norte

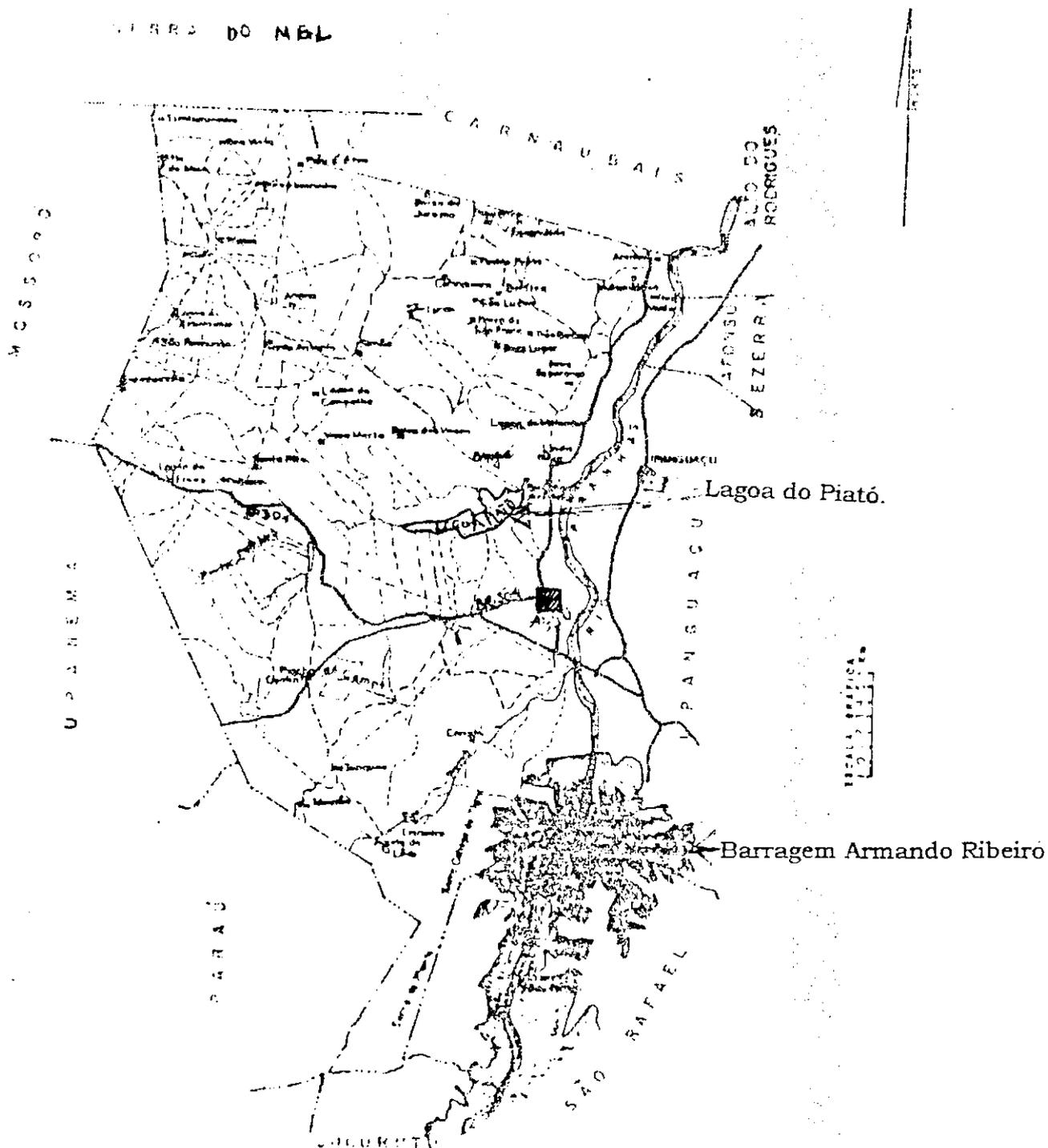


INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E MEIO AMBIENTE DO RIO GRANDE DO NORTE
 COORDENADORIA DO MEIO AMBIENTE
 SUBCOORDENADORIA DE GERENCIAMENTO COSTEIRO

LEGENDA

- Sede Municipal.....
- Rodovia Pavimentada.....
- Rodovia não Pavimentada.....
- Leito Natural.....

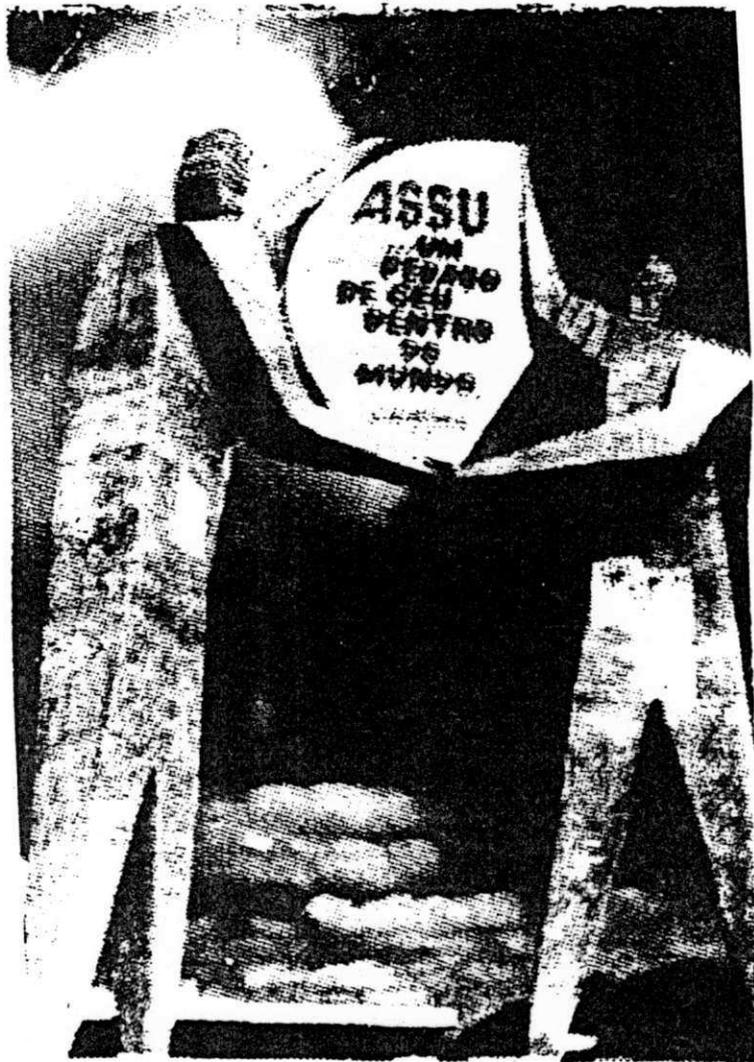
Mapa do Município do Açú/RN Descrição do Espaço Físico



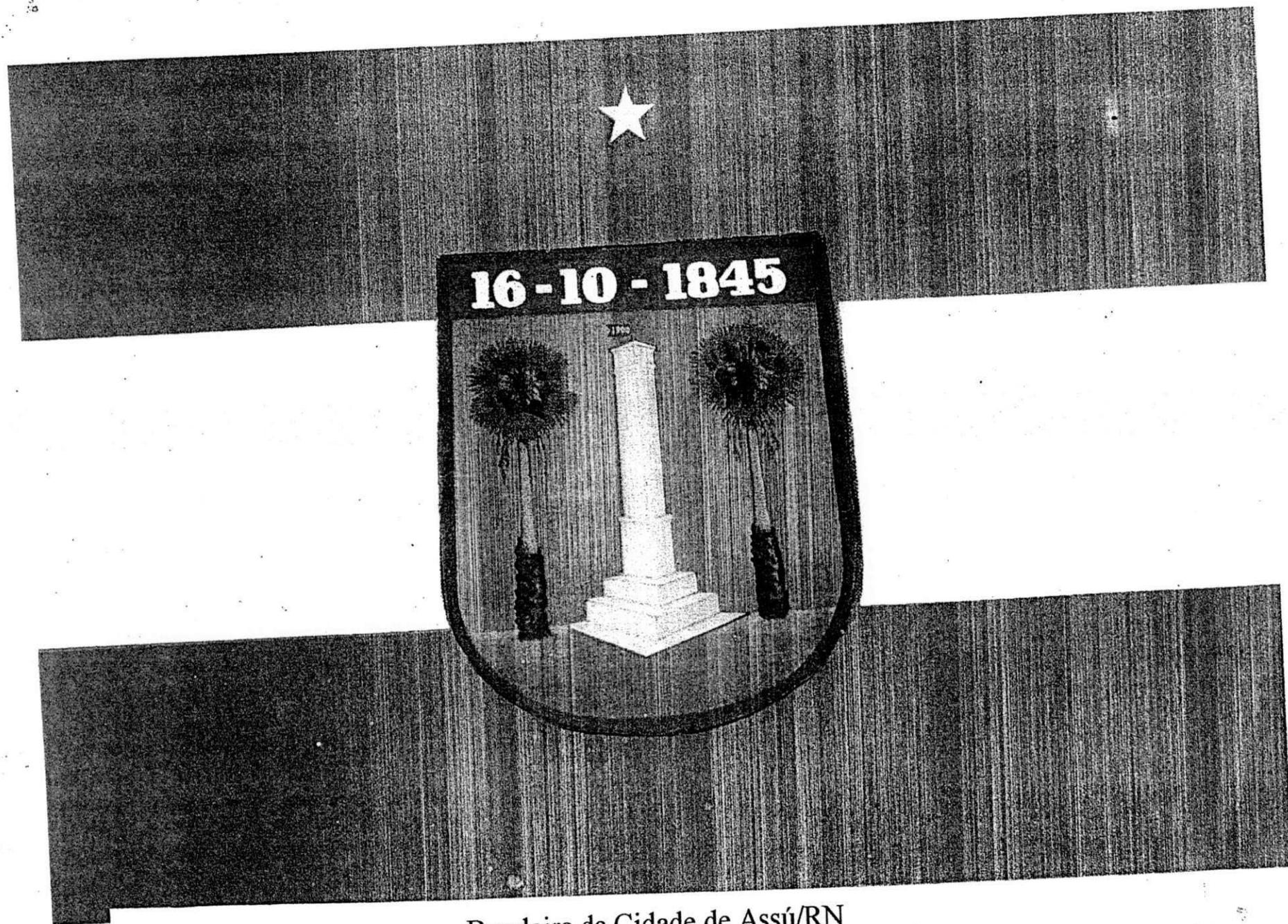
MAPA DO MUNICÍPIO

Fonte: SUDENE/IDEC

Monumento da entrada da cidade de Assú.



Monumento na BR-304



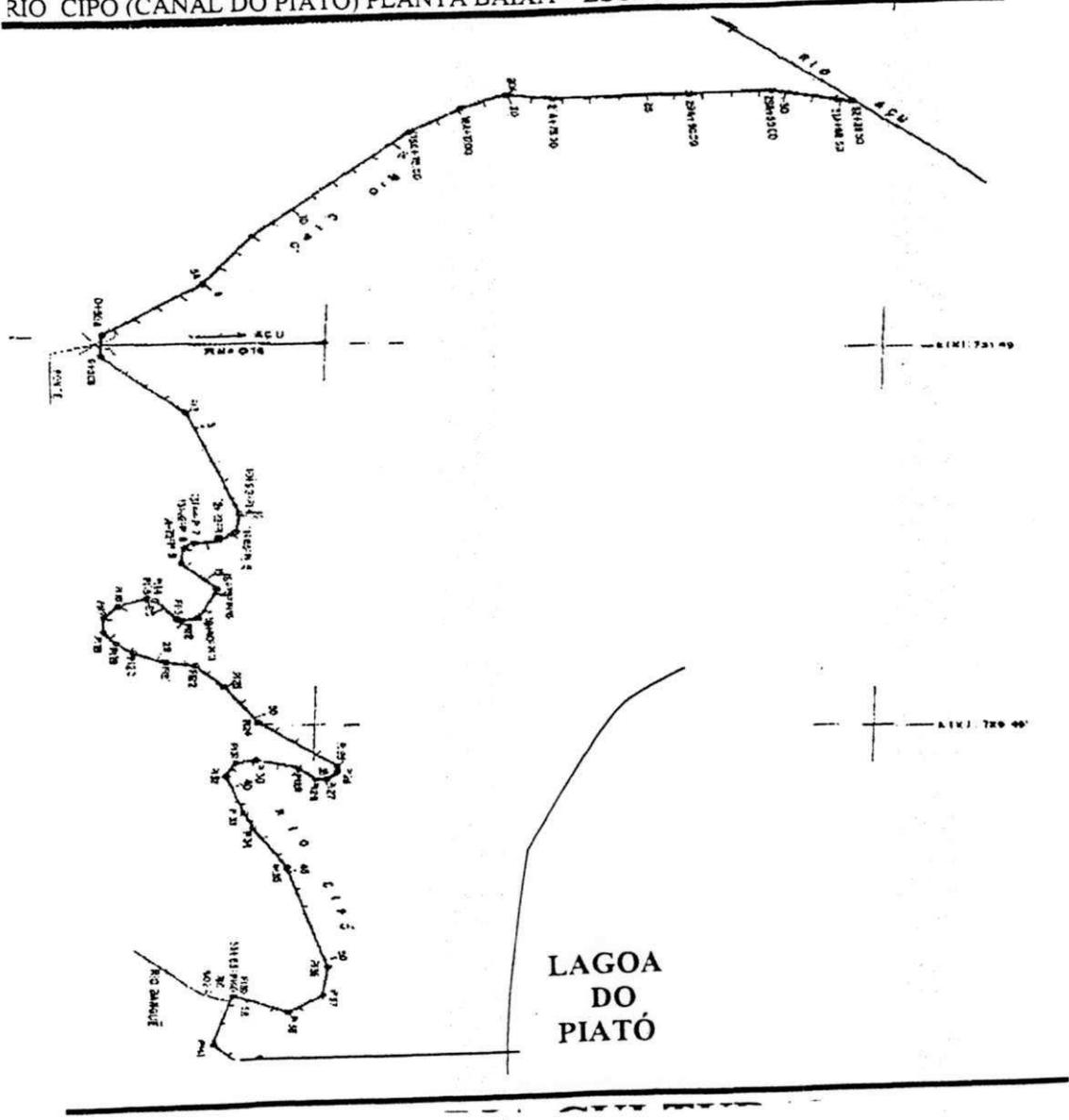
Bandeira da Cidade de Assú/RN
No escudo da bandeira a carnaúba representa a riqueza da região do Vale do

Descrição da Área da Lagoa do Piató.



Mapa do Rio Cipó (canal de abastecimento da Lagoa do Piató, Assú/RN)

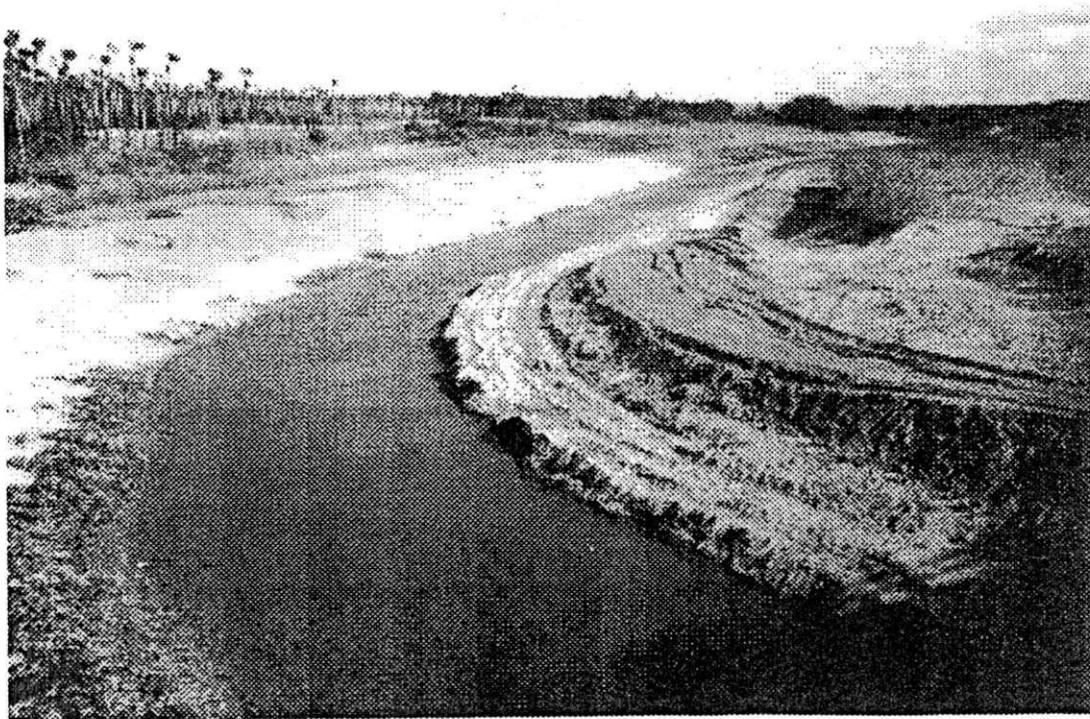
16 - outubro/novembro/dezembro 2000 - Revista ImagiNATIVA
RIO CIPÓ (CANAL DO PIATÓ) PLANTA BAIXA - ESC.: 1:20.000



02 – outubro/novembro/dezembro 2000 - Revista ImagiNATIVA

Rio Cipó..., Canal: Salvação da Lagoa do Piató

“Revitalização, morte de animais (248 só em uma propriedade), parte social e salvação geral”





Lagoa do Piató...,

Enfim, a água chegou a Lagoa do Piató.

É um dos maiores espetáculos da terra..., dos poetas..., presenciado e divulgado por este escriba, que foi duramente rotulado de "Persona non grata", pelos dez mais algozes edis, por motivos denunciatórios no cotidiano sócio-econômico-cultural-político-administrativo deste município. O Canal do Piató, agora corre velozmente ao encontro de sua grande paixão..., a Lagoa. Neste percurso de 12 quilômetros de distância e de terras férteis, prolifera os fatores sócio-econômicos do município. De um lado, temos a salvação do pescado (dentro e fora do Canal e da Lagoa), dando sustentação a alimentação de milhares de pessoas, promovendo outrossim, a salvação de animais, culturas irrigadas e do ecossistema – fauna e flora – nesse trajeto. Acompanhando de perto os trabalhos técnicos dos engenheiros responsáveis por esta obra emergencial, nas pessoas de Marcelino, Elias (Sec. Est. Rec. Híd.) e Manoel Plácido (atual Sec. Mun. Esporte, Lazer,

Eventos e Turismo do Assu), concluo que: "o Governador Garibaldi Alves Filho é realmente o Governador das Águas", e que o deputado e atual prefeito eleito do Assu em 1º de outubro último, Ronaldo Soares pode assinar este pleito do maior cunho sócio-econômico, antes de assumir a prefeitura.

Todavia, para que tudo funcione em perfeita harmonia, necessário se faz, que todos façam múltiplos usos das águas e o leito do rio e canais, obedecendo rigorosamente as leis:

Lei Federal: Dentro dos limites apregoados pelo que determina a Lei Federal 9.433, de 08 de janeiro de 1997, a qual "institui a Política Nacional de Recursos Hídricos, e cria o Sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos, regulamenta o inciso XIX do art. 21 da Constituição Federal e altera o art. 1º da Lei 8.001, de 13 de março de 1990, que modificou a Lei nº 7.990, de 28 de dezembro de 1989", sancionada pe-

lo Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso.

Lei Estadual: A Lei nº 6.908, de 01 de julho de 1996 (mais antiga do que a federal), dispõe sobre a Política Estadual de Recursos Hídricos, institui o Sistema Integrado de Gestão de Recursos Hídricos – SIGERH e dá outras providências, sancionada pelo Governador Garibaldi Alves Filho, na gestão do Secretário Estadual de Recursos Hídricos, Dr. Rômulo de Macedo Vieira. No art. 15, diz: "A implantação, ampliação e alteração de projeto de qualquer empreendimento que demande a utilização de recursos hídricos, superficiais e/ou subterrâneos, bem como a execução de obras ou serviços que alterem o seu regime, em quantidade e/ou qualidade, dependerão de prévio licenciamento das obras e da outorga do direito de uso da água pelo órgão competente". Sem prejuízo da aplicação de outras penalidades cabíveis, a inobservância ao disposto

planeta água!

Por: Zé Domingos.

neste artigo sujeitará o infrator às sanções previstas no regulamento desta lei.

Comentários: Diante do exposto, conclui-se que: não se pode mudar o curso d'água, com construções de cercas de arame, barramentos, derivações do canal, deitar toras de madeiras com o intuito de fazer passagens, tanto para pedestres, quanto para automóveis, e, o próprio bombcamento d'água, sem uma prévia autorização da Secretaria Estadual de Recursos Hídricos. O que se pretende com isso, é que, as pessoas, principalmente àquelas diretamente beneficiadas, façam múltiplos usos das águas, até porque é melhor usá-las do que perdê-las pela evaporação e/ou infiltração.

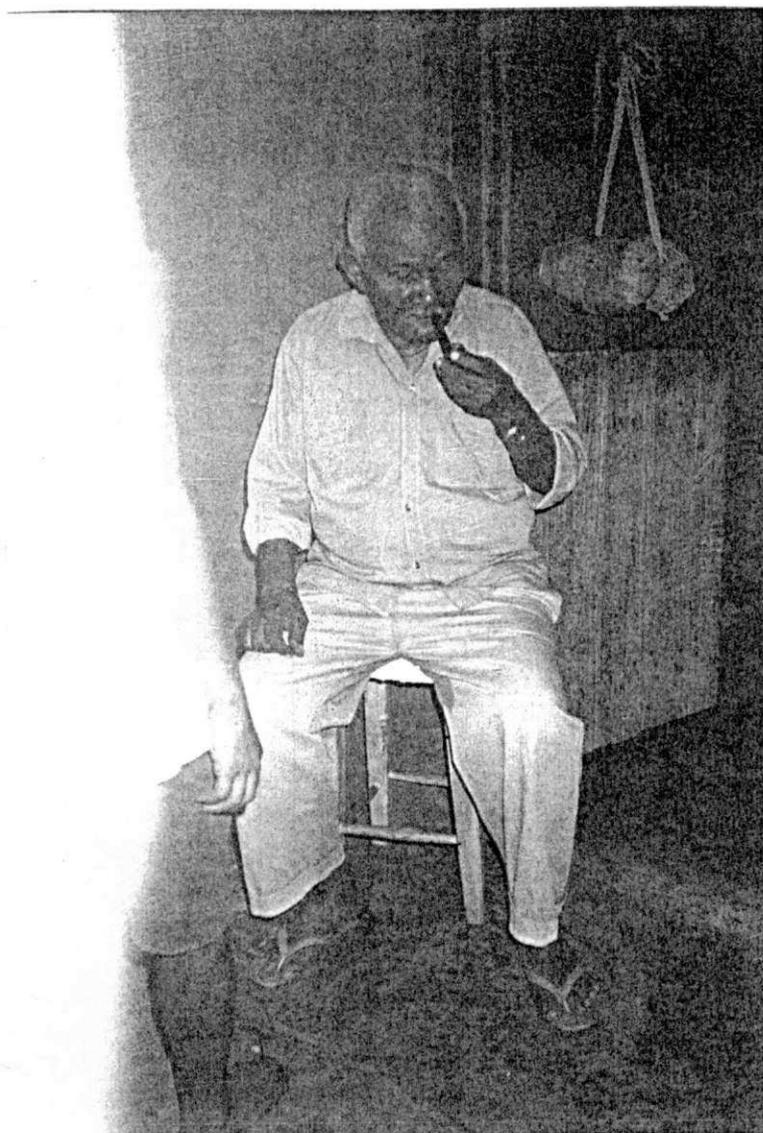
De acordo com cálculos preliminares, a Lagoa do Piató está recebendo em seu leito o equivalente a 1.000 litros d'água por segundo. Isto, daria para enchê-la no período aproximado de trinta e seis meses, sem contarmos com a evaporação.



COMUNIDADE OLHO D'ÁGUA PIATÓ/ ASSÚ/RN/2003



João de Melo – 86 anos – habitante da Comunidade Bangüê.
Descendente dos Índios Tapuias.



COMUNIDADE PORTO PIATÓ/2003
PREVALECE A MORADIA DE CASAS DE TAIPAS



Tecer rede de pesca é uma atividade desenvolvida por mulheres, crianças, adolescentes, idosos para complemento da renda familiar.

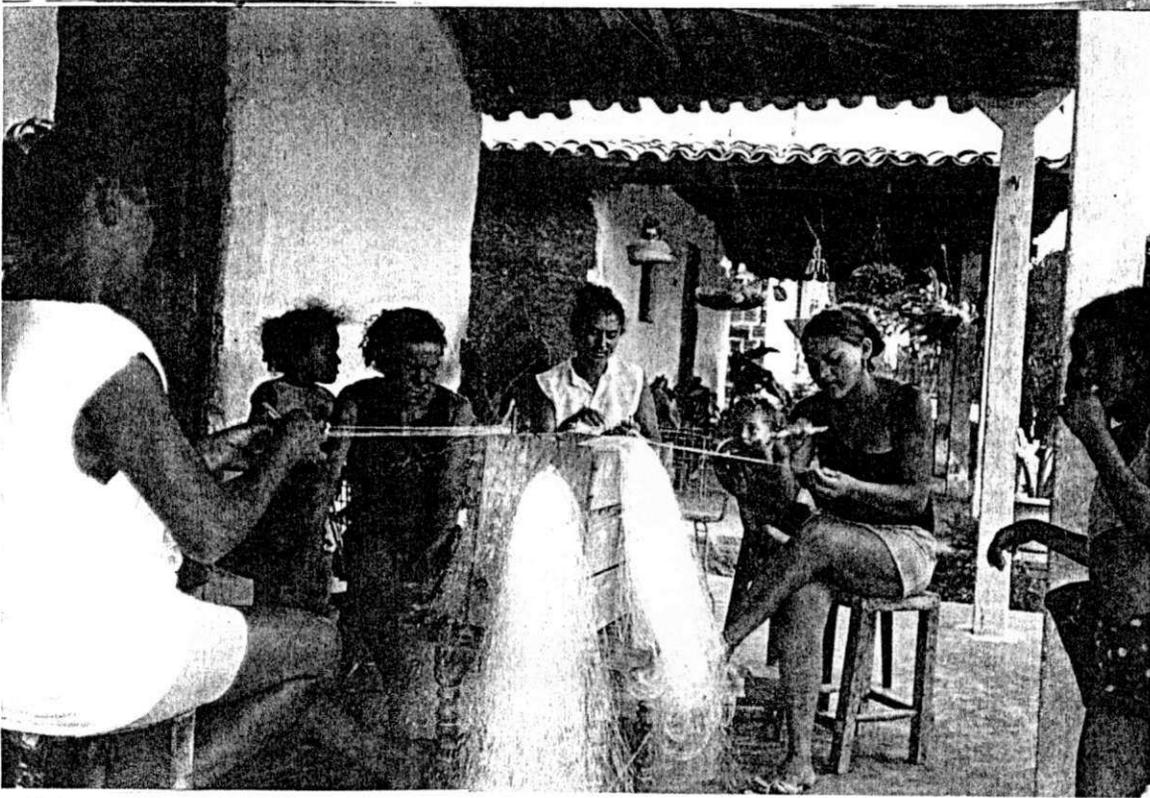
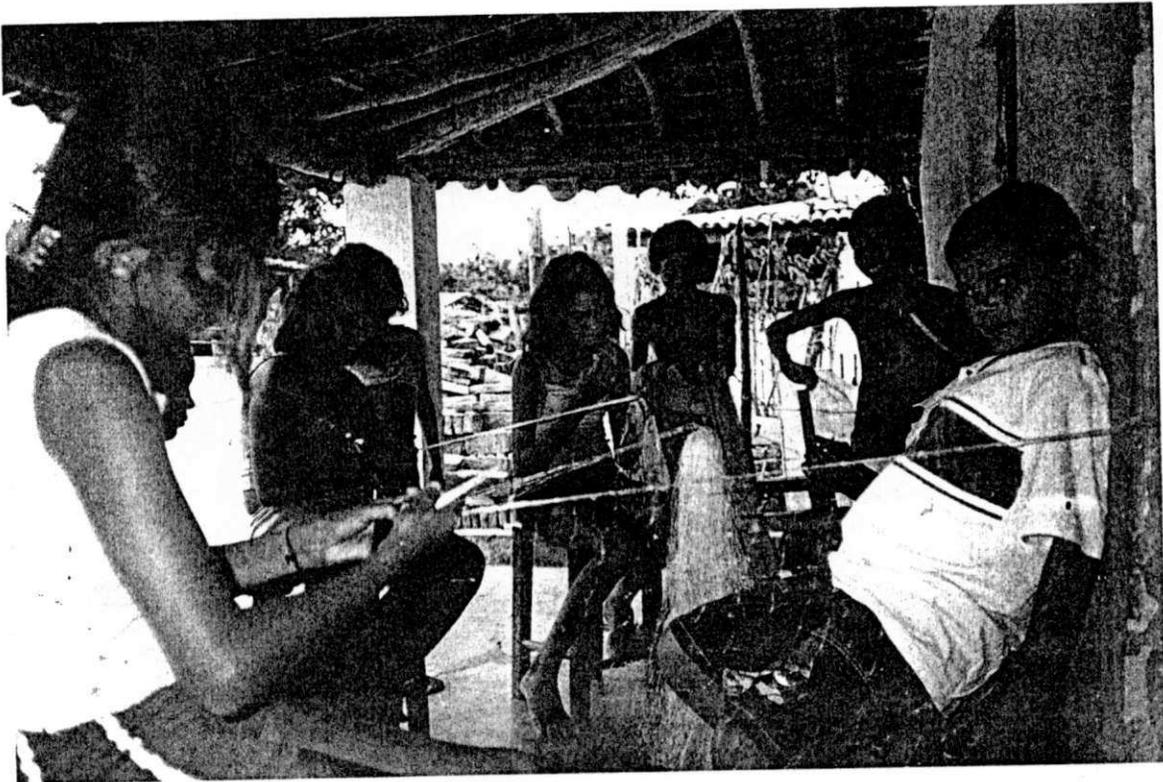


Foto em locus - Assú/2003



COMUNIDADE PORTO PIATÓ/ 2003
ESGOSTOS À CEÚ ABERTO



Associação comunitária melhora a vida de pescadores da Lagoa do Piató

Preservação

da Lagoa de Piató garante sobrevivência da comunidade

Ao redor da Lagoa do Piató, município de Assu, 88 famílias de pescadores buscam melhores condições de vida através da associação comunitária. A comunidade Porto Piató depende da lagoa para sobreviver e está tomando medidas para garantir a sustentação do ambiente e das famílias. Em assembléia, foram estabelecidas regras de controle do pescado da lagoa. Na época da desova e da fase de crescimento dos peixes, a pesca só pode ser feita para o consumo das famílias, com redes de malhas largas. A medida visa garantir a sobrevivência futura dos moradores, que já se preparam para a época da pesca comercial.

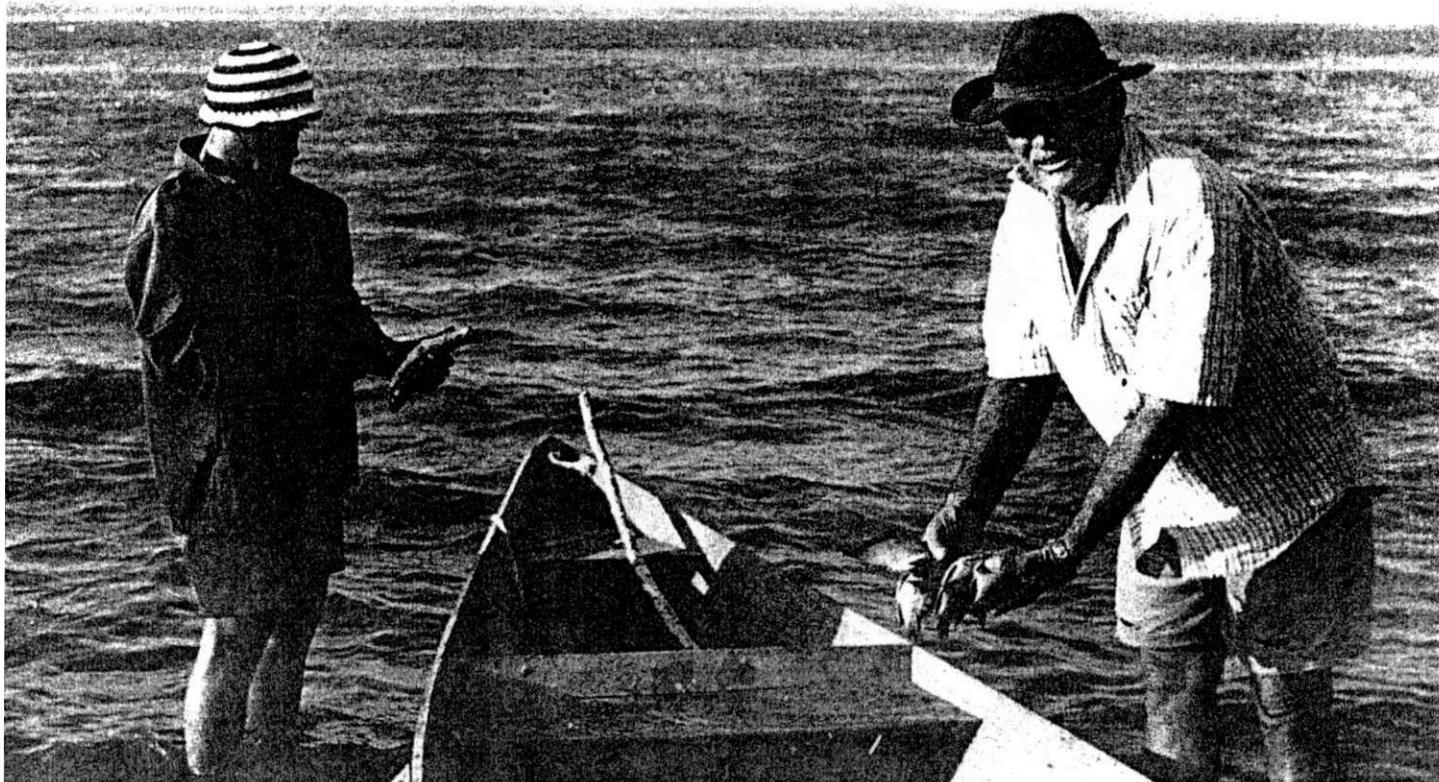
Um grupo de 58 pescadores adquiriu equipamentos que vão melhorar as condições de trabalho e comercialização do pescado, no período da liberação da pesca. Cada participante do projeto vai receber uma canoa, uma caixa grande de isopor e linha de pesca. A comunidade adquiriu, também, uma unidade de beneficiamento do pescado, montada com frizeres, balanças, pias, e uma infra-estrutura em cerâmica que garante higiene e saneamento adequado. Para a montagem do projeto,

os pescadores conseguiram recursos junto ao PAPP, com a assessoria técnica do SEAPAC de Mossoró. Os 10% de contrapartida da comunidade, no projeto, são de responsabilidade das mulheres. "Nós compramos a linha e elas tecem as redes," confirma o presidente da Associação, Deodécio Cosme de Souza.

Por causa da seca de 1958, a lagoa secou e os pescadores tiveram de procurar meios de sobrevivência, noutras regiões. Aos 6 anos de idade, José Alves da Costa foi morar em Jaguaribe, no Ceará, junto com a família. "Voltei para o Porto Piató com 15 anos," relembra. Hoje, com 54 anos, é pai de 7 filhos e já tem netos. Pescador desde criança, ele diz que ficou em situação difícil, quando a lagoa secou novamente, há cerca de dois anos. "A água que enche a lagoa vem do Rio Assu. A barragem retém a água. Depois de muito esforço da comunidade e repercussão do fato na imprensa, as máquinas desobstruíram o canal e a lagoa encheu," relata o agrônomo Edmar Filho, do SEAPAC. Em parceria com o Ibama, o SEAPAC está ajudando a comunidade na recuperação do potencial da lagoa.



RECUPERAÇÃO. Comunidade de Piató aprendeu a importância da preservação da lagoa



LIXO ACUMULADO AS MARGENS DA LAGOA DO PIATÓ/
ASSÚ/ 2003



LIXO ACUMULADO AS MARGENS DA LAGOA PIATÓ ASSÚ/2003.



Procissão organizada pela comunidade de Porto Piató dentro da Lagoa do Piató, no dia da Padroeira Nossa Senhora dos Navegantes -18 de Julho. Cerca de 250 canoas, navegação em toda a extensão da Lagoa.



Reunião com a comunidade no Porto Piató.



DEPREDAÇÃO DO MEIO AMBIENTE AS MARGENS DA
LAGOA PIATÓ/ASSÚ/RN 2003



MADEIRA APRISIONADA PELO AGENTES DO
IBAMA/MOSSORÓ/RN